



DOSSIÊ

Qual comunismo?

Cadernos de Formação n.2
Brasil, 2020

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO (Resistência Autonomista).....	03
AS ORIGENS DO NACIONALISMO NO PROLETARIADO (Herman Gorter).....	06
A IMPOTÊNCIA DO GRUPO REVOLUCIONÁRIO (Sam Moss).....	16
PARTIDO E CLASSE (Anton Pannekoek).....	20
O SINDICALISMO (Anton Pannekoek)	22
A LUTA AUTÔNOMA (Lúcia B. Bruno)	29
INTRODUÇÃO A <i>PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE UMA PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO COMUNISTA</i> (Paul Mattick).....	33
INTRODUÇÃO A <i>COMUNISMO ANTIBOLCHEVIQUE</i> (Paul Mattick)	41
ESPONTANEIDADE E ORGANIZAÇÃO - INTEGRAÇÃO CAPITALISTA E RUPTURA OPERÁRIA (Paul Mattick).....	46
TESES SOBRE O BOLCHEVISMO (Helmut Wagner).....	61
SOLIDARITY: VIVER E LUTAR, PENSAR E ATUAR (Solidarity).....	78

Apresentação

1. Para compor este segundo *Cadernos de Formação* (CF-2) reunimos dez textos que agora entregamos para a leitura e o estudo da militância anticapitalista do século XXI.
2. O Dossiê se inicia com “As origens do nacionalismo no proletariado”, de autoria de Herman Gorter (1864-1927) ¹ escrito em 1915. Muito além de demonstrar os males do nacionalismo em si, alerta para as consequências de o proletariado se deixar seduzir pelo discurso reformista.
3. O segundo texto deste CF-2 foi escrito por Sam Moss, conselheiro estadunidense, intitulado “A impotência do grupo revolucionário”. Nele são analisados dilemas que todo militante da autonomia proletária enfrenta em seu cotidiano ao se deparar com a aparente passividade da classe.
4. São da lavra de Anton Pannekoek (1873-1960) ² o terceiro e quarto textos, respectivamente intitulados “Partido e Classe” e “O sindicalismo”. Aqui o autor aponta os limites de tais instrumentos, em sua essência, para a emancipação do proletariado.

¹ Natural da Holanda e filho de pastor calvinista. Um dos maiores poetas em língua holandesa, de inspiração lírica social, defensor de uma arte proletária. Obra mais conhecida: *Mayo* (1889). Em 1897 adere ao Partido Operário Social-Democrata - SDAP, seção holandesa da II Internacional. Excelente orador, propagandista e divulgador. Em 1907 integra a oposição de esquerda agrupada em torno do jornal *De Tribune* (A Tribuna). Expulso juntamente com este grupo em 1909, funda o *Sociaaldemokratische Partij* – SDP (Partido Social-Democrático), este pequeno partido (menos de 500 membros) foi dos únicos que se separou da social-democracia **antes** da guerra de 1914-18. Gorter se envolveu na luta anti-revisionista da esquerda comunista internacional. Em 1914 rejeitou a guerra caracterizando-a como imperialista, afirmou a necessidade de uma nova internacional proletária e combateu a liderança indecisa do SDP. Em 1917 entrou em contato com os bolcheviques na Suíça e se correspondeu com Lenin. Nessa fase (1917-1918) aprova a Revolução Russa e chega a fazer apologias de Lenin. Em novembro 1918 não compareceu à fundação do PC holandês (ao qual faria duras críticas) e desde então se dedicou inteiramente à Alemanha. Desde 1919, tornou-se o principal teórico da linha majoritária do KAPD: por um partido, pelas uniões proletárias e pelo sistema de conselhos proletários, uma das mais claras expressões da revolução operária. No Verão de 1920 escreveu “Carta aberta ao camarada Lênin” em resposta ao “Esquerdismo...”. Em novembro de 1920 vai a Moscou com Schröder e Rasch, que resultou na admissão do KAPD na III Internacional. Em 1921 participou na elaboração do documento “O caminho do Dr. Levi, o caminho do VKPD”, em que, ao mesmo tempo, apóia a solidariedade e a combatividade do proletariado na Ação de março e ataca Levi por pacifismo social e o PC Alemão (VKPD) por aventureirismo. Depois de julho de 1921 e do III Congresso da III Internacional impulsiona a ruptura com esta e a criação de uma nova Internacional. Na cisão do KAPD, é um dos líderes da tendência “Essen” e, em seguida, dedica toda a sua energia para a construção da Internacional Comunista Operária (KAI). Diante do fracasso, se coloca “fora das frações” e passa a trabalhar pela reunificação do KAPD se reaproximando da tendência “Berlim” (Rühle). Morreu em 1927 convencido de que havia chegado um duradouro e difícil tempo de reação.

² Cientista e teórico marxista holandês. Como cientista obteve reconhecimento internacional por seus trabalhos na área da astronomia. Como teórico, concebia o marxismo como a ciência aplicada aos problemas sociais e a humanização da ciência como um aspecto da humanização da sociedade. Sempre sustentou que o marxismo não era um dogma, mas um método de pensamento aplicável aos problemas sociais no processo real de transformação social, por tal motivo, para Pannekoek a teoria marxista não apenas seria ultrapassada pelo próprio marxismo em certos aspectos, como algumas de suas teses, originadas de condições determinadas, deveriam perder validade quando as condições mudassem. De sua obra sobressaem com solidez pelo menos duas ideias: 1) a autonomia do proletariado frente aos capitalistas e à degeneração burocrática de partidos e sindicatos de trabalhadores; 2) a impossibilidade de reconstruir o movimento operário nos moldes em que existiu, tanto antes de 1914, quanto no período de 1917-21.

5. Lúcia Bruno contribui com o quinto texto intitulado “A luta autônoma”, de maneira a elucidar a dinâmica das lutas proletárias que buscam a construção da autonomia da classe frente aos aparelhos burocráticos.

6. De Paul Mattick (1904-1981)³ foram incluídas três contribuições. Em “Introdução a Princípios Fundamentais de uma Produção e Distribuição Comunista” o autor apresenta os desafios econômicos com os quais o proletariado irá se deparar em sua tarefa de derrubar o modo de produção capitalista e autogerir a produção da vida material em âmbito global. Já no “Introdução a Comunismo Antibolchevique” são expostas as falácias do discurso bolchevique, principalmente que no tange às lutas anti-imperialistas e de libertação nacional, utilizadas para engajar o proletariado sob bandeiras que nada têm de conteúdo anticapitalista. Ao passo que em “Espontaneidade e Organização - Integração Capitalista e Ruptura Operária” é abordada a relação das organizações revolucionárias com a espontaneidade da classe e o nível de comprometimento com a autonomia de suas lutas.

7. O nono texto se intitula “Teses sobre o Bolchevismo” de 1935 está assinado por Helmut Wagner encarregado de redigir em nome do GIK e demonstra cabalmente que o bolchevismo é um inimigo interno do proletariado na construção do comunismo.

³ Alemão natural da Pomerânia (região na costa sul do Mar Báltico que hoje pertence à Polônia) de família proletária de tradição socialista. Militante das Juventudes Espartaquistas desde os 14 anos, foi eleito, durante o período revolucionário, delegado ao Conselho operário das fábricas Siemens, em Berlim, onde era ferramenteiro aprendiz. Participou em numerosas ações, revoltas de fábricas, motins de rua, sendo preso e a sua vida foi ameaçada por diversas vezes. Em 1920 abandona o partido comunista, que se tornara parlamentarista, e se junta às tendências comunistas de conselhos que formam o KAPD (Partido Comunista Operário da Alemanha). Aos 17 anos já escreve nas publicações da juventude comunista e se muda para Colônia, onde encontra trabalho, prosseguindo simultaneamente a atividade de agitação nas Uniões Operárias, de que Otto Rühle era um dos fundadores. Como tantos outros comunistas antibolcheviques, e graças à sua infatigável atividade subversiva, o seu nome rapidamente foi para as listas vermelhas do patronato. Desempregado, perseguido pela polícia e pelos nazis, marginalizado pelos comunistas ortodoxos, consciente do declínio do movimento revolucionário, pela escalada do nazismo e a bolchevização dos comunistas, Paul decide, em 1926, emigrar com outros camaradas para os EUA. Após alguns anos de instabilidade, que ele aproveita para estudar Marx, repensar as teorias da crise e suas relações com a atividade revolucionária, Paul instala-se em Chicago, onde trabalha como ferramenteiro na metalurgia. Entra em contato com os IWW (*Industrial Workers of the World*), sindicalistas revolucionários ativos no movimento dos desempregados que então se desenvolvia. Participa ativamente neste movimento, nos grupos de desempregados radicais da região de Chicago (*Workers League*), que preconizavam, contra a posição das organizações ligadas ao PC dos EUA, a ação direta para obter os meios de subsistência. Em seguida se organiza em um pequeno partido de orientação comunista de conselhos. Deste ambiente nascem as revistas *International Council Correspondence* (1934-38), *Living Marxism* (1938-41) e *New Essays* (1942-43), de que Paul era o redator. Nesta época entrou em contato com Karl Korsch, de quem se tornou amigo, colaborador destas publicações, tal como Pannekoek e outros comunistas antibolcheviques europeus e estadunidenses. Dedicavam-se particularmente a analisar as formas da contrarrevolução capitalista e de integração da classe proletária no Estado: os diversos fascismos e o New-Deal estadunidense. Durante a guerra, Mattick continuou a trabalhar como metalúrgico e combatia a cláusula antigreve até ser ameaçado pela burocracia sindical, à época sob controle dos stalinistas estadunidenses, que impunha a paz social nas fábricas, em nome da defesa da democracia e da aliança com a Rússia de Stálin. Em 1969 publicou “Marx e Keynes, Os Limites da Economia Mista”, uma das principais obras do pensamento marxista antibolchevique do pós-guerra. No fim dos anos 1960, nos processos de ascenso das lutas estudantis e operárias, suas concepções encontraram um novo interesse entre a juventude. Paul viajará por todo o lado, na Europa e no México, para dar conferências, encontrar pessoas, escrever nas publicações radicais. Até à sua morte, em 7.2.1981, defendeu que a transformação do mundo e a eliminação do capitalismo somente poderá se realizar pelos próprios interessados e que o esforço de compreensão do mundo não tem sentido sem o objetivo de transformá-lo.

8. Por fim, são apresentados três escritos da organização britânica *Solidarity* reunidos e apresentados pelo CICA (Círculo de Comunistas Antibolcheviques da Galiza - Estado Espanhol) sob o título de “*Solidarity*: viver e lutar, pensar e atuar” por meio dos quais são desfeitas algumas confusões que porventura podem acometer os militantes comunistas e ainda apresenta em detalhes qual é nova sociedade pela qual lutamos.

Que o estudo seja proveitoso e se reverta em ações transformadoras.

Resistir até o capital cair

RESISTÊNCIA



AUTONOMISTA

Texto 1

AS ORIGENS DO NACIONALISMO NO PROLETARIADO

Herman Gorter

Este texto é uma seção da obra de Gorter «O imperialismo, a guerra mundial e a social-democracia», traduzido pelo autor para o alemão em 1915. Esta versão está baseada na tradução inglesa do texto alemão, realizada por D.A. Smart em 1977 e publicada no livro «O marxismo de Pannekoek e Gorter» (Pluto, Londres). As separações em números romanos são desta edição.

I

1. Como o proletariado pode negar seus próprios interesses deste modo e pôr-se tão completamente a serviço da burguesia?
2. Se buscarmos a razão, nosso primeiro achado será que o proletariado ainda não sabe intervir contra a burguesia como uma só entidade internacional. E o segundo achado, será que o proletariado não sabe como lutar por objetivos superiores, de longo prazo, mas apenas por objetivos menores, de curto prazo.
3. Esta é a causa da sua incapacidade de atuar em escala internacional na busca de objetivos de longo prazo, quando assim foi necessário fazê-lo. Não soube o que fazer.
4. Numa palavra, a luta internacional pelo objetivo último, pelo socialismo, não significava nada para ele. Posto que a luta contra o imperialismo que domina o mundo é a luta contra a expansão do capital, é a luta contra a essência do capitalismo, é a luta pelo socialismo.
5. Deste modo, é a falta de entendimento do proletariado internacional a responsável pela maneira como tem atuado. Primeiro e acima de tudo, a sua falta de entendimento. A classe operária em conjunto e o operário individual devem ter um alto nível de conhecimento para assumir a ação em escala internacional.
6. O nacionalismo do proletariado tem uma natureza distinta do nacionalismo burguês. Para o burguês, a nação é a organização político-econômica cuja unidade e fortaleza lhe permitem fazer produtivo o seu capital, tanto em casa como no estrangeiro. Em casa, a nação governa os operários no seu interesse; no estrangeiro, defende os seus interesses pela força das armas e estende a sua influência para a sua causa. Esta é a base do nacionalismo burguês, que deste modo é muito ativo no seu caráter, assim como o é o capital do burguês.
7. O operário, por outra parte, não tem capital, só recebe os seus salários. O seu nacionalismo é, por conseguinte, passivo, assim como é passivo para receber os salários. Mas a grande maioria dos operários, não obstante, vive pelo capital nacional. O capital nacional é, de fato, seu inimigo, mas é um inimigo que os alimenta. Assim, ainda que o trabalhador só seja nacionalista passivamente, é nacionalista e não pode ajudar sendo nacionalista enquanto não seja um verdadeiro socialista. Porque a nação, o capital da nação, é o fundamento da sua existência. E, por conseguinte, enquanto não for um socialista, não pode ajudar acreditando que o interesse do capital nacional é o seu próprio e que deve defendê-lo contra inimigos, porque o bem-estar do seu capital é também o seu próprio bem-estar.
8. O nacionalismo do operário consiste numa série de sentimentos e instintos geralmente primitivos, que estão vinculados ao impulso de auto-preservação e estruturados ao seu redor. Em primeiro lugar, o instinto de preservar a sua existência mediante o trabalho, mediante os seus salários. E, conectado a isto, os sentimentos concernentes ao seu lar, à sua casa natal, à sua família, à tradição, ao costume, à lealdade, à localidade imediata, à sua gente, ao seu partido - e o instinto de conservar tudo isto, que vincula totalmente ao seu ego e que deste jeito está intimamente ligado ao impulso de auto-conservação. Quase moribundos na vida diária, a ameaça ou a sombra do perigo os desperta com uma força elementar, precisamente devido a esta conexão com o impulso de auto-conservação.

9. E se inflamam no lume da paixão, de ódio frente ao inimigo, de amor fanático pelo próprio país, quando o impulso de auto-preservação se alia com os instintos sociais de ligação e unidade com seus iguais - neste caso, os companheiros compatriotas, aqueles que são da mesma classe e nação. Requer-se um alto grau de conhecimento para que este instinto, estes sentimentos, sejam superados. Seja num momento dado, em qualquer momento ou sempre, e para que a luta de classe não seja abandonada pela luta em nome da nação.

10. E assim o operário deve compreender que sob o capitalismo o nacionalismo está a lhe fazer um grande dano, muito mais do que as vantagens que proporciona. Deve compreender em que consistem o dano e as vantagens. Deve contrapesar uma coisa frente à outra. E este processo de pensar, este conhecimento, deve ser de tal qualidade, deve ter penetrado a sua consciência tão completamente, que não só supere os instintos de nacionalismo, mas que tome o seu lugar. Esta é uma tarefa extremamente difícil e que requer um período muito longo.

11. Portanto, o operário deve compreender que o imperialismo governa toda a política, bem como ameaça à classe operária com a ruína e a fragmentação causando guerras intermináveis, que as guerras defensivas já não podem empreender-se sob o imperialismo, e por último e mais importante, que o imperialismo - e aqui coincide tão estreitamente com o nacionalismo a ponto de se fundir com ele - unifica a todos os capitalistas nacionais contra o proletariado mundial, o qual deve se unir contra eles. E que a luta contra o imperialismo é, por conseguinte, a luta pelo socialismo. O operário deve saber tudo isto. E não com palavras e frases ocas, com uma compreensão vazia, superficial e fugaz, mas com um conhecimento profundo e completo. O conceito deverá ter penetrado até mesmo nos ossos.

12. Isto também é uma tarefa longa e cansativa. A desmitificação do imperialismo e a correspondente erradicação do nacionalismo são um poderoso passo adiante, um tremendo incremento na consciência e, assim, no desenvolvimento do proletariado militante.

II

13. A nova propaganda necessária para lograr isto nesta nova fase do capitalismo é uma das tarefas mais sublimes, delicadas e frutíferas que podem ser realizadas em favor do proletariado. Contra o nacionalismo, contra o imperialismo, pelo socialismo.

14. O proletariado nunca tinha feito nada disto antes. Sempre assumira a sua ação em escala nacional, nunca antes em escala internacional. E nunca antes tinha agido contra o imperialismo internacional. O proletariado nacional e, portanto, o proletariado internacional, nunca tinha experimentado a luta contra o imperialismo internacional.

15. Havia, por suposto, grupos e indivíduos entre os operários de cada país, e, sobretudo na Alemanha, que tinham superado os instintos nacionais por meio do conhecimento e da intuição. A social-democracia erradicara estes instintos de certos corações. E estes grupos e indivíduos teriam lutado com gosto contra a guerra com todas as suas forças. Mas, em primeiro lugar, estes grupos e indivíduos estavam, na nossa estimativa, muito escassos em número. Inclusive na Alemanha. Em Inglaterra eram difíceis de encontrar⁴, e de modo similar na França.

16. Em segundo lugar, eles não viram como poderiam combater a guerra. Mesmo aqueles que reconheceram os meios a usar contra a guerra, seguiram sem ver como colocá-los em prática.

17. Como podemos ver, o único meio para combater a guerra imperialista é a ação nacional em escala de massas pelo proletariado, empreendida simultaneamente pelo proletariado internacional inteiro.

18. Se estes grupos de operários tivessem reconhecido a maneira de comprometer-se em tal curso de ação, vendo-a claramente ante eles, teriam optado por ela, e não só isso, teriam levado com eles às grandes massas dos operários.

19. Explicaremos abaixo as razões pelas quais não viram o caminho diante de si, por que não o reconheceram.

⁴ As razões da guerra, para a oposição do Partido Trabalhista Independente na Inglaterra, são de natureza pequeno-burguesa. É a pequena burguesia inglesa, que acredita que Inglaterra já tem colônias suficientes.

20. O que foi a história prévia da Internacional?
21. No começo era uma federação de sindicatos e grupos progressistas e socialistas. Os que expressavam brilhantemente os pensamentos e sentimentos dos grupos mais militantes, mais desenvolvidos da classe operária, particularmente na esfera da política exterior, dos problemas políticos europeus; os que pela primeira vez na história mundial, e para maravilha dos operários e terror da burguesia, se apoiaram uns aos outros em escala internacional; os que pela primeira vez na história mundial teceram uma ligação ao redor do proletariado inteiro; os que abertamente declararam o comunismo como a sua meta, que era uma luz resplandecente para os operários e o primeiro grande desafio à burguesia internacional, e que semearam a semente dos partidos do futuro.
22. Um gênio veio ante eles, um semeador passou pelos países da Europa e América.
23. Tinham um programa e um executivo, enviando-lhes as diretrizes que emanavam do cérebro de Marx e que iluminaram o caminho do futuro como brilhantes tochas; um executivo para dar-lhes direção. Mas as únicas ações mancomunadas em que se comprometeram foram manifestações.
24. Depois de 1872, esta Internacional derrubou-se pela divisão interna, muito antes de poder fazer algo mais em conjunto, como uma entidade. Era ainda demasiado débil para a luta prática internacional; o período não estava ainda maduro para isto. Somente difundira a semente por distintos países.
25. A partir dela, logo cresceram ali lentamente os partidos nacionais e os sindicatos. Uma grande época começava agora para os operários.
26. Milhares de homens e mulheres inspirados pelos pensamentos de Marx e da Internacional, mergulharam entre os operários de cada país e predicaram o comunismo e o socialismo. Eram seus os melhores cérebros e os mais calorosos e apaixonados corações, os de caráter mais elevado e sublime. Pois a luta era dura e cheia de perigos; a resistência da burguesia obstinada; a recompensa material pequena ou nula.
27. E os operários que escutavam eram os melhores, os mais militantes, os mais inteligentes, os mais valentes. E, ao mesmo tempo, todos eles mergulharam tanto na teoria quanto na prática.
28. A política dos operários sustentava-se num grande objetivo teórico: a revolução. Assim era em muitos países da Europa: Alemanha, Áustria, França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha, Itália.
29. Poderíamos chamar a este o período da revolução na teoria e na prática.
30. O número que tomava parte era ainda pequeno. Mas foi durante este período quando se conseguiu a maioria na maior parte dos países. Inclusive em termos de reformas. O assalto era tão selvagem e furioso, o assombro e terror da classe dominante tão grande, que concederam algumas reformas. As melhores reformas no sufrágio e a legislação social datam deste período em muitos países. Mas, em compensação, esta Internacional, estes partidos nacionais, só se preocupavam dos problemas nacionais, de objetivos menores, de curto prazo.
31. Todos os melhores partidos nacionais se entregaram ao legalismo, à atividade parlamentar, às eleições; todos os sindicatos a melhoras nos salários e na jornada de trabalho, na proteção dos seus membros, etc. Por suposto, tinham um elevado programa socialista, ainda baseado no gênio de Marx. Mas isto era só teoria. Era só propaganda interna, não ação.
32. Já não acontecia nada dentro dos partidos nacionais para situar a questão: capitalismo ou socialismo, reforma ou revolução. Este estado dos assuntos prolongou-se durante anos.
33. Assim, a revolução tornou-se teoria e a reforma tornou-se prática.
34. E nada aconteceu nesse período, nos fatos, para reivindicar o internacionalismo por parte dos partidos nacionais, para exigir que botassem de lado o seu nacionalismo.
35. E assim, apesar de toda a teoria, apesar de toda a mais precisa e sincera propaganda, apesar de todas as boas palavras, a Internacional converteu-se num complexo de partidos que se esforçavam por melhoras, por eles próprios, por aqueles no seu mesmo ofício, pelos seus

camaradas, pelos seus compatriotas. Não mais que isso. O socialismo internacional era só um slogan formidável. O seu internacionalismo não tinha nenhum aspecto prático.

36. Assim, inclusive no grande e heróico período dos pupilos de Marx e da velha Internacional, esse período revolucionário tanto na teoria como na prática que começou com Lassalle e, declinando gradualmente, acabou nos anos noventa do século XIX, a Internacional era um complexo de partidos no que cada um existia para si próprio, e que não estavam, portanto, preparados inclusive para manter-se unidos por qualquer ligação externa.

III

37. Um novo período sucedeu ao período de revolução na teoria e na prática nos países europeus que nos concernem.

38. Atraídas pelo êxito dos partidos operários, as grandes massas operárias com sede de reformas aderiam. Aquelas que não eram as mais militantes, nem as melhores, nem as mais valentes. A média. As massas.

39. Sob o capitalismo, as massas estão super-exploradas e privadas de desenvolvimento intelectual. A grande maioria delas só se interessa, só poderia envolver-se, nos problemas quotidianos: o trabalho, o pão, os pequenos ganhos. As massas eram arrastadas.

40. A luta também se tornara mais fácil. Os partidos operários tinham por fim assegurado seu reconhecimento. Governos e capitalistas cederam um pequeno campo, fizeram concessões aqui e ali. As grandes massas nacionais foram atraídas, sedentas de reformas.

41. Somente por reformas. E este grande número começou a fazer sentir a sua influência.

42. Com tais grandes números, o poder poderia ser ganho. Com tantos votos, tantos assentos no parlamento. Agora importava menos a qualidade dos votantes.

43. Entre estas massas, nos sindicatos e partidos nacionais, a reforma converteu-se em tudo. Um nível de vida melhorado a meta. A teoria, a teoria revolucionária, foi arrojada pela borda. E com ela a Internacional inteira. Tais coisas converteram-se somente em ruído e palavras ocas.

44. Então, fazendo uma teoria desta prática, emergiu o revisionismo: a doutrina que clama: “Operários! Operários da nação uni-vos por reformas! A reforma é tudo. Uni-vos também com a burguesia, com um segmento da mesma, então obterão muitas reformas mais.”

45. E esta doutrina tomou raízes nas mentes destas massas, estes operários agora tão receptivos a ela, especialmente devido aos tempos de prosperidade, desde que um rio de ouro estava inundando Europa, após as ondas do ouro californiano e australiano, a onda de ouro do Transvaal, e os pensamentos de revolução encolheram cada vez mais nas suas mentes, substituídos pelos pensamentos de reformas. Foi assim que as massas evoluíram.

46. Então, surgiu outro tipo de dirigente.

47. No começo, havia homens de princípios inspirados pelo ideal do socialismo, que não escamoteavam nenhum esforço por ele e tinham as mais elevadas expectativas de realizá-lo. Que tinham grande coragem, uma subjetividade e uma determinação e energia genuinamente revolucionárias. Que também, mesmo não sendo operários, tentavam extirpar o que havia de burguês neles, e pensar e sentir a si próprios completamente dentro das massas, dentro da classe operária.

48. Que viveram ou tentaram viver, fazer realidade, o mais elevado ideal que podia formar-se numa classe operária emancipando-se a si mesma. Que dirigiram todos os seus atos, palavras e propaganda para este ideal.

49. Com maior ou menor clareza eles pregaram a revolução aos operários.

50. Assim eram Bebel, Guesde, Liebknecht, Plekhanov, Axelrod, Kaustky, Mehring, Labriola, Hyndman, Quelch, Domela Nieuwenhuis no seu primeiro período, e muitos outros.

51. Mas quando o poder chegou, vieram outros.

52. Os filantropos, os moralistas, o burguês bem educado, o ambicioso, o pouco escrupuloso, aqueles que enganaram as massas. Muitos com boas intenções e mentes débeis, que não sabiam nada de socialismo e da sua teoria. Gente que se enganava a si mesma.

Políticos de carreira que fizeram do socialismo o seu negócio, a sua fonte de benefícios e dos seus meios de subsistência.

53. E movidos por motivos filantrópicos, éticas burguesas, grandes aprendizagens, ambição, estupidez, ignorância, falta de caráter e de escrúpulos, ou de sentido comum, todos eles abraçaram o revisionismo.

54. A revolução era algo maligno ou impossível, ou demasiado distante; a reforma possível e imediata, boa e vantajosa. Mas os operários eram demasiado débeis, carentes de compreensão, o seu voto no parlamento e nos conselhos municipais demasiado pequeno. Por isso tiveram que fazer compromissos com a burguesia!

55. A velha guarda, os radicais, que reconheciam que os altos ideais revolucionários estavam enfraquecendo-se, expressou a sua oposição.

56. Mas que bem isso fez? As massas mesmas estavam em todas as partes ansiosas por reformas, reformas em primeiro lugar e acima de tudo. Por isso escutavam os reformistas, e os argumentos dos idealistas radicais, que de fato eram incapazes de trazer a revolução, foram abandonados aos quatro ventos.

57. E assim ocorreu que a teoria, a revolução, converteu-se mais e mais em coisa do intelecto, acerca da qual os melhores camaradas pensavam de vez em quando como acerca de algo sublime e grandioso, uma coisa do coração pela qual de vez em quando o fazia acelerar, mas a realidade quotidiana, que estava sempre presente, que as massas pensavam constantemente, dia e noite, converteu-se em prática: a reforma, noutras palavras.

58. O movimento sindical, que luta somente por pequenos benefícios, que ganha unicamente pequenas concessões dos patrões realizando contratos com eles, acelerou este processo consideravelmente.

59. Os reformistas eram agora eleitos para os executivos de todos os sindicatos. Apareciam em todas as partes nos executivos de partido, nas juntas de redação dos periódicos, nos conselhos municipais e nos parlamentos. Cedo formaram a maioria por todos os lados, e na maioria dos países a única força dirigente.

60. Mas tanto no movimento sindical como nos partidos políticos são os dirigentes, os membros do parlamento e os presidentes, ou seja, indivíduos, que ganham as vitórias no parlamento, nos conselhos municipais, frente aos outros partidos e nas negociações com os patrões, inclusive se tal vitória é só aparente.

61. O centro de gravidade deslocou-se deste modo das massas para os dirigentes. Formou-se uma burocracia operária. E a burocracia é conservadora desde o princípio.

62. As massas, preocupadas por completo pelo desejo de benefícios no lugar da revolução, foram reforçadas nisto pelos seus dirigentes. Elas abandonaram esta última para perseguirem tais avanços e tornaram-se negligentes e torpes. E quanto menos ativas se tornavam as massas, mais perdiam a visão da sua meta e mais os dirigentes se consideravam como os suportes do movimento. Eles começaram a crer cada vez mais que a ação proletária dos operários consistia primariamente nas táticas e compromissos que eles concebiam e que os únicos meios disponíveis para os próprios operários eram a cédula de voto, a contagem das subscrições, e uma luta ou manifestação sindical de vez em quando. Que as massas eram realmente passivas e dirigidas e eles próprios a força ativa.

63. Esta é a segunda fase do movimento socialista, que segue à primeira fase da revolução na teoria e na prática. Poderia ser denominada como o período de reforma na teoria e na prática⁵.

⁵ Como já temos dito, foi durante esta fase, coincidindo aproximadamente com o levantamento do imperialismo, quando se produziram as menores reformas, pelo menos nos países imperialistas poderosos, isto é, na Alemanha, França, Holanda, Bélgica. Inglaterra, como veremos, constitui uma exceção. Ainda que se lograssem melhorias significativas na legislação durante os períodos revolucionários, agora somente se produzem raramente. Holanda é um bom exemplo disto. A primeira maré da revolução trouxe melhoria significativa na lei eleitoral. A propagação da revolução na teoria e na prática afiançou a legislação do seguro de acidentes, que cobre a invalidez dos operários pelo seu trabalho em 70 por cento dos seus salários sem qualquer contribuição da sua parte. No período de reformas, os pobres - não os operários, mas os pobres - obtiveram a promessa de dois

64. Isto foi o que aconteceu na Inglaterra no Partido Trabalhista; na França, aonde os socialistas inclusive chegaram a ministros; Na Bélgica, onde a campanha de massas pelo sufrágio universal foi sufocada; Na Holanda, onde se forjaram laços com o liberalismo; Na Itália, onde os socialistas se venderam aos radicais; Na Alemanha, onde se prosseguiu com uma política de moderação e foi estrangulada a campanha de massas pelo sufrágio na Prússia; Na Suécia, Dinamarca, Suíça, em todas as partes de maneira particular, determinada pelas condições políticas e econômicas, mas em todas as partes com o mesmo resultado: o desvio do proletariado pela via das reformas menores, a sujeição aos dirigentes, a renúncia à ação autônoma de massas.

65. Os partidos operários da França, Inglaterra, Alemanha, de cada país, converteram-se em partidos de massas somente interessados nos problemas nacionais, menores. Mas as causas do militarismo e do imperialismo, que demandavam todo o dinheiro disponível, não permitiam que se conseguisse durante mais tempo as reformas menores. Contudo, os reformistas prometeram ainda mais reformas. E isto desmoralizou ainda mais as massas. Pois nada é tão desmoralizante e destrutivo como fazer falsas promessas às massas. Enquanto, efetivamente, nada acontece, e as massas esperam, no entanto, credulamente pelas reformas.

66. Mas o imperialismo internacional cresceu mais e mais, arrogantemente. E tornou-se mais e mais necessário abordar os problemas internacionais, globais, em lugar dos problemas menores, nacionais. E assim, sem querê-lo realmente, mais pelo instinto do que pelo conhecimento lúcido, todos estes partidos já corrompidos pelo reformismo ganharam a nova Internacional, a concha vazia que todos conhecemos tão bem e que agora se tem desmoronado. O olhar desta poderosa classe mundial - que submeterá a todas as forças da terra, da natureza e da sociedade a si própria - fora orientado pelos reformistas para a consecução dum paga de uns quantos centavos mais e para uma legislação trabalhista pouco freqüente e inadequada para serem estes os seus únicos objetivos. Dirigiram a atenção dos operários - da classe que haverá de vencer o poder mundial mais poderoso que já existiu - com palavras finas que os seus inimigos usam para enganá-los, e lhes chamou a crer nestas palavras e a formar alianças com o capital e os seus suportes: bancos, consórcios (trusts), o imperialismo.

67. Esta classe poderosa foi domesticada por uns quantos dirigentes ambiciosos, estreitos de mente e ignorantes. Caiu vítima da sua própria falta de entendimento e mentalidade servil. Algo que já aconteceu milhares de vezes no passado ocorreu de novo: as massas foram enganadas para serem convertidas em serventes dos seus governantes. Não deve ter tido êxito, porque esta classe deve agora verdadeiramente conquistar um poder indisputado, sem títulos.

68. Contudo, a burguesia teve êxito outra vez, foi capaz de consegui-lo por meio dos reformistas: por meio do Partido Social-democrata.

IV

69. Há reformistas que chegam a dizer que estão a favor da expansão capitalista, a favor das colônias e das esferas de influência, a favor das políticas coloniais. Não param para pensar se esta é a via para que o proletariado se faça consciente como classe, maduro para a revolução, revolucionário e socialista nas suas mais íntimas e profundas sensibilidades. Só se

florins por semana, desde que fossem muito pobres, se comportem bem e que a paróquia o reconheça. Uma forma de socorro para os pobres, noutros termos. Dos direitos às esmolas, isto é o que significa a substituição da revolução pela reforma. O mesmo se viu na Alemanha: a legislação social foi assegurada utilizando táticas radicais, e de nenhum modo mediante o uso de táticas reformistas. De modo semelhante, na Bélgica, a extensão do sufrágio através das táticas revolucionárias e nada através das táticas reformistas. E o que conseguiram Millerand, Briand, Viviani na França? Poderia perguntar-se como é que o reformismo floresce sob o imperialismo quando o imperialismo, de fato, torna a reforma impossível. A resposta é que na concepção dos reformistas, o socialismo e o movimento operário se resumem à luta por reformas. Não podem imaginar qualquer outro movimento operário. Quanto menos reformas conseguem, mais devem conjurar por reformas fingidas, por mais reformas devem alardear e lutar. De outro modo a sua existência junto ao movimento operário - tal como o concebe - seria vã, não seria nada. Ainda mais sob o imperialismo, precisamente porque torna a reforma impossível.

preocupam com conveniências temporais: do capitalismo. As políticas coloniais, o colonialismo nacionalista, imperialismo em outras palavras, e daí na sua forma de guerra imperialista, podem trazer à nação, à burguesia nacional, enormes benefícios através da expansão de capital que gera. Gera novo investimento de capital, estimula a indústria, incrementa a riqueza. Melhora o comércio, o transporte, em resumo toda a vida econômica da nação, num grau extraordinário.

70. Por suposto, se o proletariado o acompanha, também significa um declive na consciência de classe das massas e, ao longo do processo, a derrota do proletariado, pois para este significa opressão severa, impostos e militarismo, guerra e divisão. Mas isto não detém os reformistas.

71. Entretanto, o capital está crescendo e florescendo. Esta é a razão pela qual muitos reformistas, os reformistas burgueses, são suportes das políticas colonialistas e, deste modo, imperialistas. Por exemplo: Schippel e Calwer na Alemanha; Vandervelde, que endossou a anexação do Congo pela Bélgica; Van Kol, que aceitou a missão de levar além o imperialismo do governo holandês, e assim sucessivamente. Outros reformistas estão a favor de políticas colonialistas por causa dos benefícios imediatos e menores que proporcionam ao proletariado, sem atentar para as conseqüências no futuro.

72. Nós temos visto que essas políticas colonialistas, e deste modo o imperialismo, podem proporcionar benefícios em curto prazo e em pequena escala para grupos individuais de trabalhadores. Proporciona-lhes trabalho e pagamento. Também os pequeno-burgueses, os pequenos patrões e proprietários de lojas, recebem as migalhas dos benefícios do imperialismo.

73. Por isso os reformistas pequeno-burgueses alemães, Bernstein, Noske, etc., estão a favor das políticas colonialistas; Por isso na Holanda pequeno-burgueses reformistas como Troelstra, Vliegen, o grupo parlamentar, a direção inteira e quase a totalidade dos membros do SDAP estão a favor das políticas colonialistas e se opõem à autonomia e à liberdade incondicional para as Índias; Por isso, em cada país do mundo que possui colônias (Inglaterra, Alemanha, Holanda, França, Bélgica, e inclusive aqueles que buscam o comércio mundial, a influência mundial, o poder mundial, Itália, EUA, Austrália, etc.) certo número de dirigentes e a maioria dos operários estão a favor de políticas coloniais, ou seja, a favor do imperialismo.

74. Deste modo, é precisamente o colonialismo que os revisionistas fomentaram. E foi a partir do colonialismo que eles prometeram aos operários grandes vantagens. E os operários preocupados com a sua própria vantagem, alinharam-se com eles!

75. A área precisa da política da qual o imperialismo depende - a política colonial - foi adotada desde os reformistas através dos trabalhadores, foi aceita pelos operários.

76. Mas imperialismo significa nacionalismo.

77. Por meio dos reformistas, dos sociais-democratas, dos partidos social-democráticos nacionais e da própria Internacional, os operários aceitaram o imperialismo que se insinuava cada vez mais próximo, que ameaçava com a guerra, a morte, a derrota e a divisão, que tinha que assassiná-los, destruí-los e debilitá-los infinitamente como indivíduos e como classe.

78. Este imperialismo, estas políticas coloniais que, mediante o fomento do militarismo e uma provável sucessão interminável de guerras, tinham que ser levados adiante por todas as reformas para o presente e para os anos por vir.⁶

79. E assim, nos anos de imperialismo que precederam à guerra, a Internacional aceitou o seu afundamento por parte da burguesia e de si própria.

80. Os operários que só desejam vantagens imediatas devem aceitar as políticas colonialistas, e assim concordar com o imperialismo e o nacionalismo, pois são estes que prometem vantagens imediatas.

81. Só aqueles que olham além, que reconhecem que as políticas colonialistas trazem finalmente mais dano do que ganho, e especialmente aqueles que compreendem que dividem

⁶ Havia sociais-democratas que queriam simplesmente votar os créditos de guerra para obter as reformas, reformas que o imperialismo lhes nega de fato; assim, por exemplo, o SDAP em Holanda.

e fragmentam o proletariado, em resumo, só aqueles que pensam e sentem de um modo autenticamente socialista revolucionário, podem se opor ao imperialismo nacionalista apesar das vantagens que proporciona.

82. Só aqueles que ainda aprofundam mais, e reconhecem que esse imperialismo une todos os capitalistas do mundo contra o proletariado, só eles podem erradicar por completo o nacionalismo dos seus corações e unir-se com o proletariado mundial numa só fraternidade, numa só luta revolucionária contra o capital mundial. Mas o reformismo e o revisionismo significavam que toda visão lúcida, profunda e teórica, e toda sensibilidade revolucionária, internacionalista, tinham se dissipado.

83. Foi assim que o reformismo provocou que os operários, já demasiado circunscritos aos problemas menores, chegassem a estar ainda mais atados a estes últimos.

84. Foi assim que o reformismo, ao perseguir as reformas menores, foi o causador de que os operários, já demasiado nacionalistas, se tornassem ainda mais nacionalistas.

85. Foi ele que provocou que os operários cedessem às políticas coloniais, inclusive quando o imperialismo se insinuava mais próximo.

86. Foi ele o causador de que a atenção dos operários fosse desviada, quando o imperialismo se aproximava, de modo que permaneceram desprevenidos a respeito dele.

87. Foi assim, através do reformismo, que a orientação internacional da Internacional em cada país, e os próprios operários - independentemente das suas próprias concepções e dos seus protestos - se tornaram na realidade nacionalistas, imperialistas, e inclusive, com a ameaça de guerra, chauvinistas. Os reformistas e o reformismo, junto com a ignorância, são responsáveis pela rendição do proletariado ao imperialismo, à guerra mundial, ao seu próprio afundamento. Do seu fracasso em defender-se e fortalecer-se mediante a resistência, dando em troca as boas vindas ao seu próprio debilitamento com júbilo e inclusive com entusiasmo.

88. Foram exclusivamente atrás das reformas e, precisamente por que já não buscavam a revolução, trouxeram debilidade, ruína e divisão para si. Só se preocuparam com os problemas nacionais e precisamente por isso se fizeram nacionalistas e imperialistas. Só se preocuparam com reformas dentro da nação e precisamente por causa disto foram alcançados pela violência internacional do imperialismo.

89. Quando consideramos que todos estes diversos partidos somente agiram em escala nacional - que não se tinha apresentado até então nenhuma oportunidade para a união, a ação internacional, como um todo, contra o capital; que a luta pelos objetivos nacionais se mantinha, por conseguinte, na pequena e confinada área da nação, que não costumava ter-se a percepção da luta de todo o proletariado contra o capital como um todo, que esta luta era a única que se empreendia; então reconhecemos isso como aquele grande cataclismo mundial entre capital e trabalho, aproximado e carregado pelo imperialismo, que situa a totalidade da classe obreira contra a totalidade do capital mundial numa só frente. A classe operária seguia sem ser consciente disto e continuava olhando para os seus próprios interesses insignificantes e mesquinhos dentro da sua própria pequena esfera nacional.

90. Apenas umas poucas publicações de partido na Alemanha ensinaram ao proletariado o que é o imperialismo. A maioria, a publicação principal *Vorwärts* e também o jornal científico *Die Neue Zeit*, fizeram o melhor que podiam para não demonstrar o imperialismo como o eixo ao redor do qual girava a política, e assim não o converteram no eixo, no foco central da atenção e da ação do proletariado. E pelo que sabemos, não houve um único órgão em outros países com a exceção da *Tribuna* em Holanda, que o fizesse.

91. Os revisionistas: os Bernsteins, os Adlers, os Vanderveldes, os Jaures, os Vliegengs, os Brantings, para nomear somente os melhores entre eles - tinham concentrado a atenção do proletariado em problemas menores.

92. Os operários preocupavam-se de teses: da imposição de contribuições mais favoráveis, das aposentadorias para os operários - amiúde a sua única esperança - da possibilidade de uma aliança com os liberais, os progressistas ou os radicais para obter uma melhor legislação eleitoral...

93. Olhavam os dirigentes, os parlamentos, e não faziam nada eles mesmos. A salvação havia de chegar dos dirigentes, dos parlamentos.
94. Lenta, mas inexoravelmente, o imperialismo aproximou-se mais. Primeiro ocupou o Egito, depois o Transvaal, depois a China ⁷. A Alemanha, a pátria do capital, estava rodeada por poderes hostis. Os operários não o advertiram.
95. Sabe você, leitor, o que é o imperialismo? É a forma mais elevada da luta de classes que já existiu. Por isso é também a refutação mais completa, mais inequívoca do revisionismo, a refutação com o golpe de misericórdia.

V

96. A teoria revisionista nunca tinha sido tal em nenhum momento. Kautsky desfizera-se rapidamente dela, e para bem. Nada veio da moderação da luta de classes, do que ela previra: a sua teoria de socavar o capitalismo; as grandes expectativas que acariciava de consórcios de desarme, das classes medias, do neoliberalismo. A sua teoria carecia de fundamento. Os revisionistas simplesmente se retiraram ao domínio da prática para enganar os operários e envenená-los com o ópio de esperanças vãs.
97. Mas esta prática, a única que lhes resta, esta prática de imperialismo, revolveu-se e agarrou-nos pelo pescoço, e golpeou-nos até a morte.
98. Simplesmente considere como se desenvolveu o processo, leitor.
99. Ali estavam os operários de todas as terras ocupados com os sublimes planos traçados para eles pelos reformistas. Com as suas propostas de seguro nacional e de impostos, a legislação eleitoral e as aposentadorias que os liberais haveriam de ajudar-lhes a obter. O que não se fez para conseguir inclusive o menor passo adiante! Os socialistas chegaram a ministros, formaram-se pactos com os liberais, a social-democracia arrastava-se na porcaria, suavizava as suas próprias campanhas, expulsava os marxistas!
100. Todas as partes estavam fervendo com a atividade em pequena escala. Como pequenos gnomos, os milhares de parlamentares ocupados com seu trabalho e as massas, nos seus milhões, esperando como expectadores.
101. E o que estava se aproximando? O afundamento. A morte.
102. Para milhões de operários, suas crianças, esposas, pais e mães. Era o estancamento, o declive, a morte da sua organização, durante o longo período que vinha.
103. Os revisionistas, os Troelstras, os Sudekums, os Scheidemanns, os Anseeles, os Turatis, os Franquea, os Macdonalds, desfilando diante da burguesia, prometeram votar qualquer coisa (inclusive os créditos de guerra!), visitaram príncipes, chefes do exército, prometendo montanhas douradas aos operários, um progresso impressionante, democracia, de tal forma que os operários os elegeram para conselheiros municipais, ministros, membros do parlamento, e lhes deram carta branca; e, lenta, mas inexoravelmente, a primeira autêntica guerra mundial entre os grandes poderes imperialistas aproximou-se.
104. Os revisionistas prometeram reformas para o presente. A reforma veio: a morte. Os revisionistas prometeram a democracia operária, a igualdade tinha que vir. E veio na igualdade da morte; pois capitalistas e operários são certamente iguais na morte. Os

⁷ França e Inglaterra ganharam a representação no gabinete egípcio em virtude dos empréstimos com que o Canal de Suez fora financiado; Bretanha utilizou uma revolta contra esta influencia em 1881-82 como desculpa para estabelecer um 'condomínio' com a monarquia egípcia. Esta última estava, na prática, subordinada ao cônsul geral britânico, Lord Cromer. Em 1880-81 a colônia boer independente do Transvaal rechaçou uma tentativa britânica de anexá-lo. Após a descoberta de ouro no Witwatersrand, se lhes negou aos imigrantes britânicos a plena cidadania e as suas demandas foram feitas retroceder pelo governo britânico. O Transvaal uniu forças com o Estado Livre Alaranjado contra Bretanha, e após a derrota na guerra boer, foi anexado pela última em 1900. O século dezenove tardio viu a competição entre os poderes europeus e o Japão por esferas de influência na China. Inglaterra, França, Rússia e Japão adquiriram privilégios comerciais, portos e províncias: Birmânia, Anam (Indo-China), a província de Amur, as ilhas de Ryuku. A Alemanha entrou tardiamente na luta por centros comerciais. Em 1900-01 uma força expedicionária européia esmagou a rebelião de Boxer contra a influência estrangeira e exigiu um alto preço nas indenizações de guerra. Após a guerra russo-japonesa de 1905, os dois países dividiram a Manchúria entre eles. [Nota do tradutor para o inglês]

revisionistas prometeram o sufrágio universal se as massas confiassem somente nos liberais. E os liberais concederam o sufrágio aos operários: Na morte! Os mortos, os milhares de operários mortos, levantavam suas vozes em protesto.

105. Os revisionistas prometeram a conciliação das classes, se os operários seguissem somente as suas táticas. A guerra une todas as classes na morte!

106. O revisionismo também prometeu a reconciliação da humanidade e o desarme! Os povos da terra enfrentam-se uns aos outros por linhas de milhares de quilômetros de longo, eriçando-se com armas e gotejando sangue.

107. Os revisionistas prometeram a moderação da luta de classes: a guerra mundial, o imperialismo praticado por cada país, é a forma mais aguda de luta de classes que já existiu desde que o capitalismo surgiu.

108. Os revisionistas prometeram as vantagens das políticas colonialistas: foi o colonialismo que levou ao afundamento.

109. Os revisionistas prometeram a reforma para o futuro: após esta guerra há a ameaça duma nova guerra, de novas corridas armamentistas. E, portanto, de quebra e afundamento, e de nenhuma reforma.

110. Uma classe que fica vinte anos sendo ensinada a confiar na burguesia já não pode combatê-la.

111. Entretanto, os revisionistas, junto com os partidos burgueses, prometeram progresso aos operários. O que fazem é pavimentar o caminho para o afundamento do proletariado deslumbrando os operários. Este é o culminar da decepção revisionista e não havia nada que o evitasse. Mas também significa o afundamento do revisionismo, da luta dirigida somente para os benefícios imediatos. É o afundamento da segunda fase, reformista, da luta dos operários.

112. Pois os reformistas não compartilham meramente com os capitalistas e com a ignorância dos operários a culpa pela nossa impotência, confusão e covardia presente; pelo nacionalismo, o patriotismo e o imperialismo atuais do proletariado; pela miséria, a divisão e a debilidade presentes; eles também compartilham a culpa, a responsabilidade, o delito por tudo o que virá depois da guerra: a debilidade que se prolongará por anos, miséria, impossibilidade de reformas, necessidade de começar a luta pela revolução novamente com um proletariado muito debilitado e quiçá desmoralizado.

113. Se ao menos as perdas, a destruição, a miséria e todas as conseqüências da guerra significassem que os trabalhadores seriam expurgados dos reformistas e de todos dessa laia!

114. O autor deste artigo e o partido a que pertence advertiu o proletariado do seu país há muitos anos. Ele e os membros do seu partido mantiveram-se firmes até o irromper da guerra em incontáveis reuniões, publicações e artigos de periódico sobre o imperialismo, de que todas as bonitas promessas da burguesia e dos revisionistas se converteriam em nada, porque o militarismo e as políticas colonialistas tragariam todo o dinheiro disponível, colocariam fim a todo progresso, fariam os impostos mais onerosos, e que com toda probabilidade a guerra mundial chegaria, instaurando um período de guerras mundiais.

115. Por isto condenamos particularmente a confraternização com partidos burgueses, que não poderia conseguir nada. Eis a razão pela qual fomos excluídos do Partido social-democrata holandês e obrigados a fundar um partido próprio. Foi a causa do imperialismo que buscávamos combater, e que eles apoiavam, que nos expulsou do partido social-democrata.

116. Os operários podem ver agora quem tinha razão.

Texto 2

A IMPOTÊNCIA DO GRUPO REVOLUCIONÁRIO

Sam Moss

Publicado em *Living Marxism*, v. 4, n. 7, junho de 1939.

I

1. A diferença entre as organizações radicais e as massas aparece como uma diferença de objetivos. Aparentemente, as organizações querem destruir o capitalismo; as massas desejam apenas manter seu padrão de vida dentro do capitalismo. Os grupos revolucionários fazem agitação para suprimir a propriedade privada; as massas, privadas de qualquer propriedade, almejam possuir alguma coisa. O comunista luta para abolir o lucro; as massas, com mentalidade capitalista, falam do direito dos patrões a um “lucro honesto”.
2. Enquanto a grande maioria dos operários estadunidenses mantiver as condições de vida a que se acostumaram, incluído o tempo de lazer que ocupam como espectadores de futebol e cinema, continuarão bem contentes e serão gratos ao sistema que torna essas coisas possíveis.
3. Portanto, acreditam que o radical que se opõe ao sistema compromete a posição deles, é muito mais perigoso para eles, operários, do que os patrões que lhes pagam o salário, e não hesitam em fazer dele um mártir.
4. Enquanto o capitalismo atender, da maneira habitual, suas necessidades básicas, eles permanecerão satisfeitos e se vierem a perceber algum mal na sociedade será para atribuí-lo aos “patrões desonestos”, “maus administradores” etc.
5. Os grupelhos radicais (formados por “intelectuais” que “se elevaram ao nível de compreensão histórica do movimento como um todo” e que apontam os males do sistema como sociais em vez de individuais) enxergam além dos objetivos dos trabalhadores e percebem que as necessidades básicas deles não podem ser satisfeitas, senão temporariamente, sob o capitalismo, e que cada concessão que o Capital faz aos trabalhadores serve apenas para adiar a luta de morte entre esses inimigos. Portanto, eles (pelo menos em teoria) esforçam-se continuamente para transformar a luta por exigências imediatas numa luta contra o sistema capitalista.
6. Mas, diante do pão com manteiga real que o capitalismo ainda pode oferecer à maioria dos trabalhadores, os radicais só apresentam esperanças e idéias, e os trabalhadores abandonam as lutas no momento em que suas reivindicações são atendidas.
7. A razão da aparente diferença de objetivos entre os grupos revolucionários e a classe operária é fácil de entender. A classe operária, preocupada apenas com as necessidades do momento e em geral satisfeita com sua condição social, apenas reflete o nível de cultura capitalista, uma cultura que é “para a enorme maioria, um mero treino para atuar como máquina.”
8. Os revolucionários são, por assim dizer, desvios da classe operária. Eles são subprodutos do capitalismo, representam casos isolados de operários que, por circunstâncias únicas em suas vidas individuais, divergem do curso usual de desenvolvimento no qual, embora tenham nascido escravos assalariados, adquiriram um interesse intelectual mediante a utilização das possibilidades educacionais existentes.
9. Assim, muitos se elevam à pequena burguesia. Outros, cuja ascensão foi bloqueada pelas circunstâncias, permanecem na classe operária como trabalhadores intelectuais. Descontentes com sua situação de apêndices das máquinas, incapazes de subir dentro do sistema, sublevam-se contra ele. Muito freqüentemente, são excluídos da associação com outros operários, seus colegas na empresa, que não compartilham suas opiniões radicais.

Unem-se com outros operários, intelectuais rebeldes e carreiristas mal sucedidos de outras camadas sociais em organizações para mudar a sociedade.

10. Em sua luta para liberar as massas da escravidão assalariada, parecem estar agindo com o mais nobre dos motivos, o que não os impede de apenas identificarem o seu sofrimento no sofrimento dos outros.

11. Quando têm a chance de ascender na sociedade existente, eles, com raras exceções, não hesitam em abandonar os objetivos revolucionários. E, quando o fazem, justificam logicamente sua apostasia: “Não é preciso ser muito inteligente para entender que as idéias de um homem mudam a cada mudança em sua existência material.”

12. No desenvolvimento do capitalismo, as organizações revolucionárias, pequenas e impotentes, zumbindo em volta das massas, nada fizeram para alterar o curso da história, para o bem ou mal. Seus ocasionais períodos de atividade se explicam pela temporária ou permanente renúncia aos objetivos revolucionários para se unirem aos operários em torno de exigências imediatas. Então, não foi o papel revolucionário que desempenharam, mas o papel conservador das massas. Quando os operários atingem seus objetivos, os grupos radicais retornam à impotência. Seu papel foi sempre acessório, nunca decisivo.

II

13. Estamos convencidos de que o tempo do partido revolucionário já passou.

14. Os grupos revolucionários, nas presentes condições, são tolerados ou ignorados, porque são impotentes. Nada é mais sintomático de sua impotência do que o fato de que lhes é permitido existir. Constatamos que a classe operária persistirá enquanto o capitalismo durar, que ela não será suprimida sob esse sistema e pode sozinha conduzir uma luta bem-sucedida contra o capitalismo, desde que a iniciativa seja mantida em suas mãos. Acrescentamos que todo o conservadorismo da classe operária atual apenas reflete a força ainda massiva do capitalismo, e que essa força não pode ser destruída pela propaganda, mas por uma força maior.

15. Às vezes, ocorre que alguns companheiros de nosso grupo questionem a inatividade do grupo. Eles afirmam que, isolados da luta de classes como ela é feita hoje, somos meros grupos de estudos que estarão completamente ausentes quando as transformações sociais acontecerem.

16. Acreditam que a luta de classes é onipresente no capitalismo, e que nosso dever como organização revolucionária é aprofundar a luta de classes. Mas não sugerem qualquer ação. O fato de que as outras organizações radicais que se esforçam para ultrapassar seu isolamento são seitas marxistas insignificantes como nós, não convence nossos críticos da futilidade de qualquer ação que os grupelhos possam realizar.

17. A declaração genérica de que a luta de classes está sempre presente e que nós deveríamos aprofundá-la é feita, antes de tudo, baseada na premissa de que a luta de classes é uma luta revolucionária. Mas o fato é que os trabalhadores, enquanto massa são conservadores. Considera-se que a luta de classes tem como objetivo direto o enfraquecimento do capitalismo, mas o fato é que, mesmo que sirva para tal, ela se orienta pela situação dos trabalhadores na sociedade. Além disso, a atual luta de classes não é conduzida por organizações revolucionárias. Ela acontece nas fábricas e é conduzida pelos sindicatos.

18. Hoje, nos EUA, as lutas são conduzidas por organizações conservadoras como A.F.L. e C.I.O. Porém, aqui e ali, acontecem greves espontâneas que são condenadas por todas as organizações conservadoras existentes, indicando a forma que a guerra de classes poderá assumir quando essas organizações forem completamente absorvidas pelo Estado. Esses movimentos dos trabalhadores são raros e isolados hoje.

19. Se é verdade que os líderes de C.I.O e a A.F.L. são conservadores, também o são os membros desses sindicatos. Para reter seus membros e atrair outros, os sindicatos devem obter concessões dos capitalistas. Os operários se mantêm nos sindicatos porque obtêm concessões através deles. E é por isso que os sindicatos recorrem à luta de classes.

20. Se, portanto, somos arrastados para a luta de classes, devemos ir aonde a luta está acontecendo. Nós não atuamos nas fábricas e nos sindicatos. Se fizermos assim, teremos de abandonar nossos princípios revolucionários, porque se lhes dermos expressão, rapidamente seremos demitidos e expulsos do sindicato. Numa palavra, retornaremos ao estado de impotência.
21. Tornar-se ativo na luta de classes significa, então, tornar-se tão conservador quanto a massa dos trabalhadores. Noutras palavras, entramos na luta de classes, mas não podemos contribuir para ela. A única alternativa é continuar onde estamos agarrados impotentemente aos nossos princípios.
22. Qualquer que seja a nossa orientação, é óbvio que não podemos afetar o curso dos acontecimentos. Nossa impotência demonstra o que deveria ser óbvio para todos: que a história é feita somente pelas massas.
23. Os grupos de Comunistas de Conselhos distinguem-se de todos os outros grupos revolucionários porque não se consideram vanguarda nem líderes dos operários. Consideram-se unidos com o movimento dos operários.
24. Mas essa diferença entre nossa organização e as outras é apenas uma diferença ideológica, e não reflete qualquer diferença material. Na prática, nós estamos atualmente como todos os outros grupos. Como eles, funcionamos fora da esfera de produção, onde a luta de classes se dá; como eles, estamos isolados das massas trabalhadoras.
25. Nós diferimos dos outros grupos apenas na ideologia, mas é apenas na ideologia que todos os outros grupos diferem. Praticamente, não há diferença entre os grupos. Se acatássemos a sugestão de nossos críticos de “aprofundar a luta de classes,” assumiríamos um evidente caráter “leninista”. Admitamos, por exemplo, que é possível para nós, como grupo independente, organizar os operários de uma área industrial.
26. O fato de não terem se movido sem nossa ajuda significa que dependem de nós para sua iniciativa, e que nós a estamos tirando de suas mãos. Se permitirem que venhamos a lhes dar o impulso inicial, dependerão de nós para os impulsos seguintes e logo estaremos liderando-os, passo a passo. Portanto, aqueles que defendem que nós “intensifiquemos” a luta de classes não estão meramente ignorando as condições objetivas, que fazem tal ato questionável, estão defendendo também nossa liderança sobre as massas.
27. Eles podem, é claro, argumentar que, compreendendo os males de tal curso, nós podemos nos proteger contra eles. Mas esse argumento está novamente num plano ideológico. Na prática, teremos de nos ajustar às circunstâncias. Então, torna-se óbvio que, adotando tal prática, nós funcionaríamos como um grupo leninista e poderíamos no máximo produzir os resultados do leninismo. Porém, a impotência dos grupos leninistas existentes mostra o quanto é improvável o êxito dessa prática e demonstra uma vez mais a obsolescência dos pequenos grupos revolucionários diante das reais necessidades proletárias.
28. Talvez, prevendo um futuro próximo, quando será objetivamente impossível para qualquer grupelho assumir a liderança das massas com o objetivo de explorá-las para atender suas próprias necessidades.
29. A classe operária pode, sozinha, conduzir a luta revolucionária, assim como hoje, atuando na luta de classes não revolucionária. E a razão pela qual os operários rebeldes com consciência de classe se associam com grupos exteriores à esfera luta de classes real é apenas porque ainda não existe um movimento revolucionário no interior dessa esfera.
30. Portanto, a existência dos grupelhos reflete não uma situação revolucionária, mas uma situação não revolucionária. Quando soar a hora da revolução, esses grupos desaparecerão ou serão dissolvidos por ela, permanecendo os operários como revolucionários.
31. Mas, ainda que nenhuma diferença prática entre nós e outras organizações revolucionárias seja admitida pelas condições objetivas, nós podemos no mínimo manter nossa diferença ideológica.
32. Portanto, onde todos os grupos vêm a revolução nas situações mais improváveis e acreditam que tudo o que está faltando para a revolução é um grupo com a “linha marxista

correta”; numa palavra, exageram a importância das idéias e coincidentemente a deles mesmos como portadores dessas idéias (uma atitude que reflete suas inclinações dirigistas), nós queremos ver a verdade de cada situação. Nós vemos que a luta de classes hoje ainda é conservadora; que a sociedade é caracterizada não apenas por essa única luta, mas por inúmeras lutas, que variam com a multiplicidade de camadas na sociedade e que até agora têm afetado a luta entre Capital e proletariado no interesse do primeiro.

33. Mas, porque vemos não apenas a situação imediata, mas também as tendências nela incluídas, nós compreendemos que as dificuldades do capitalismo estão aumentando e que os meios de atender mesmo as necessidades básicas da classe operária estão diminuindo continuamente.

34. Nós entendemos que, simultaneamente à baixa da lucratividade do capitalismo, o progressivo nivelamento exterior às divisões nas duas classes: capitalistas expropriando capitalistas e, nas massas trabalhadoras, os meios de subsistência são distribuídos mais e mais uniformemente, para impedir a catástrofe social decorrente da incapacidade para satisfazê-las.

35. Com tais desenvolvimentos, os diversos objetivos da classe dominante estão convergindo para um só objetivo: a preservação do sistema capitalista. E os diversos objetivos dos proletários estão, apesar do aumento da confusão ideológica, convergindo para um só objetivo: a mudança fundamental das atuais estruturas sócio-econômicas. Então, nós, que somos uma fração da classe operária ou, mais corretamente, um produto dela, queremos realmente nos fundir com toda a classe operária, assim como nossos objetivos fundem-se com os dela, e nos dissolver na luta revolucionária.

36. Mas, perguntam-nos, por que, compreendendo a inutilidade do ato, vocês se agrupam? A resposta é que o agrupamento responde a uma necessidade pessoal. É inevitável, quando compartilhamos um sentimento comum de rebelião contra a sociedade capitalista, fundada sobre a exploração e guerra, juntarmos-nos aos companheiros e utilizar as armas de que dispomos.

37. Incapazes de rebelar-se contra o sistema com o resto da população, tentarão fazer isso por si mesmos. O fato de que se engajam em tal ação, por mais fútil que pareça, estabelece as bases para o prognóstico de que, quando as massas trabalhadoras, reagindo ao empuxo da situação objetivamente revolucionária, sentirem-se igualmente afetadas, eles irão se associar com a mesma urgência e usarão qualquer arma que esteja à sua disposição. Quando fizerem isso, eles não realçarão os fatores ideológicos, mas as necessidades, e suas ideologias refletirão então as necessidades, assim como suas ideologias burguesas refletem a necessidade atual.

38. A visão da ineficácia revolucionária dos grupelhos é considerada pessimista por todas as organizações revolucionárias. E se essa visão indicar a inevitabilidade da revolução? E se essa visão apontar a falência das autoproclamadas lideranças das massas e o fim de toda exploração? Os grupelhos radicais não se alegram com a perspectiva de um futuro em que não possuam mais importância do que os demais seres humanos. Eles condenam essa visão do futuro, como uma filosofia derrotista. Efetivamente, não falamos apenas da futilidade dos grupelhos radicais; nós temos sido bastante otimistas quanto ao futuro dos trabalhadores.

39. Mas, para todas as organizações radicais, se seus grupos são derrotados ou estão morrendo, então tudo está morrendo. Em tais afirmações, portanto, eles revelam sua verdadeira motivação para a rebelião e o verdadeiro caráter de suas organizações.

40. Nós, entretanto, não encontramos qualquer motivo para desespero na impotência desses grupos. Ao contrário, nós vemos nisso um motivo para otimismo, considerando o futuro dos trabalhadores. No definhamento de todos os grupos que pretendem conduzir as massas, do capitalismo para outra sociedade, nós estamos vendo pela primeira vez na história o começo do fim de todas as lideranças políticas e da divisão da humanidade em categorias econômicas e políticas.

Texto 3

PARTIDO E CLASSE

Anton Pannekoek

Publicado em março de 1936.

1. No momento atual, em que a crença no partido tornou-se um freio para a capacidade de ação da classe operária, criar um novo partido só pode ter como finalidade dirigir e dominar o proletariado. Faz-se necessário distinguir: a) o partido é uma organização construída em torno de certas idéias políticas; b) a classe é um agrupamento baseado em interesses materiais comuns. Pertencer a um partido significa ligar-se a um grupo de pessoas que mantém pontos de vista semelhantes nas questões políticas. O pertencimento à mesma classe é determinado pela função desempenhada na produção, função que cria e desenvolve a consciência dos interesses comuns. Mais do que nunca, a classe operária somente poderá afirmar-se e vencer com a condição de assumir o seu próprio destino.
2. Durante o período do desenvolvimento dos partidos operários, difundiu-se a ilusão de que esses partidos poderiam englobar todos os trabalhadores, seja como militantes ou como simpatizantes. Acreditava-se estar superando a diferença entre classe e partido. Mas o partido continuou sendo uma minoria e, além disso, começou a ser alvo das críticas de outros grupos operários, conheceu várias rupturas, enquanto seu caráter experimentava freqüentes mudanças e seu programa era revisado ou interpretado em um sentido diverso.
3. Os programas dos partidos operários apresentavam a revolução social como o resultado final da luta de classes. A vitória dos operários sobre o capital significaria a criação de uma sociedade livre e igualitária, socialista ou comunista. Mas, enquanto durasse o capitalismo, a luta não podia superar o marco das necessidades imediatas e da defesa do nível de vida. O parlamento era o lugar no qual se enfrentavam as diferentes classes sociais: grandes e pequenos capitalistas, latifundiários, camponeses, artesãos, operários, cujos interesses específicos eram defendidos por seus deputados. Todos lutavam para aumentar sua parte no produto social. Assim, a função do partido operário consistia em atuar no parlamento de modo a representar os interesses dos trabalhadores, que, em troca, forneciam-lhe os votos necessários para aumentar sua influência política.
4. Quando um partido operário tem muitos deputados, alia-se com outros partidos contra as formações políticas mais reacionárias, para formar uma maioria parlamentar. Uma vez instalados, os representantes se tornam incapazes de atuar em defesa dos reais interesses dos trabalhadores. Na prática, a maioria parlamentar continua pertencendo às classes exploradoras. Os eventuais ministros - socialistas ou comunistas, tanto faz - inclinam-se diante dos interesses do capital: propõem medidas para satisfazer as reivindicações imediatas dos trabalhadores e pressionam os demais partidos para que as adotem, convertendo-se em mediadores que se dedicam a convencer os trabalhadores de que tais pequenas reformas são conquistas importantíssimas, desviando-os da luta de classes.
5. Os partidos operários só têm um objetivo: tomar o poder e exercê-lo. Não contribuem para a emancipação do proletariado, pois sua meta é governá-lo. Mas apresentam seu domínio como se fosse a autêntica emancipação do proletariado. Tais partidos são aparelhos que lutam pelo poder e, após enquadrar os militantes na linha justa, utilizam todos os meios, visando à constante expansão de sua esfera de influência.
6. O partido operário de tipo leninista tem como fundamento a idéia de que a classe operária necessita de um grupo de dirigentes capazes de expropriar os capitalistas em seu nome e em seu lugar, e, portanto, de constituir um novo governo. Isto é, a convicção de que a classe operária é incapaz de fazer a revolução. Segundo esta concepção, os chefes criam a sociedade comunista por decreto.

7. Lênin (Que Fazer? - 1902), inspirando-se em Kautsky, propõe a criação de um partido de vanguarda, formado por "revolucionários profissionais" e rigidamente centralizado, sob a direção dos intelectuais. A divisão do trabalho, tão eficaz e racional na organização capitalista da produção, tem sido o modelo da concepção leninista da organização revolucionária, que subordina os operários aos intelectuais, atribuindo a estes a função dirigente. O resultado é que, logo após a revolução, a "eficácia" do partido leninista, que até então se limitara a aparelhar as organizações de massas, se estende e se afirma como "ditadura do proletariado". Uma nova classe dominante, os tecnoburocratas ou gestores, assume o poder em nome do proletariado e mantém, no essencial, as relações de produção/exploração capitalistas, mudando apenas sua forma superestrutural ou jurídico-política: o capitalismo de mercado se transforma em capitalismo de estado.

8. A expressão "partido revolucionário" é, pois, uma contradição nos seus termos. Um partido seria revolucionário se o termo revolução significasse troca de governo ou, no máximo, tomada do poder por uma nova classe exploradora e opressora.

9. A alternativa é: a) as massas trabalhadoras, sem deixar o terreno livre aos partidos, continuam a sua luta: organizam-se autonomamente, nas fábricas e oficinas, para destruir o poder do capital e formam os conselhos operários - entrando, inevitavelmente, em conflito com o 'partido revolucionário', que considera a ação direta do proletariado um fator de desordem. Ou então, b) as massas trabalhadoras se adaptam à doutrina do partido, entregam-lhe a direção da luta, seguem obedientemente suas palavras de ordem e, por fim, convencidas de que o novo governo abolirá as relações de produção capitalistas, voltam à passividade. Abandonando a iniciativa ao partido, os trabalhadores permitem que o inimigo de classe mobilize todas as suas forças (econômica, política, ideológica e militar) e derrube o novo governo ou o adapte a seus interesses, transformando-o em instrumento de conservação das relações de produção capitalistas.

10. Todas as vezes em que as massas trabalhadoras, após derrubar um governo, aceitaram ser novamente governadas, por mais revolucionário que se pretendesse o partido ao qual entregaram o poder, o que aconteceu foi a substituição de uma classe dominante por outra. Assim ocorreu com a revolução russa, quando o partido bolchevique apoderou-se dos soviets e, através de um golpe de força, tomou o poder e implantou o capitalismo de estado.

11. É cada vez mais evidente que qualquer suposta vanguarda que pretenda, de acordo com seu programa, dirigir ou impor-se às massas, por meio de um 'partido revolucionário', se revela na prática, um fator reacionário, em razão de suas concepções.

Texto 4

O SINDICALISMO

Anton Pannekoek

Publicado em I.C.C. vol. II, n. 2, janeiro de 1936.

1. De que modo deve a classe operária lutar para vencer o capitalismo? É esta a questão primordial que se coloca todos os dias aos trabalhadores. Quais os meios de ação eficazes e quais as táticas que necessitarão empregar para conquistar o poder e vencer o inimigo? Não existe nenhuma ciência ou teoria que lhes possa indicar com precisão o caminho a seguir. É tateando, deixando exprimir o seu instinto e a sua espontaneidade que encontrarão o caminho.
2. Quanto mais o capitalismo se desenvolve e se propaga por todo o mundo, maior é o poder dos trabalhadores. Novos modos de ação mais apropriados vêm se juntar aos antigos. As táticas da luta de classes têm necessariamente de se adaptar à evolução social.
3. O sindicalismo surge como a forma primitiva do movimento operário num sistema capitalista estável. O trabalhador independente não tem defesa face ao patrão capitalista. Por isso os operários se organizaram em sindicatos. Estes reúnem os operários na ação coletiva e utilizam a greve como arma principal.
4. O equilíbrio do poder fica assim mais ou menos realizado; acontece mesmo inclinar-se mais fortemente para o lado dos operários, de tal modo que os pequenos patrões isolados se vêem impotentes perante os grandes sindicatos.
5. É por isso que, nos países em que o capitalismo está mais desenvolvido, os sindicatos de operários e de patrões (sendo estes as associações, os trusts, as sociedades etc.) estão constantemente em luta. Foi na Inglaterra que nasceu o sindicalismo paralelamente às primeiras lamúrias do capitalismo. Em seguida estender-se-ia aos outros países, como fiel companheiro do sistema capitalista. Conheceu condições particulares nos Estados Unidos, onde a quantidade de terras livres e desabitadas que se oferecia aos pioneiros escoou a mão-de-obra para fora das cidades; como consequência, os operários obtiveram salários elevados e condições de trabalho relativamente boas. A Federação Americana do Trabalho constituía uma verdadeira força no país e a maior parte das vezes, foi capaz de manter um nível de vida suficientemente elevado entre os operários que nela estavam filiados.
6. Em tais condições a idéia de derrubar o capitalismo não podia germinar no espírito dos trabalhadores estadunidenses. O capitalismo oferecia-lhe uma existência estável e fácil. Não se consideravam como uma classe à parte cujos interesses fossem opostos à ordem existente. Eram parte integrante dela e estavam conscientes de poderem ter acesso a todas as possibilidades que lhes oferecia um capitalismo em desenvolvimento num novo continente. Havia espaço suficiente para acolher milhões de indivíduos, europeus na sua maioria. Era preciso oferecer a esses milhões de colonos uma indústria em expansão na qual os operários, dando mostras de energia e de boa vontade, poderiam elevar-se à categoria de operários livres, de pequenos comerciantes ou mesmo ricos capitalistas. Não é surpreendente que a classe operária estadunidense tenha sido imbuída de um verdadeiro espírito capitalista.
7. O mesmo aconteceu em Inglaterra. Tendo assegurado o monopólio do mercado mundial, a supremacia nos mercados internacionais e a posse de ricas colônias, a Inglaterra acumulou uma fortuna considerável. A classe capitalista, que não tinha que se bater pela sua parte de lucro, podia conceder aos operários um modo de vida relativamente desafogado. É certo que teve de travar algumas batalhas antes de se decidir a adotar esta atitude, mas depressa compreenderia que, autorizando os sindicatos e garantindo os salários, assegurava a paz nas fábricas. A classe operária inglesa foi então por sua vez marcada pelo espírito capitalista.

8. Tudo isto está bem de acordo com o verdadeiro caráter do sindicalismo. O objetivo do sindicalismo não é substituir o sistema capitalista por um outro modo de produção, mas melhorar as condições de vida no próprio interior do capitalismo. A essência do sindicalismo não é revolucionária, mas conservadora.

9. A ação sindical faz parte naturalmente da luta de classes. O capitalismo se assenta num antagonismo de classes, tendo os operários e os capitalistas interesses opostos. Isto é verdade, não só no que diz respeito à manutenção do regime capitalista, mas também no que se refere à repartição do produto nacional bruto. Os capitalistas tentam aumentar os seus lucros - a mais valia - diminuindo os salários e aumentando o número de horas ou a cadência do trabalho. Os operários, por seu lado, procuram aumentar os seus salários e reduzir os seus horários. O preço da sua força de trabalho não é uma quantidade determinada, embora deva ser superior ao que é necessário para que um indivíduo não morra de fome; e o capitalista não paga de boa vontade. Este antagonismo é assim gerador de reivindicações e da verdadeira luta de classes. A tarefa e o papel dos sindicatos consiste em continuar a luta.

10. O sindicalismo foi a primeira escola de aprendizagem do proletariado; ensinou-lhes que a solidariedade estava no centro do combate organizado. Encarnou a primeira forma de organização do poder dos trabalhadores. Esta característica muitas vezes se fossilizou nos primeiros sindicatos ingleses e estadunidenses que degeneraram em simples corporações, evolução tipicamente capitalista. O mesmo não aconteceu nos países onde os operários tiveram de se bater pela sua sobrevivência, onde, apesar de todos os seus esforços, os sindicatos não conseguiram obter uma melhoria do nível de vida e onde o sistema capitalista em plena expansão empregava toda a sua energia a combater os trabalhadores. Nesses países, os operários tiveram de apreender que só a revolução os poderia salvar para sempre.

11. Existe sempre uma diferença entre a classe operária e os sindicatos. A classe operária deve olhar para além do capitalismo, enquanto que o sindicalismo está inteiramente confinado nos limites do sistema capitalista. O sindicalismo só pode representar uma parte, necessária mas ínfima, da luta de classes. Ao desenvolver-se, deve necessariamente entrar em conflito com a classe operária, a qual pretende ir mais longe.

12. Os sindicatos crescem à medida que se desenvolvem o capitalismo e a grande indústria até se tornarem gigantescas organizações que integram milhares de adeptos, se estendem por todo um país e têm ramificações em cada cidade e em cada fábrica. São nomeados funcionários: presidentes, secretários, tesoureiros, dirigem os negócios, ocupam-se das finanças tanto à escala local como a nível central. Estes funcionários são os dirigentes dos sindicatos. São eles que conduzem as negociações com os capitalistas, tarefa em que se tornaram mestres. O presidente de um sindicato é um personagem importante que trata de igual para igual o patrão capitalista e com ele discute os interesses dos trabalhadores. Os funcionários são os especialistas do trabalho sindical, enquanto que os operários especializados, absorvidos pelo seu trabalho na fábrica, não podem nem deliberar nem dirigir por si próprios.

13. Uma organização deste tipo já não é unicamente uma assembleia de operários; forma um corpo organizado, que possui uma política, um caráter, uma mentalidade, tradições e funções que lhe são próprias. Os seus interesses são diferentes dos da classe operária e não recuará perante nenhum combate para defendê-los. Se algum dia os sindicatos perdessem a sua utilidade, ainda assim não desapareceriam. Os seus fundos, os seus filiados, os seus funcionários, são outras tantas realidades que não estão a ponto de se dissolverem de um momento para o outro.

14. Os funcionários sindicais, os dirigentes do movimento operário, são os defensores dos interesses particulares dos sindicatos. Apesar das suas origens operárias, adquiriram, após longos anos de experiência à cabeça da organização, um novo caráter social. Em cada grupo social que se torna suficientemente importante para constituir um grupo à parte, a natureza do trabalho molda e determina os modos de pensamento e de ação. O papel dos sindicalistas não é o mesmo que o dos operários. Eles não trabalham na fábrica, não são explorados pelos

capitalistas, não são ameaçados pelo desemprego. Estão instalados em gabinetes, em lugares relativamente estáveis. Discutem questões sindicais, têm a palavra nas assembleias de operários e negociam com os patrões. Decerto, devem estar do lado dos operários, cujos interesses e reivindicações contra os capitalistas devem defender. Mas nisso, o seu papel em nada difere do papel de um advogado de uma organização qualquer.

15. Existe, contudo, uma diferença, porque a maior parte dos dirigentes sindicais, saídos das fileiras da classe operária, sofreu eles próprios, a experiência da exploração capitalista. Consideram-se como fazendo parte da classe operária, cujo espírito de classe está longe de se extinguir. No entanto, o seu novo modo de vida tende a enfraquecer neles essa tradição ancestral. No plano econômico, já não podem ser considerados como proletários. Eles caminham ao lado dos capitalistas, negociam com eles os salários e as horas de trabalho, cada parte fazendo valer os seus próprios interesses, rivalizando do mesmo modo que duas empresas capitalistas. Aprendem a conhecer o ponto de vista dos capitalistas tão bem como o dos trabalhadores; preocupam-se com os "interesses da indústria"; procuram agir como mediadores.

16. Pode haver exceções ao nível dos indivíduos, mas a regra geral é que os dirigentes sindicais não podem ter esse sentimento de pertencerem a uma classe como têm os operários, pois estes não procuram compreender nem tomar em consideração os interesses dos capitalistas, mas lutam pelos seus próprios interesses. Por conseguinte os sindicalistas entram necessariamente em conflito com os operários.

17. Nos países capitalistas avançados, os dirigentes sindicais são suficientemente numerosos para constituir um grupo à parte, com um caráter e interesses separados. Na qualidade de representantes e dirigentes dos sindicatos, encarnam o caráter e interesses desses sindicatos. Visto que os sindicatos estão intrinsecamente ligados ao capitalismo, os seus dirigentes consideram-se elementos indispensáveis à sociedade capitalista.

18. As funções capitalistas dos sindicatos consistem em regular os conflitos de classe e assegurar a paz nas fábricas. Por conseguinte, os dirigentes sindicais consideram ser seu dever como cidadãos trabalhar pela manutenção da paz nas fábricas e intrometer-se nos conflitos. Nunca olham para além do sistema capitalista. Estão inteiramente a serviço dos sindicatos e a sua existência está indissolúvelmente ligada à causa do sindicalismo. Para eles, os sindicatos são os órgãos mais essenciais à sociedade, a única fonte de segurança e de força; devem, por conseguinte, ser defendidos por todos os meios possíveis.

19. Concentrando os capitais em poderosas empresas, os patrões encontram-se numa posição de força em relação aos operários. Os grandes magnatas da indústria reinam como monarcas absolutos sobre as massas operárias que mantêm sob a sua dependência e que impedem de aderir aos sindicatos. Por vezes acontece que estes escravos do capitalismo se insurgem contra os seus senhores e fazem greve, reclamando melhores condições de trabalho, horários menos carregados e o direito de se organizarem. Os sindicalistas acorrem em sua ajuda. É então que os patrões fazem uso do seu poder político e social. Expulsam os grevistas de suas casas, mandam matá-los por milícias ou mercenários, prendem os seus porta-vozes, declaram ilegais as suas caixas de socorros mútuos. A imprensa capitalista fala de caos, de violência, de revolução, e dirige a opinião pública contra os grevistas. Após vários meses de tenacidade e sofrimentos heróicos, esgotados e desiludidos, incapazes de fazer vergar a estrutura de aço do capitalismo, os operários rendem-se, remetendo para mais tarde as suas reivindicações.

20. A concentração de capitais enfraquece a posição dos sindicatos, mesmo nos ramos de atividade em que são mais fortes. Apesar da sua importância, os fundos de apoio aos grevistas mostram-se ínfimos comparados com os recursos financeiros do adversário. Um ou dois *lockout* bastam para esgotá-los inteiramente. O sindicato é então incapaz de lutar, mesmo quando o patrão decide reduzir os salários e aumentar as horas de trabalho. Resta-lhe aceitar as condições desfavoráveis do patronato e a sua habilidade para negociar não lhe serve de

nada. É nesse momento que os aborrecimentos começam, pois os operários querem lutar. Recusam-se a se render sem combate e sabem ter pouco a perder ao se revoltarem.

21. Os dirigentes sindicais, pelo contrário têm muito a perder: o poder financeiro dos sindicatos e, por vezes, a sua própria existência é ameaçada. Assim, tentarão por todos os meios impedir um combate que consideram não ter saída. E procurarão convencer os trabalhadores de que é de seu interesse aceitar as condições do patronato. De tal modo que, em última análise, agem como porta-vozes dos capitalistas. A situação é ainda mais grave quando os operários persistem em querer continuar a luta, sem ter em conta as palavras de ordem dos sindicatos. Nesse caso, a força sindical vira-se contra os trabalhadores.

22. O dirigente sindical torna-se assim escravo da sua função - a manutenção da paz nas fábricas - e isto em detrimento dos operários, se bem que pretenda defender os interesses destes o melhor possível. Visto que não é capaz de olhar para além do sistema capitalista, em pensar que a luta é inútil. Aí se situam os limites do seu poder e é sobre isso que a crítica deve incidir.

23. Existe outra saída? Podem os operários esperar ganhar qualquer coisa ao lutar? É bem provável que não obtenham satisfações imediatas, mas ganharão outra coisa, porque ao recusarem submeter-se sem combate, atizam o espírito de revolta contra o capitalismo. Formulam novas reivindicações e torna-se então essencial que o conjunto da classe operária as defenda. É-lhes necessário mostrar a todos os trabalhadores que para eles não há esperança no interior das estruturas capitalistas e que só podem vencer unidos, fora dos sindicatos. É então que começa a luta revolucionária.

24. Quando todos os trabalhadores compreenderem esta lição, quando se desencadearem greves simultaneamente em todos os ramos da indústria, quando rebentar uma vaga de revolta pelo país, então talvez nasçam algumas dúvidas nos corações arrogantes dos capitalistas; vendo o seu poder ameaçado, consentirão em fazer algumas concessões.

25. O dirigente sindical não pode compreender este ponto de vista, pois que o sindicalismo não pode olhar para além do capitalismo. Ele não pode deixar de se opor a um combate deste gênero que significa a sua perda. Sindicatos e patrões estão unidos no receio comum de uma revolta do proletariado.

26. Quando os sindicatos se batiam contra a classe capitalista para obter melhores condições de trabalho, esta detestava-os mas não tinha possibilidade de os destruir completamente. Se hoje os sindicatos tentassem despertar o espírito combativo da classe operária, seriam perseguidos sem piedade pela classe dirigente, que reprimiria as suas ações, mandaria a milícia destruir os seus gabinetes, prenderia os seus dirigentes e condená-los-ia a multas, confiscaria os seus fundos. Se, pelo contrário, impedissem os seus adeptos de lutar, seriam considerados pela classe capitalista como preciosas instituições; seriam protegidos e os seus dirigentes seriam considerados dignos cidadãos.

27. Os sindicatos encontram-se assim entalados entre dois males: por um lado as perseguições que são uma triste sorte para pessoas que se pretendem cidadãos pacíficos; por outro, a revolta dos operários sindicalizados que ameaça abalar os alicerces da organização sindical. Se a classe dirigente for prudente, reconhecerá a utilidade de um simulacro de luta, se quiser que os dirigentes sindicais conservem alguma influência sobre os seus membros.

28. Ninguém é responsável por estes conflitos: são a consequência inegável do desenvolvimento do capitalismo. O capitalismo existe, mas encontra-se também no caminho da sua ruína. Deve ser combatido simultaneamente como uma entidade viva e como uma fase transitória. Os operários devem, ao mesmo tempo, lutar incansavelmente para obter salários mais elevados e melhores condições de trabalho, e tomar consciência dos ideais comunistas. Agarrar-se aos sindicatos que consideram ainda necessários, procurando de vez em quando fazer deles melhores instrumentos de combate. Mas não partilhar o espírito do sindicalismo, que permanece essencialmente capitalista.

29. As divergências que opõem o capitalismo à luta de classes são hoje representadas pelo fosso que separa o espírito sindicalista, principalmente encarnado pelos dirigentes sindicais,

da atitude cada vez mais revolucionária dos sindicalizados. Este fosso torna-se evidente sempre que surge um problema político ou social importante.

30. O sindicalismo está estreitamente ligado ao capitalismo; é nos períodos de prosperidade que tem mais probabilidades de ver as suas reivindicações salariais satisfeitas. De tal modo que, em período de crise econômica, tem de fazer votos para que o capitalismo retome a sua expansão. Os trabalhadores enquanto classe não se preocupam nada com o bom andamento dos negócios. Com efeito, é quando o capitalismo está mais fraco que eles têm mais probabilidades de atacá-lo, de reunir forças e dar o primeiro passo para a liberdade e a revolução.

31. O sistema capitalista estende a sua dominação ao estrangeiro, apropriando-se das riquezas naturais de outros países em seu próprio benefício. Conquista colônias, submete as populações primitivas e explora-as não hesitando em cometer as piores atrocidades. A classe operária denuncia e combate a exploração colonial, enquanto que o sindicalismo defende muitas vezes uma política colonialista, fonte de prosperidade para o regime capitalista.

32. À medida que o capital aumenta, as colônias e países estrangeiros são objetos de investimentos maciços. Mercados para a grande indústria e produtores de matérias-primas, adquirem uma importância considerável. Para obter estas colônias, os grandes estados capitalistas entregam-se a lutas de influência e procedem a uma verdadeira partilha do mundo. As classes médias deixam-se arrastar nestas conquistas imperialistas em nome da grandeza nacional. Depois os sindicatos colocam-se por sua vez ao lado das classes dirigentes sob pretexto da prosperidade do país depender do sucesso que retira da luta imperialista. Por seu lado, a classe operária não vê no imperialismo mais do que uma forma de reforçar o poder e a brutalidade dos opressores.

33. Estas rivalidades de interesses entre as nações capitalistas transformam-se em verdadeiras guerras. A guerra mundial é o coroamento da política imperialista. Para os trabalhadores significa não só o fim da solidariedade internacional, mas também a forma mais violenta de exploração. Porque a classe operária, camada mais importante e mais explorada da sociedade, é a primeira a ser afetada pelos horrores da guerra. Os operários terão não só de fornecer a sua força de trabalho, como também de sacrificar a vida.

34. E, contudo, o sindicalismo em tempo de guerra não pode senão estar do lado do capitalismo. Estando os seus interesses ligados aos do capitalismo, não pode deixar de desejar a vitória deste último. Assim dedica-se a despertar os instintos nacionalistas e o chauvinismo. Auxilia a classe dirigente a arrastar os trabalhadores para a guerra e a reprimir qualquer oposição.

35. O sindicalismo tem horror ao comunismo, que representa uma ameaça constante à sua própria existência. Em regime comunista não há patrões nem, por conseguinte, sindicatos. Claro que nos países onde existe um forte movimento socialista e onde a grande maioria dos trabalhadores é socialista, os dirigentes do movimento operário têm também de ser socialistas. Mas trata-se de socialistas de direita que se limitam a desejar uma república na qual honestos dirigentes sindicais substituiriam os capitalistas ávidos de lucro à frente da produção.

36. O sindicalismo tem horror à revolução que subverte as relações entre patrões e operários. No decorrer dos seus violentos confrontos, ela varre de um só golpe os regulamentos e as convenções que regem o trabalho; perante essas gigantescas manifestações de força, os modestos talentos de negociantes dos dirigentes sindicais são ultrapassados. Esta a razão porque o sindicalismo mobiliza todas as suas forças para se opor à revolução e ao comunismo.

37. Esta atitude é rica em significações. O sindicalismo constitui uma verdadeira força. Dispõem de fundos consideráveis e de uma influência moral cuidadosamente mantida nas suas diversas publicações. Esta força está concentrada nas mãos dos dirigentes sindicais que a utilizam cada vez que os interesses particulares dos sindicatos entram em conflito com os dos trabalhadores. Embora tenha sido construído pelos e para os operários, o sindicalismo domina os trabalhadores, do mesmo modo que o governo domina o povo.

38. O sindicalismo varia segundo o país e segundo a forma do desenvolvimento capitalista. Pode também passar por fases no interior de um determinado país. Acontece haver sindicatos que perdem a sua força e o espírito combativo dos operários lhes insufla um sopro de vida, ou até os transforma radicalmente.

39. Na Inglaterra, nos anos de 1880-90, um "novo sindicalismo" surgiu assim das massas pobres, dos estivadores, e outros trabalhadores não especializados e sub-remunerados rejuvenescendo as estruturas paralisadas dos antigos sindicatos. O aumento do número de trabalhadores manuais vivendo em condições lamentáveis é uma das conseqüências do desenvolvimento do capitalismo que cria sem cessar novas indústrias e substitui os trabalhadores especializados por máquinas. Quando, reduzidos às suas últimas forças, estes trabalhadores seguem o caminho da revolta e da greve, adquirem finalmente uma consciência de classe. Remodelam as estruturas do sindicalismo, de maneira a adotá-las para uma forma mais avançada do capitalismo. Na verdade, quando o capitalismo ultrapassa este limiar, o novo sindicalismo não pode escapar à sorte que espera qualquer forma de sindicalismo e produz, por sua vez, as mesmas contradições internas.

40. O novo sindicalismo iria aparecer particularmente nos EUA, com os I.W.W. (International Workers of the World), nascido de duas formas de desenvolvimento capitalista. Nas vastas regiões de florestas e planícies do Oeste, os capitalistas apropriaram-se das riquezas naturais por métodos brutais que os operários-aventureiros responderam com a violência e a selvageria. No Leste dos Estados Unidos, a indústria ir-se-ia, pelo contrário, desenvolver à custa da exploração de milhões de pobres imigrados vindos de países de baixo nível de vida e que foram submetidos a condições de trabalho miseráveis.

41. Para lutar contra o espírito estreitamente corporativo do velho sindicalismo americano - a Federação Americana do Trabalho, que dividia os operários de uma fábrica em vários sindicatos separados -, os I.W.W. propuseram que todos os operários de uma mesma fábrica se unissem contra o patrão no interior de um sindicato único. Condenando as rivalidades mesquinhas que opunham os sindicatos entre si, os I.W.W. iriam voltar-se para esta fração mais miserável do proletariado e conduzi-la para a luta. Eram demasiado pobres para pagar as cotas elevadas e constituir sindicatos tradicionais. Mas quando se revoltaram e se puseram em greve, foram os I.W.W. que os ensinaram a lutar, que juntaram fundos de apoio através do país e que defenderam a sua causa na imprensa e perante os tribunais.

42. Alcançando uma série de vitórias, viriam a insuflar no coração das massas o espírito de organização e de responsabilidade. E enquanto que os antigos sindicatos jogavam na sua riqueza financeira, os I.W.W. apoiaram-se na solidariedade, no entusiasmo e nas capacidades de resistência dos trabalhadores. Em vez da estrutura rígida dos velhos sindicatos, os I.W.W. propuseram uma forma de organização flexível, variando quanto ao número conforme a situação, com efetivos reduzidos em tempo de paz, desenvolvendo-se com a luta. Recusando o espírito conservador e capitalista do sindicalismo americano, os I.W.W. preconizavam a revolução. Os seus membros foram perseguidos sem piedade pelo conjunto do mundo capitalista. Foram lançados na prisão e torturados com base em falsas acusações. O direito americano chegou mesmo a inventar um novo delito: o "criminal syndicalism".

43. Como método de luta contra a sociedade capitalista, o sindicalismo industrial, não é suficiente para, por si só, derrubar essa sociedade e conquistar o mundo para os trabalhadores. Combate o capitalismo sob a sua forma patronal, no setor econômico da produção, mas não se pode declarar contra o seu baluarte político, o poder estatal. Contudo, os I.W.W. foram até hoje a forma de organização mais revolucionária nos EUA. Contribuíram mais do que qualquer outra para despertar a consciência de classe, a solidariedade e a unidade do proletariado, para reivindicar o comunismo e para estimular as suas armas de combate.

44. O sindicalismo não pode vencer a resistência do capitalismo. Esta a lição que se deve depreender do que anteriormente se disse. As vitórias que alcança trazem apenas soluções em curto prazo. Mas as lutas sindicais não são menos essenciais e devem prosseguir até o fim, até a vitória final.

45. A incapacidade do sindicalismo nada tem de surpreendente, pois que se um grupo isolado de trabalhadores pode mostrar numa justa correlação de forças quando se opõe a um patronato isolado, é porém, impotente face a um patrão que é apoiado pelo conjunto da classe capitalista. É o que se passa neste caso: o poder estatal, a força financeira do capitalismo, a opinião pública burguesa, a virulência da imprensa capitalista concorrem para vencer o grupo de trabalhadores combativos.

46. Quanto ao conjunto da classe operária, não se sente envolvido pela luta de um grupo de grevistas. Sem dúvida que a massa dos trabalhadores nunca é hostil a uma ação de greve: pode até chegar a empreender coletas para apoiar os grevistas - com a condição de não serem proibidas por ordem de um tribunal. Mas esta simpatia não vai mais longe: os grevistas permanecem sós, enquanto milhões de trabalhadores os observam passivamente. E a luta não pode ser ganha (salvo em casos particulares quando o patronato decide, por razões econômicas, satisfazer algumas reivindicações) enquanto o conjunto da classe operária não estiver unido neste combate.

47. A situação é diferente quando os trabalhadores se sentem diretamente implicados na luta; quando compreendem que o seu futuro está em jogo. A partir do momento em que a greve se generaliza ao conjunto da indústria, o poder capitalista tem de enfrentar o poder coletivo da classe operária.

48. Muitas vezes se disse que a extensão da greve, e a generalização para o conjunto das atividades de um país, era o meio mais seguro para assegurar a vitória. Mas é preciso não ver nesta tática um esquema prático que possa ser utilizado a qualquer tempo com êxito. Se assim fosse, o sindicalismo não teria deixado de utilizá-la constantemente.

49. A greve geral não pode ser decretada, segundo o humor dos dirigentes sindicais, como uma simples tática. Deve surgir das entranhas da classe operária, como forma de expressão da sua espontaneidade; e deve se efetuar quando a essência do combate ultrapassa largamente as simples reivindicações de um só grupo. Então, os trabalhadores colocarão verdadeiramente todas as suas forças, o seu entusiasmo, a sua solidariedade e a sua capacidade de resistência na luta.

50. E terão necessidade de todas as suas forças, porque o capitalismo mobilizará por seu lado, as suas melhores armas. Poderá ser surpreendido por esta repentina demonstração de força do proletariado e poderá ver-se obrigado, num primeiro momento, a fazer concessões. Mas não passará de um recuo temporário. A vitória do proletariado não está assegurada nem é duradoura. O seu caminho não está claramente traçado, mas deve ser trilhado através da selva capitalista à custa de imensos esforços.

51. Contudo, cada pequena vitória é em si um progresso, porque arrasta consigo uma vaga de solidariedade operária: as massas tomam consciência da força da sua unidade. Por meio da ação os trabalhadores compreendem melhor o que significa o capitalismo e qual é a sua posição em relação à classe dirigente. Começam a vislumbrar o caminho da liberdade.

52. A luta sai assim do domínio estreito do sindicalismo para entrar no vasto campo da luta de classes. Cabe então aos próprios trabalhadores mudar.

53. Precisam alargar a sua concepção do mundo e olhar, para além das paredes da fábrica, para o conjunto da sociedade. Devem elevar-se acima da mesquinhez que os rodeia e fazer frente ao Estado. Penetram então no reino da política.

54. É tempo de se preocuparem com a revolução.

Texto 5**A LUTA AUTÔNOMA**
Lúcia Barreto Bruno

Trecho de *O que é Autonomia Operária*, Col. Primeiros Passos, Brasiliense, 1985.

A LUTA AUTÔNOMA

1. A força de trabalho é a única mercadoria cujo valor se estabelece através de uma luta social.
2. Enquanto o operário procura incorporar o máximo de tempo de trabalho nesta mercadoria que vende ao capitalista, tendo em vista aumentar o seu valor, o capitalista procura reduzi-lo ao máximo.
3. Essa luta tem um caráter muito peculiar no capitalismo. De um lado, constitui fator integrante do sistema, pois é o próprio processo econômico que determina a fixação de um valor para a força de trabalho, que encontra no salário a sua expressão jurídica.
4. Por outro lado, essa luta não tem condições de se desenvolver no tipo capitalista de organização operária que o sistema de exploração impõe. A disciplina da fábrica implica na completa obediência e submissão do operário ao sistema tecnológico de produção. E esta é a única forma de organização que o capitalismo pode admitir.
5. No entanto, esta luta não pode deixar de existir porque ela é exigida pelo próprio sistema econômico. É a partir daí que se dá o assalariamento produtivo, e dessa luta resulta o aumento da produtividade e da intensidade do trabalho.
6. Além disso, sem a luta do proletariado pela diminuição do grau de exploração, ele correria o risco de, não opondo resistência à miséria, desaparecer fisicamente.
7. Nesse sistema econômico onde o proletariado procura aumentar o valor da sua força de trabalho e o capitalista procura diminuí-la, desenvolve-se um campo institucional que garante a reprodução dessa contradição: o campo sindical.
8. A organização sindical representa precisamente o ponto em que a luta pelos seus objetivos se insere no capitalismo.
9. Você pode prestar atenção; sempre que se desenvolve uma luta proletária efetiva, ela acaba extravasando o campo sindical e criando formas de organização fora do sindicato. Por exemplo: os comitês de greve, as comissões de fábrica, etc.
10. Quando se verificam aumentos salariais onde essas novas formas de organização não surgem, é porque não houve nenhuma luta proletária. É quando o sindicato cumpre plenamente o seu papel no capitalismo: de organismo especializado que planifica para o capitalismo os aumentos que este necessita para a expansão do mercado de consumo particular.
11. Quando, ao contrário, se desenvolvem lutas proletárias, que extravasam, pelo menos no interior de cada unidade produtiva, os limites do sindicato, os dirigentes sindicais cumprem a tarefa de definir um meio-termo aceitável para os patrões. É dessa forma que integram as lutas proletárias na dinâmica do capitalismo. Com isto quero dizer que nenhuma luta pode se expandir nos limites estritos do aparelho sindical, assim como não se desenvolve sob o esquema rígido da disciplina fabril.
12. Mas então fica a pergunta: se a classe operária quando luta diretamente pela diminuição da exploração não atua nas instituições existentes no capitalismo, onde é que ela atua? Eu diria que ela atua fundamentalmente nas organizações que cria no próprio processo de luta, nas instituições autônomas.
13. Esta é uma contradição muito importante do capitalismo. É a própria dinâmica de seu desenvolvimento que determina o surgimento de relações sociais que lhe são antagônicas.

Relações sociais igualitárias e não especializadas, que destroem o sistema da “representatividade”, característico do capitalismo.

14. Na resistência contra a exploração do capital todos os operários são iguais. O movimento social dos explorados, hoje, tende a projetar esta igualdade para além da destruição do sistema no qual ela foi gerada. Isto é, as novas relações sociais criadas no processo de luta tendem na sua expansão a se realizarem em novas formas econômicas e, portanto, em novo modo de produção.

15. Por isso, podemos dizer que nas sociedades contemporâneas se articulam duas realidades sociais antagônicas: o modo de produção capitalista e o socialismo em permanente tendência para o desenvolvimento, fundado nas relações igualitárias e comunitárias que o proletariado cria no decorrer de suas lutas.

16. Tudo isto é bastante abstrato. Vejamos de maneira mais concreta como essas lutas se desenvolvem e por que têm sido derrotadas.

AS INSTITUIÇÕES AUTÔNOMAS

17. Os indivíduos não atuam no vazio, mas dentro de instituições que criam no decorrer de sua existência. Isto quer dizer que quando a classe proletária luta diretamente contra a sua situação de explorada/oprimida, separando-se da lógica capitalista, cria nesse ato novas organizações sociais que constituem as condições da transformação social.

18. Essas organizações, a que chamei conselhos operários ou comissões de fábrica, privilegiam a luta na empresa, ultrapassando os aparelhos sindicais e partidários, desenvolvem práticas novas onde se afirma a preponderância das bases trabalhadoras frente aos dirigentes e a satisfação das necessidades da vida cotidiana frente ao capital, etc.

19. Saídas diretamente do processo de luta, essas organizações unem os trabalhadores em função das lutas práticas e não de objetivos abstratos mais ou menos limitados.

20. Por viabilizarem praticamente formas embrionárias de controle e gestão da produção pelos trabalhadores, as comissões de fábrica constituem a forma embrionária das novas relações sociais de produção.

21. Ao mesmo tempo, iniciam formas institucionais de extinção do poder político, porque são organizações que enquadram os representantes eleitos pelos trabalhadores, especialmente quando a luta se expande e passa das comissões de fábrica locais para formas mais avançadas constituídas por órgãos que articulam outras comissões.

22. É importante salientar que a comissão de fábrica não é forma política no sentido tradicional do termo. Ela não tem autonomia com relação ao conjunto dos produtores; tal como ocorre com o Estado, por exemplo.

23. Quanto mais se desenvolve a comissão de fábrica - enquanto órgão de controle e gestão da produção, por exemplo - mais diminui o caráter intermediário nesse controle.

24. Se criamos instituições através das quais podemos decidir em conjunto sobre todos os aspectos da vida social, eliminamos aqueles que sempre decidiram por nós: os políticos profissionais, que detém o controle das decisões. Criando as instituições que realizam a democracia direta eliminamos o Estado, que existe para decidir por nós e sobre nós.

25. Com isto quero dizer que a dinâmica do socialismo é dada pelo conjunto organizado da classe operária mediante a criação de estruturas próprias de poder, onde os representantes estão controlados nas suas atribuições por todos, podendo ser destituídos a qualquer momento.

26. É preciso diferenciar a representação nessas organizações e a representação nas estruturas políticas capitalistas, onde ninguém controla a ação dos nossos “representantes”.

27. 1- Os elementos eleitos pelos trabalhadores não têm possibilidades de decidirem por si mesmos. Eles são simplesmente executores. Apenas o conjunto dos representados pode decidir.

28. 2- Os representantes eleitos só executam tarefas e não determinam linhas de ação, pois seus limites estão de antemão delimitados e, portanto, não podem extravasar as suas funções.

29. 3- Esses elementos permanecem como representantes, no máximo, até o tempo de executarem as tarefas, eles não têm como se reproduzir em nova classe dominante.
30. 4- Os representantes permanecem na produção e os seus atos podem ser controlados a cada momento. O desempenho de funções na qualidade de representantes dos trabalhadores não lhes confere nenhum tipo de privilégio.
31. Você pode notar que o tipo de organização social que os operários criam na sua luta direta e autônoma é completamente diferente e oposto ao sistema de representação existente no capitalismo. No sistema dominante quais os mecanismos de controle que temos sobre os indivíduos que elegemos? Nenhum. Que informações temos de sua atuação no parlamento ou na chefia de um Estado ou coisa semelhante? Aqui impera o sigilo, fundamental em toda estrutura burocrática, onde informação é poder.
32. Mas não se trata de mistificar ou idealizar as comissões de fábrica. A existência dessas instituições atesta o descrédito em que caíram os sindicatos e os partidos políticos no mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, expressam o grau de autonomia da classe operária com relação às instituições capitalistas.
33. No entanto, nem sempre isto quer dizer que exista uma absoluta democracia na condução das lutas e que são as próprias bases operárias a manterem em mãos a iniciativa e o poder, no combate contra a exploração.
34. É preciso ver os problemas com os quais as comissões de fábrica se deparam, e o funcionamento das mesmas. Na realidade, o caráter complexo dos processos de transformação social inviabiliza qualquer tentativa de impor um modelo acabado de organização.
35. O estudo da história do movimento operário e das novas formas de luta que hoje presenciamos podem nos indicar as tendências e possibilidades futuras do movimento, nunca suas formas concretas de realização. Estas dependem da articulação complexa de todas as variantes e especificidades históricas de cada momento considerado.
36. Voltando ao problema colocado, pode acontecer de uma comissão limitar-se a servir de intermediária entre o sindicato e os trabalhadores. Se isto mostra a exterioridade do sindicato com relação à classe, mostra também que é o sindicato quem conduz todas as lutas, mantendo os trabalhadores em uma situação de apatia. A comissão limita-se a dizer ao sindicato o que os trabalhadores gostariam que fosse feito e a dizer aos trabalhadores o que o sindicato decidiu fazer. Vemos que na realidade essa comissão exerce a função de seção sindical, subordinada ao sindicato.
37. Há ainda comissões que, apesar de informarem todos os trabalhadores e os consultarem antes de qualquer atuação, acabam se isolando das bases. Isto acontece não porque se tornaram “pelegas”, mas porque os trabalhadores caíram numa certa apatia. E a que se deve esta apatia?
38. Este é o ponto central, pois nenhuma organização pode fazer sozinha o que compete ao conjunto dos trabalhadores. Antes de avançarmos nesta questão, a partir de que momento se verifica o isolamento das bases?
39. O aparecimento de uma comissão de fábrica, autônoma, demonstra um grau elevado de atividade dos operários, e essa atividade vai se refletir no controle a que estará sujeita a comissão eleita pelo conjunto dos operários. No início são realmente todos a decidirem o que a comissão vai executar. Mas depois começa a haver uma distinção entre o conjunto dos operários e os executores. São sempre os mesmos - os membros da comissão - que executam e decidem.
40. Os trabalhadores, então, se afastam de toda a atividade e a comissão se apodera de todas as iniciativas.
41. A partir daí está criado o isolamento da comissão e se desenvolve o terreno ideal para a sua burocratização, para a defesa de interesses particulares (partidários ou não) que acabam prevalecendo sobre os interesses do conjunto. É ainda o momento propício para a repressão patronal, que acaba despedindo os trabalhadores mais combativos.

42. Isso porque os trabalhadores foram afastados do trabalho prático e voltaram a uma situação amorfa. Com isto quero dizer que as organizações autônomas só podem existir em momentos de luta direta e conjunta de todos os interessados.
43. De nada adianta criticar as lutas operárias pelo fato de acabarem integradas no capitalismo. Ou dizer que as organizações autônomas não sobrevivem por muito tempo, pois são destruídas pela repressão ou subordinadas às cúpulas sindicais e partidárias.
44. A questão fundamental é procurar novas formas de manter essas organizações, generalizando-as e unificando-as.
45. A circulação de informações, a troca de experiências entre trabalhadores inseridos em lutas diferentes, é indispensável para desenvolver a solidariedade e a coesão dos trabalhadores.
46. Nas sociedades contemporâneas, o peso das práticas sociais que tendem a integrar indivíduos e grupos sociais pertencentes a classes sociais antagônicas é muito grande. Essas práticas são realizadas a todo o momento nas instituições de consumo, de lazer, na escola, nos partidos políticos, nas instituições religiosas, etc.
47. Em momentos de ascenso revolucionário, elas acabam sendo negadas na prática, através da criação de novas instituições sociais, as comissões autônomas, os comitês de moradores, etc. Mas para que elas se desenvolvam e se generalizem é fundamental a expansão das diversas lutas, ultrapassando, assim, o localismo em que surgem. Não é possível a existência de “ilhas” autônomas num contexto capitalista.
48. Uma comissão autônoma tem grande poder, porque expressa o que há de mais importante na fábrica: a força-de-trabalho, sem a qual não existiria capital. Por esse motivo, ela é sempre “objeto de desejo” de muitos.
49. São os patrões que procuram cooptá-la para que funcione como amortecedor dos conflitos internos da fábrica. São os partidos políticos que tentam a todo instante inchar-se com a força alheia. São as cúpulas sindicais que procuram estender seu campo de controle para dentro das fábricas.
50. É contra tudo isso que os trabalhadores têm de lutar, tendo em vista manter a comissão sob seu controle efetivo. Para que funcione como instrumento de luta e campo de desenvolvimento das relações igualitárias, a autonomia das comissões é fundamental. De nada adianta eleger comissões de trabalhadores, se estes não as controlam diretamente. Os trabalhadores não lutam por delegação. Lutam eles próprios ou não há luta revolucionária.
51. Uma comissão que não seja a expressão da luta auto-organizada e autodirigida pelos operários nada tem de autônoma. Muito menos aquelas criadas pelo patronato, ou ainda as fomentadas de fora por militantes que pretendem utilizá-las como células de seus partidos.
52. O caráter subversivo das organizações operárias reside no controle que o conjunto dos interessados tem sobre a ação daqueles que foram eleitos como seus porta-vozes. Pensar que o capitalismo integra estas instituições é ver apenas os seus traços exteriores. Não existe a menor possibilidade de se conciliar estruturas de organização antagônicas.
53. As comissões de fábrica, enquanto expressão das relações igualitárias e coletivistas, nada tem a ver com as comissões criadas pelo patronato, pelos partidos políticos ou pelas cúpulas sindicais. Sobre estruturas desse tipo, centralistas e burocratizadas, só podem se desenvolver relações sociais de militarização, submissão e dependência, que prefiguram as relações sociais numa sociedade de exploração.
54. A integração das comissões de fábrica, assim como de outras práticas autogestionárias, se dá pela destruição dessas instituições e práticas. Muitas vezes, se conserva o mesmo nome, mas para encobrir práticas absolutamente diversas. Por isso, não é para o nome das organizações que devemos olhar. É para a sua estrutura interna e para as funções práticas que concretamente realizam. E isto não apenas num dado momento. É preciso ver, no processo de evolução das lutas, como estas organizações vão se desenvolvendo.

Texto 6

INTRODUÇÃO A *PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE UMA PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO COMUNISTA* Paul Mattick

Tradução: JCM

REFERÊNCIA: MATTICK. Paul. **Introducción.** p. 11-25. In: GRUPE INTERNACIONALER KOMUNISTEN - HOLLAND (GIK-H). **Principios fundamentales de una producción e distribución comunista.** Bilbao/Madrid: Zero/ZYX, 1976, 184 p.

Cotejada com: MATTICK. Paul. **Einleitung.** p. I-XVII. In: GRUPE INTERNACIONALER KOMMUNISTEN (HOLLAND) 1930. **Grundprinzipien kommunistischer Produktion und Verteilung.** Berlin-Wilmersdorf: Institut für Praxis und Theorie des Rätekommunismus/Rüdiger Blankertz Verlag, 1970, 178 p.

1. Esta obra coletiva *Grundprinzipien kommunistischer Produktion und Verteilung* apareceu pela primeira vez há 40 anos. Seus autores, o Grupo de Comunistas Internacionais da Holanda, pertenciam ao movimento dos Conselhos. Os Conselhos surgiram pela primeira vez durante a Revolução Russa de 1905. Segundo Lênin, teriam força suficiente para tomar o poder político, mesmo que, na realidade, ainda se movessem nos limites da revolução burguesa. Para Trotsky, contrariamente aos partidos políticos presentes no interior da classe operária, os Conselhos Operários constituíam a organização própria do proletariado. O holandês Anton Pannekoek enxergou no movimento dos Conselhos a auto-organização do proletariado, que o conduziria a seu domínio como classe e à direção da produção. Com o desenvolvimento da Revolução Russa⁸ e com o fim dos Conselhos o interesse por esta nova forma de organização se perdeu e a organização do movimento operário esteve novamente a disposição dos partidos políticos e sindicatos tradicionais. Mais tarde, a Revolução Russa de 1917 recolocaria a perspectiva dos Conselhos para o movimento operário internacional. Porém, não apenas como expressão da organização espontânea dos trabalhadores revolucionários, mas também como medida necessária diante da posição contrarrevolucionária do movimento operário tradicional.

2. A Primeira Guerra Mundial e o colapso da II Internacional fecharam o primeiro ciclo do movimento operário. A integração do movimento operário na sociedade burguesa, previsível com antecedência de longa data, tornou-se um fato irrefutável. O movimento operário não era um movimento revolucionário, mas um movimento de operários que pretendia se adaptar ao capitalismo. Tanto os dirigentes quanto os próprios trabalhadores não possuíam interesse na abolição do capitalismo e, portanto, estavam satisfeitos com a atividade política e sindical em seu interior. As limitadas possibilidades de partidos e sindicatos no interior da sociedade burguesa expressavam os interesses reais dos trabalhadores. Não se poderia esperar outra coisa, dado que um capitalismo em expansão progressiva exclui todo verdadeiro movimento revolucionário.

3. O devaneio de uma possível harmonia entre as classes ao longo do desenvolvimento capitalista, sobre o qual se fundamentava o movimento operário reformista, se fez em pedaços ao chocar-se com as contradições próprias do capitalismo, que se expressam por meio de crises e guerras. As ideias revolucionárias, em princípio reduzidas a uma minoria no interior do movimento operário, se disseminaram entre as grandes massas quando a miséria da guerra despiu a verdadeira natureza do capitalismo. E não somente do capitalismo, mas também a

⁸ De 1905 (NEE - nota da edição espanhola).

natureza das organizações operárias crescidas em seu seio. As organizações escaparam das mãos dos trabalhadores. Para estes últimos, as organizações existiram apenas na medida em que foi necessário para garantir a existência de suas burocracias. Posto que a função destas organizações está ligada à manutenção do capitalismo, não podem deixar de se opor a qualquer luta séria contra o sistema capitalista. De fato, um movimento revolucionário necessita de formas de organização que o conduzam para além do capitalismo, que estabeleçam o poder dos trabalhadores sobre suas organizações, nas quais não estejam apenas uma parte dos trabalhadores, mas a totalidade da classe. O movimento dos Conselhos foi uma primeira tentativa de construir uma forma de organização adequada à revolução proletária.

4. Tanto a revolução russa quanto a alemã encontraram no movimento dos Conselhos sua expressão organizativa. Mas em nenhum desses dois casos alcançaram capacidade suficiente para afirmar seu poder político e usá-lo na construção de uma sociedade socialista. Enquanto o fracasso do movimento dos Conselhos russo pode ser atribuído indubitavelmente ao atraso da situação social e econômica russa, a derrota do movimento dos Conselhos alemão foi produto da falta de vontade das massas trabalhadoras de realizar o socialismo de modo revolucionário. A socialização era vista como tarefa do governo e não como tarefa dos próprios trabalhadores. Assim, o movimento dos Conselhos decretou seu próprio fim ao restabelecer a democracia burguesa.

5. Embora o partido bolchevique tivesse chegado ao poder com a palavra de ordem “todo o poder aos *Soviets*”, se manteve fiel à concepção socialdemocrata segundo a qual a construção do socialismo era tarefa do Estado e não dos Conselhos. Enquanto na Alemanha nenhum tipo de socialização era levado a cabo, o Estado bolchevique destruiu a propriedade privada capitalista, mas sem atribuir qualquer prerrogativa aos trabalhadores de disporem de sua produção. Para aqueles que defendiam os interesses dos trabalhadores, o resultado foi uma forma de capitalismo de Estado, que não somente deixava intacta a condição social dos trabalhadores, mas que continuava sua exploração em benefício de uma nova classe privilegiada. Não era possível realizar o socialismo nem por meio de uma reforma do Estado democrático burguês, nem por meio do novo Estado revolucionário bolchevique.

6. Deixando de lado a imaturidade objetiva ou subjetiva da situação, o caminho que teria sido possível seguir para alcançar a socialização permanecia envolto em obscuridade. A teoria socialista tendia genericamente à crítica do capitalismo e à estratégia e tática da luta de classes no interior da sociedade burguesa. O caminho para o socialismo e sua estrutura apareciam como prefigurados no capitalismo. O próprio Marx deixou poucas indicações fundamentais sobre o caráter da sociedade socialista, posto ser realmente pouco produtivo se ocupar do futuro para além de situações compreendidas dentro do presente ou do passado. Porém, contrariamente ao que sustentaram interpretações posteriores, Marx esclareceu que o socialismo não se refere ao Estado e sim à sociedade. O socialismo como “associação de produtores livres e iguais” necessitava do “Estado”, ou seja, da ditadura do proletariado, somente até o momento de sua estabilização. Com a consolidação do socialismo, a ditadura do proletariado, entendida como “Estado”, desapareceria. Contrariamente, na concepção socialdemocrata, reformista ou revolucionária, existia uma identificação do controle estatal com o social, e o termo “associação de produtores livres e iguais” perdeu seu significado original.

7. As características do socialismo futuro contidas no capitalismo não foram vistas na possível auto-organização dos produtores na produção e na distribuição, mas nas tendências à concentração e à centralização, típicas do capitalismo, que finalmente gerariam um domínio estatal sobre todas as esferas da economia. Em um primeiro momento esta concepção de socialismo foi assumida pela burguesia, que posteriormente a atacou rotulando-a de ilusória.

8. O fim de um grande movimento revolucionário como foi o dos Conselhos não elimina a possibilidade de sua reaparição em uma nova situação revolucionária. Além disso, se pode aprender com as derrotas. Depois da revolução perdida, a tarefa dos comunistas conselhistas não consistiu apenas em fazer propaganda do sistema de Conselhos, mas também em

pesquisar as insuficiências que causaram o fracasso do movimento. Talvez uma das maiores insuficiências tenha sido que os Conselhos não possuíam clareza sobre suas tarefas no âmbito de uma organização socialista da produção e da distribuição. Posto que os Conselhos possuem sua base nas fábricas, este deve ser o ponto de partida para a coordenação social e a síntese da vida econômica, e nelas os produtores devem poder dispor do que produzem. Estes “Princípios Fundamentais de uma produção e distribuição comunista” foram a primeira tentativa do movimento dos Conselhos na Europa Ocidental de enfrentar o problema da construção do socialismo sobre a base dos Conselhos.

9. Considerando as grandes dificuldades com que se defronta uma possível revolução proletária, este escrito - que trata em sua maior parte da unidade de cálculo e da contabilidade da economia comunista - à primeira vista, poderá parecer estranho.

10. Como não se podem prever com exatidão as particularidades das difíceis situações que nos esperam, sobre um tema assim podemos apenas especular. Destruir certo sistema social pode ser fácil ou difícil: depende de condições que não podem ser previstas. Mas este escrito não se ocupa da organização da revolução, e sim de problemas posteriores. Como, além disso, não é possível adivinhar o estado da economia depois da revolução, não se pode nem mesmo elaborar um programa prévio dos trabalhos que deverão ser efetivamente levados a cabo. Porém, é possível discutir antecipadamente os procedimentos e os instrumentos necessários para a afirmação de determinadas condições sociais que se pretende obter, neste caso condições que se consideram comunistas.

11. O problema teórico da produção e da distribuição no comunismo passou a ser um problema prático a partir da revolução russa. Mas a prática estava determinada desde o princípio pela concepção do controle estatal centralizado, ao qual as duas alas da socialdemocracia se referiam. As discussões sobre a realização do socialismo ou do comunismo deixavam de fora o problema real: o do controle dos trabalhadores sobre sua produção. A questão repousava em como realizar a planificação econômica dirigida por uma autoridade central. Dado que, segundo a teoria marxiana, o socialismo não conhece mercado, nem concorrência, preços e dinheiro, e era concebível apenas como economia natural na qual, por meio da estatística, tanto a produção quanto a distribuição vêm determinadas por um serviço central. A crítica burguesa se concentrou neste ponto ao afirmar que nestas condições uma gestão racional é impossível porque a produção e a distribuição necessitam de uma medida de valor, como a que os preços de mercado proporcionavam.

12. Para não antecipar a dissertação a este respeito encontrada em “Princípios Fundamentais de uma produção e distribuição comunista” basta dizer que seus autores encontraram a solução do problema da necessária unidade de cálculo no tempo de trabalho socialmente médio como base da produção e da distribuição. Demonstram minuciosamente a aplicação prática deste método de cálculo e da contabilidade pública a ele vinculada. E por se tratar apenas de métodos para alcançar determinados resultados, o raciocínio é perfeitamente lógico. O uso deste método tem como condição necessária a vontade de chegar a uma produção e distribuição de tipo comunista. Verificado este pressuposto, nada se opõe a este método, mesmo que possa não ser o único adaptado ao comunismo.

13. Segundo Marx, toda economia é uma economia “de tempo”. A subdivisão e o desenvolvimento do trabalho se realizam de acordo com as exigências da produção e do consumo, do mesmo modo que no capitalismo o tempo de trabalho é a medida da produção, mas não da distribuição. Na base dos preços, reguladores do capitalismo, se encontram valores ligados ao tempo de trabalho. As relações de produção e de exploração no capitalismo que são ao mesmo tempo relações de mercado, e a acumulação de capital que é o motivo e o motor da produção capitalista, excluem um intercâmbio de valores equivalentes dado pelo tempo de trabalho. Não é à toa que a lei do valor domina a economia capitalista e seu desenvolvimento.

14. Partindo deste fato, pode-se pensar facilmente que a lei do valor também deve ser válida no socialismo, posto que o tempo de trabalho também neste deva ser considerado para

possibilitar uma economia racional. Porém o tempo de trabalho se transforma em “valor de tempo de trabalho” somente em condições capitalistas, nas quais a necessária coordenação social da produção está sujeita ao mercado e às relações de propriedade privada. Sem relações capitalistas de mercado inexistem qualquer lei do valor, embora ainda - e talvez sempre - seja necessário considerar o tempo de trabalho para adaptar a produção social às necessidades da sociedade. É neste último sentido que se fala de tempo de trabalho socialmente médio em “Princípios Fundamentais de uma produção e distribuição comunista”.

15. Os autores sublinham o fato de que antes deles o tempo de trabalho como cálculo econômico já havia sido proposto. Consideram inaceitável esta proposta por estar baseada apenas na produção e não na distribuição, e nisso continua relacionada com o capitalismo. Segundo seu ponto de vista, o tempo de trabalho socialmente médio deveria valer tanto na produção quanto na distribuição. Aqui, no entanto, nos deparamos com uma dificuldade e debilidade para calcular o tempo de trabalho, dificuldade que Marx também havia visto, encontrando como resposta a abolição do cálculo baseado sobre o tempo de trabalho na distribuição, realizando o princípio comunista “de cada um de acordo com sua capacidade, a cada um de acordo com suas necessidades”.

16. Em sua crítica do Programa de Gotha do partido socialdemocrata alemão, Marx esclareceu o fato de que uma distribuição proporcional ao tempo de trabalho traria consigo uma nova desigualdade, posto que os que produzem se diferenciam por sua capacidade de trabalho e por sua situação privada. Alguns trabalham mais durante um mesmo intervalo de tempo; uns têm família para sustentar e outros não. Assim, a igualdade da distribuição pelo tempo de trabalho resulta na desigualdade nas condições de consumo. Marx escreve: “De fato, a igualdade de trabalho prestado, e portanto, a igualdade de usufruto do fundo social de consumo, uns obtêm mais que outros, uns são mais ricos que outros, etc. Para evitar essa situação injusta, a lei deveria ser desigual ao invés de igual”. Embora considerasse esse inconveniente “inevitável na primeira fase da sociedade comunista”, não o considerava um princípio comunista. Quando os autores de “Princípios Fundamentais...” afirmam que sua exposição é “apenas a utilização consequente do pensamento marxiano”, é verdade somente na medida em que este pensamento se refere a uma fase do desenvolvimento socialista, na qual predomina ainda o princípio do intercâmbio de equivalentes, princípio que encontrará seu fim no socialismo.

17. Para Marx estava claro que “toda distribuição dos meios de consumo é apenas a consequência da distribuição dos meios de produção” e que “quando os meios de produção forem propriedade dos próprios trabalhadores, se conseguirá uma distribuição dos meios de consumo diferente da atual”. Assim, os possíveis defeitos de uma distribuição segundo o tempo de trabalho não podem ser superados com uma divisão entre a produção e a distribuição, já que o governo da produção pelos produtores compreende também seu controle sobre a distribuição, do mesmo modo que a determinação da distribuição pelo Estado - atribuição a partir de cima - compreende também o controle estatal sobre a produção. Os autores dos “Princípios Fundamentais...” sublinham justamente que os produtores devem ter a mais ampla possibilidade de dispor de sua produção, mas que isto exija uma distribuição de acordo com o tempo de trabalho é outro problema.

18. Nos países capitalistas de desenvolvimento avançado, ou seja, nos países em que a revolução socialista é possível, as forças sociais produtivas estão suficientemente desenvolvidas para produzir meios de consumo em superabundância. Mais da metade de toda a produção capitalista e das atividades improdutivas e ela ligadas (prescindindo completamente das possibilidades de produzir que não são exploradas) seguramente nada tem a ver com o consumo humano real e apenas encontram sentido na irracional economia capitalista. Portanto, resulta claro que em condições de economia comunista será possível produzir bens de consumo em quantidade tal que será supérfluo um cálculo de suas partes individuais.

19. Contudo, a obtenção da abundância, hoje potencialmente presente, pressupõe uma completa transformação da produção social, baseada nas necessidades reais dos produtores. A transformação da produção capitalista em uma produção orientada segundo as necessidades humanas, trará como resultado da abolição das relações capitalistas não somente uma mudança no desenvolvimento técnico-industrial, mas, dessa maneira, trará também maior segurança quanto ao futuro da existência humana, agora claramente em perigo.

20. Embora os “Princípios Fundamentais...” acentuem precisamente o fato de que a produção está condicionada pela reprodução, e embora o ponto de partida da produção comunista pode ser tão somente o do fim do capitalismo, em qualquer situação a nova sociedade necessita de transformações adequadas nos objetivos e nos métodos da produção. Os procedimentos empregados nestas transformações e os resultados obtidos permitirão escolher o modo de produção adequado, seja pelas partes da produção, seja pelas variáveis necessidades reais. Além disso, também é possível que uma destruição parcial da base da produção - consequência da luta de classes necessária para a transformação social - exclua a distribuição pelo tempo de trabalho, sem que por isto seja impossível uma distribuição igualitária, por exemplo, por meio de racionamentos. Esta distribuição igualitária pode ser determinada pelo próprio trabalhador sem o círculo vicioso do cálculo do tempo de trabalho. Mas os “Princípios Fundamentais...” partem de um sistema econômico comunista “normal”, isto é, de um sistema já imposto e com condições próprias de reprodução. Em condições semelhantes, uma distribuição vinculada ao tempo de trabalho parece supérflua.

21. É bem verdade que a “relação exata entre produtor e produto” defendida nos “Princípios Fundamentais...” diz respeito somente à parte individual da produção, depois de retiradas as partes da produção referentes ao consumo e à reprodução da produção social. O processo de socialização se expressa na diminuição do consumo individual e no aumento do consumo público, motivo pelo qual, no fim das contas, o desenvolvimento comunista tende a abolir o cálculo do tempo de trabalho na distribuição. A estrutura econômica sem mercado necessita da organização dos consumidores em cooperativas (em contato direto com as empresas) nas quais as necessidades individuais, relativas ao consumo e à produção, possam se expressar coletivamente. No entanto, é uma lástima que seja esta a parte menos elaborada dos “Princípios Fundamentais...” quando o capitalismo utiliza precisamente a pretensa liberdade de consumo da economia de mercado para fazer a apologia de si mesmo. Na realidade, é perfeitamente possível estabelecer as necessidades de consumo sem necessidade do mercado - e até muito melhor do que ele o faz - porque na sociedade comunista desaparecem as deformações da demanda do mercado causadas por uma distribuição vinculada à existência de classes sociais.

22. Também na produção um cálculo exato somente pode ser realizado aproximadamente, dado que o processo de trabalho e de reprodução está sujeito a mudanças constantes. O cálculo do tempo de trabalho socialmente médio para a produção global está sujeito a certas demoras, e os resultados obtidos estão sempre atrasados em relação à reprodução efetiva. A “exatidão” do cálculo se refere a um momento passado, e por mais que seja possível reduzir o tempo de averiguação por meio de métodos e instrumentos modernos, o tempo de trabalho socialmente médio varia constantemente. Esta falta de exatidão não é um obstáculo insuperável para o cálculo da produção e da reprodução social, seja ao nível da própria produção como em nível superior. Porém a situação real diferirá da calculada e somente na diferença encontraremos o estado real da produção. No cálculo do tempo de trabalho não se trata de obter a adequação completa do tempo de produção, obtido por meio da unidade de medida, ao tempo médio de trabalho efetivamente empregado e à produção resultante, mas de ordenar e distribuir o trabalho social, coisa que, por sua própria natureza, se pode obter apenas de forma aproximada. Para uma economia comunista planejada, um resultado assim é perfeitamente aceitável.

23. Os autores dos “Princípios Fundamentais...” concebem a organização produtiva de maneira que “a relação exata entre o produtor e o produto chegue a ser a base do processo de

produção social”. Enxergam isto como o “problema fundamental da revolução proletária”, porque somente desta maneira se pode evitar que se levante um aparato por cima dos produtores. Apenas por meio de uma definição da relação entre o produto e o produtor “se pode abolir a função dos dirigentes e dos administradores na partilha do produto social”. Assim, o pressuposto necessário para uma sociedade sem classes é a autodeterminação da distribuição por parte dos produtores. Na verdade, a determinação da relação direta entre produtor e produto somente pode ser o resultado de uma revolução proletária vitoriosa que estabelece o sistema dos Conselhos como organização social. Neste caso, a necessidade de regular o processo produtivo em função da distribuição pode ser menor. Pode-se imaginar uma distribuição controlada dos meios de consumo tão bem quanto uma não controlada, sem que isto torne necessária a existência de novos extratos privilegiados. Por outro lado, a mera assunção de uma norma para a distribuição não é condição suficiente para o estabelecimento de uma economia comunista: esta, com efeito, não deve se basear simplesmente na participação dos produtores no produto social, e sim, para além destes problemas, nas condições materiais da produção social.

24. No capitalismo a distribuição está regulada pelo mercado apenas aparentemente. Embora a produção deva se realizar com base no mercado, o próprio mercado está determinado pela produção de capital. O valor de troca e a acumulação de capital estão na base do processo de produção. O valor de uso aparece na produção apenas como um meio para aumentar o valor de troca. As verdadeiras necessidades dos produtores podem ser consideradas somente se coincidirem com os imperativos da acumulação. A produção, produção de mais-valia, se regula automaticamente na economia de mercado de acordo com as relações do valor de troca, que apenas acidentalmente coincidem com as relações de valor de uso. A sociedade comunista produz apenas para o uso, e, por isso, deve adequar a produção e a distribuição às necessidades reais da sociedade. A produção antecede a distribuição, mesmo que esteja determinada pelas necessidades dos consumidores, mas a organização da produção necessita de muito mais do que a determinação exata da relação entre produtor e produto: necessita do controle das necessidades e das capacidades de produção de toda a sociedade, em suas formas físicas, e de uma distribuição adequada do trabalho social.

25. O sistema dos Conselhos somente poderá ser realizado se forem criadas instituições que possibilitem supervisionar as necessidades e as possibilidades do conjunto social. Os conhecimentos obtidos por essa forma exigem decisões que não podem ser tomadas em nível de cada organização de fábrica. A estrutura do sistema dos Conselhos deve ser de modo a regular a produção centralizadamente, sem por isso condicionar a autonomia dos produtores. Além do mais, nas próprias fábricas a execução das decisões dos trabalhadores ficará a cargo dos Conselhos sem que seja criada uma primazia dos Conselhos sobre os trabalhadores em razão disso. E mais, de uma ótica mais global, podem ser encontrados na produção nacional, métodos organizativos que coordenem as instituições acima das fábricas sob o controle dos trabalhadores. Contudo, esta solução da contradição centralismo-federalismo prevista nos “Princípios Fundamentais...” não poderá ser resolvida simplesmente por meio de um “registro do processo econômico na contabilidade social geral”, provavelmente serão necessários órgãos particulares, integrados ao sistema dos Conselhos, encarregados especificamente da organização econômica.

26. Baseados na experiência russa, nos “Princípios Fundamentais...” se rechaça uma administração central da produção e da distribuição dirigida pelo Estado, o que na realidade não afeta o sistema dos Conselhos e sim ao capitalismo de Estado. No entanto, também aqui, a produção e a distribuição não são fruto de organismos de planificação e sim do Estado que os utiliza como instrumentos. Foi a ditadura política do aparato estatal sobre os trabalhadores e não uma planificação da economia que conduziu a uma nova forma de exploração da qual participam também as autoridades da planificação. Sem a ditadura política do aparato estatal os trabalhadores não estariam obrigados a se submeter à administração central da produção e da distribuição.

27. Desse modo, a primeira condição da produção e distribuição comunistas é que não exista nenhum aparato estatal ao lado ou acima dos Conselhos e que a função “estatal” (supressão das tendências contrarrevolucionárias) seja exercida pelos próprios operários, organizados em seus Conselhos. Qualquer partido que, enquanto uma fração dos trabalhadores, aspire ao poder estatal ou se coloque como um aparato estatal depois da tomada do poder, sem dúvidas tentará controlar a produção e distribuição, e reproduzir este controle para manter as posições obtidas. Se existe o controle da maioria por uma minoria, então a exploração continuará existindo. O sistema dos Conselhos não pode permitir que a seu lado continue a subsistir nenhum Estado, a menos que renuncie a si mesmo. Mas sem este poder estatal separado da sociedade, qualquer planificação da produção e da distribuição somente pode ser levada a cabo pelo sistema de Conselhos. Os organismos de planificação vem a ser também das empresas que, junto a outras empresas, se fundem em um único sistema de Conselhos.

28. Neste contexto, deve ser mencionado que a composição da classe operária está sujeita a constantes mudanças. Os “Princípios Fundamentais...” consideram o proletariado industrial reunido nas empresas como a classe socialmente determinante. O sistema dos Conselhos baseado nas empresas determina a estrutura da sociedade e obriga outras classes, por exemplo a dos camponeses independentes, a integrarem-se no novo sistema sócio-econômico. Nos últimos 40 anos, o proletariado, isto é, o extrato dos que recebem pagamento ou salário, tem aumentado, mas em relação ao conjunto da população, o número de trabalhadores na indústria diminuiu.⁹ Uma parte dos empregados trabalha nas áreas da distribuição e da administração. Como a produção depende cada vez mais da ciência, e as forças produtivas da ciência superam “tendencialmente” às do trabalho direto, as universidades também podem ser vistas como “empresas”, pelo menos em parte. E se no capitalismo mais-valia significa sempre trabalho não pago, qualquer que seja o estado da ciência, no comunismo a riqueza social não se apresenta como um crescimento do trabalho, mas como a redução contínua do trabalho necessário, consequência do desenvolvimento científico liberto das limitações capitalistas. A produção se socializa progressivamente em decorrência da participação crescente das massas no processo de produção, massas que agora apenas podem existir na mais estrita colaboração e na interpenetração mútua de todos os tipos de trabalho. Em suma, a noção de proletariado se amplia e hoje é mais extensa do que 40 anos atrás. As modificações na organização do trabalho contém tendencialmente a superação da divisão do trabalho, da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre escritório e fábrica, entre trabalhadores e diretores: trata-se de um processo que pode conduzir - por meio da participação de todos os produtores na produção agora socialmente orientada - a um sistema de Conselhos que abarque a toda a sociedade e, deste modo, coloque um ponto final na dominação de classe.

29. Pode-se partilhar da desconfiança dos “Princípios Fundamentais...” para com “chefes, técnicos e cientistas” que se arrogam o direito de dirigir a produção e distribuição sem por isso esquecer que, excetuando-se os chefes, os demais são produtores. O sistema de Conselhos os coloca junto a todos os demais produtores e os retira da posição privilegiada que ocupam no capitalismo. Apesar de tudo, como passos atrás são possíveis no campo social, é evidente que mesmo um sistema de Conselhos pode se degradar, por exemplo, por causa do desinteresse dos próprios produtores em sua autonomia com a consequente passagem das funções dos Conselhos a expoentes internos do sistema que se tornam independentes dos produtores. Os autores pensam que se pode evitar tal perigo por meio do “novo cálculo da produção como base geral da produção”. Mas como este cálculo da produção deve ser ditado na prática, o efeito esperado pode se perder por uma série de modificações. Na exposição dos autores, o sistema, uma vez implantado, se mostra suficiente. Por meio do “funcionamento objetivo da produção”, do controle desta em relação à reprodução, se defendem do

⁹ Neste trabalho, para designar os assalariados em geral foi escolhido o equivalente “proletariado”. Para designar a parte do proletariado que trabalha na indústria podem ser utilizadas, como sinônimas, as expressões “proletariado industrial” ou “classe operária” (NT - nota do tradutor).

ordenamento que permite a personalização das decisões, como ocorre no capitalismo de Estado.

30. O novo sistema de produção e distribuição assegura por si mesmo a sociedade comunista, embora na realidade o “funcionamento objetivo da produção” sempre está assegurado por pessoas. No capitalismo também existe um “funcionamento objetivo” da produção, que vem ditado pela lei do mercado, à qual todas as pessoas estão sujeitas. É o sistema que domina o ser humano. Esta visão fetichista do sistema encobre a realidade das relações de exploração do homem pelo homem. Por trás das categorias econômicas estão classes e pessoas, e, cada vez que o fetichismo do sistema é ultrapassado, a luta aberta entre classes e pessoas volta à luz. Embora o comunismo também seja um sistema social, ele não atua por cima dos seres humanos, mas de acordo com os seres humanos. Não possui vida própria à qual as pessoas devam forçosamente se adaptar e o “funcionamento objetivo da produção” está determinado por pessoas, porém por pessoas que fazem parte do sistema de Conselhos.

31. Estas pequenas observações críticas são suficientes para indicar que nos “Princípios Fundamentais...” não nos é apresentado um programa acabado, mas que se trata de uma primeira tentativa de aproximação ao problema da produção e distribuição comunista. E, embora os “Princípios Fundamentais...” abordem uma situação social do futuro, constituem ao mesmo tempo um documento histórico que lança luzes sobre uma etapa das discussões do passado. Seus autores enfrentavam as questões da socialização há mais de meio século e alguns de seus argumentos perderam atualidade. A disputa entre os teóricos da economia natural e os representantes da economia de mercado, na qual os “Princípios Fundamentais...” intervieram para demonstrar as posições equivocadas de ambos, encontra-se superada.

32. Em geral, o socialismo já não é considerado como uma nova sociedade, mas como uma variante do capitalismo. Os defensores da economia de mercado falam de uma economia de mercado planificada, enquanto os defensores de uma economia planificada se valem da economia baseada no mercado. A organização da produção fundada sobre o valor de uso não exclui a distribuição desigual dos bens de consumo mediante a manipulação dos preços. As “leis econômicas” são consideradas independentes do tipo de sociedade e, no máximo, se discute hoje em dia qual a combinação de capitalismo e de socialismo é mais “econômica”.

33. O “princípio econômico”, isto é, o princípio da racionalidade econômica que, como se costuma dizer, é a base de todo ordenamento social e se apresenta como a realização do resultado máximo com o mínimo de custos, na verdade não passa do clássico princípio capitalista da produção voltada ao lucro, sempre tendente à máxima exploração. Consequentemente, o “princípio econômico” do proletariado nada mais é que a abolição da exploração. Até hoje tal princípio, ponto de partida dos “Princípios Fundamentais...”, tem sido letra morta para os trabalhadores. Nos países capitalistas, as palestras acadêmicas sobre socialismo, além da evidente exploração dos trabalhadores nos países ditos “socialistas”, se referem somente a sistemas de capitalismo de Estado. A “propriedade socialista” dos meios de produção sempre é compreendida como propriedade do Estado. A distribuição administrativa dos bens, com ou sem mercado, sempre é objeto de decisões centrais. Do mesmo modo que no capitalismo, a exploração ocorre em duas formas: devido à separação contínua entre produtores e meios de produção e por meio da monopolização do poder político. E onde aos trabalhadores foi concedida ou imposta uma espécie de “direito à cogestão”, o mecanismo de mercado acrescenta à exploração estatal a autoexploração. Quaisquer que sejam os pontos fracos que possam ser encontrados nos “Princípios Fundamentais...”, tendo em vista esta situação que permanece tanto hoje quanto amanhã, continuam a ser o ponto de partida de todas as discussões e esforços sérios para a realização da sociedade comunista.

Fevereiro de 1970, Paul Mattick.

Texto 7

INTRODUÇÃO A “COMUNISMO ANTIBOLCHEVIQUE”

Paul Mattick

Apresentação à coletânea de Mattick intitulada *Comunismo Antibolchevique*. Escrito em 1978 e publicado nesse mesmo ano pela Merlin Press. Traduzido do inglês.

1. A reimpressão desta coleção de ensaios e comentários, que foram escritos ao longo de 40 anos, pode se justificar no atual fermentar de idéias, por meio do qual uma nova esquerda no interior do movimento socialista tenta elaborar uma teoria e uma prática mais adequadas para a situação presente e para as necessidades da mudança social.

2. Mesmo sendo de uma natureza meramente teórica, esta tendência tem levado a um crescente interesse em compreender os movimentos revolucionários do passado. No entanto, ainda que aqueles que a propõem tentam diferenciá-la do velho e desacreditado movimento operário, ainda não foram capazes de desenvolver uma teoria e uma prática próprias, que possam ser consideradas superiores às do passado.

3. De fato, as "*lições da história*" parecem terem sido desperdiçadas em grande medida na nova geração, que amiúde meramente repete, de um modo mais insolente e com menos sofisticação, os equívocos comprovados do passado. Em vez de encontrar sua orientação nas condições sociais efetivas e suas possibilidades, os novos esquerdistas fundamentam suas inquietudes principalmente num conjunto de ideologias que não têm relevância para as exigências da mudança social nas nações capitalistas. Encontram sua inspiração não nos processos de desenvolvimento de sua própria sociedade, mas nos heróis da revolução popular em países distantes, revelando, deste modo, que seu entusiasmo não é uma preocupação real pela mudança social decisiva.

4. Obviamente, há uma teoria por trás desta estranha aberração, a saber, a assunção de que as lutas antiimperialistas do "*Terceiro Mundo*" incitarão a revolução social nas nações capitalistas, conduzindo assim a uma transformação social mundial. Ainda que esta teoria possa indicar somente a frustração atual dos revolucionários numa situação não revolucionária, foi uma vez a doutrina aceita por um movimento revolucionário que, por breve tempo, tentou estender a revolução russa até convertê-la em uma revolução mundial, mas que fracassou. A este respeito, as idéias dos novos revolucionários se relacionam com o velho leninismo, que Stálin descreveu como "*o marxismo da época do imperialismo*".

I

5. Do ponto de vista de Lênin, não seria o elo mais forte, mas o mais fraco na cadeia de nações imperialistas que, por meio de sua própria revolução, desencadearia um processo revolucionário mundial. E mais, considerando que o imperialismo havia se tornado uma necessidade absoluta para o capitalismo, a luta antiimperialista seria por sua vez uma luta contra o capitalismo mundial. Ele imaginou a revolução mundial como uma espécie de repetição da revolução russa numa escala global. Do mesmo modo que a revolução russa havia sido uma "*revolução popular*", compreendendo operários, camponeses e a burguesia liberal, sem por isso – na mente de Lênin – perder seu caráter socialista, a revolução mundial poderia ser vista como uma luta unitária de movimentos nacional-revolucionários e lutas da classe operária nas nações imperialistas. Igualmente, de acordo com Lênin, a existência do partido bolchevique na Rússia garantia a transformação da "*revolução popular*" numa *revolução comunista*, assim, em escala mundial, a Internacional bolchevique iria transformar as lutas nacional-revolucionárias em lutas pelo socialismo internacional.

6. Mais de meio século já se passou desde que esta teoria foi celebrada como um desenvolvimento necessário das teorias de Marx, que não enfatizou as dificuldades do imperialismo e que baseara suas esperanças de uma revolução socialista nas contradições inerentes ao sistema capitalista de produção.

7. Do ponto de vista de Marx, um capitalismo plenamente desenvolvido era uma pré-condição para uma revolução socialista, ainda que imaginasse possível que tal revolução pudesse receber seu ímpeto do exterior, isto é, de acontecimentos revolucionários em nações menos desenvolvidas.

8. O que Marx tinha especificamente em mente era uma revolução na Rússia, que plausivelmente poderia levar a uma revolução européia. Caso esta última tivesse êxito, seria razoável assumir que o caráter da revolução internacional com um todo estaria determinado pelas nações capitalistas avançadas. No entanto, a Revolução russa não se estendeu até o ocidente e no seu isolamento não podia realizar uma sociedade socialista, mas meramente uma forma de capitalismo de Estado sob o governo autoritário do partido bolchevique.

9. É certo, claro, que as revoluções burguesas no sentido tradicional já não são possíveis. O controle monopolista da economia mundial pelos grandes poderes capitalistas e sua preponderância produtiva, exclui um desenvolvimento capitalista nacional independente nas nações subdesenvolvidas. Aspirar a esta meta requer, não obstante, a sua libertação política da dominação imperialista e também das suas classes dominantes nativas, aliadas como estão com os opressores estrangeiros.

10. Pelo fato que a luta pela libertação tem que se basear nas amplas massas, não pode usar as ideologias capitalistas tradicionais, mas que deve ser levada adiante com ideologias anti-imperialistas e, portanto, anticapitalistas.

11. Estes movimentos nacional-revolucionários não são sinais de uma revolução socialista mundial iminente, são simplesmente outros tantos esforços em prol de um desenvolvimento capitalista independente – ainda que sob uma forma capitalista de Estado.

12. Na medida em que as nações liberadas têm êxito em livrar-se do controle estrangeiro, aumentam as dificuldades do capitalismo e estimulam a sua dissolução. Até esse ponto, também podem ajudar a luta de classes nos países capitalistas dominantes. Mas isto não altera o fato de que as metas da revolução proletária nas nações capitalistas são necessariamente diferentes das que podem ser realizadas nos países atrasados.

13. Seria ideal, sem dúvida, combinar as lutas anticapitalistas e antiimperialistas num grande movimento contra todas as formas de exploração e opressão. Infelizmente, esta é apenas uma possibilidade imaginária, irrealizável em função das diferenças sociais e materiais efetivas entre as diversas nações diferentemente desenvolvidas.

14. A história da Rússia desde 1917, como protótipo das "*revoluções socialistas*" nos países atrasados, ilumina as limitações objetivas de sua transformação. Hoje inclusive, experimentamos o penoso espetáculo dos chamados países socialistas, todos eles aderentes à ideologia leninista, enfrentando-se entre si numa inimizade mortal e se preparando para destruírem-se.

15. É muito evidente que os interesses nacionais dos sistemas capitalistas de Estado - *como todos os interesses nacionais* – contêm em si mesmos suas próprias tendências imperialistas. Já não é possível, deste modo, falar de necessidades comuns do movimento nacional-revolucionário e do movimento internacional-socialista.

16. Obviamente que o movimento socialista internacional deve ser um movimento antiimperialista. Mas tem que efetivar seu antiimperialismo por meio da destruição do sistema capitalista nos países avançados. Estando isto cumprido, o antiimperialismo deixaria de ter sentido e as lutas sociais na parte subdesenvolvida do mundo se voltariam para as diferenças internas de classe.

17. Sem dúvida, a debilidade dos movimentos anticapitalistas nos países desenvolvidos é uma razão a mais para a existência de movimentos nacional-revolucionários. Pois os últimos não podem esperar pela revolução proletária nos países capitalistas dominantes; contudo,

onde alcançam êxito, podem conquistar na melhor hipótese, somente uma libertação parcial da exploração estrangeira e não as condições para o socialismo. Por outro lado, as revoluções proletárias vitoriosas nas nações capitalistas desenvolvidas conduziram à internacionalização de todas as lutas sociais e acelerariam progressivamente a integração das nações subdesenvolvidas num sistema socialista mundial.

18. Que haja movimentos nacional-revolucionários nas nações atrasadas, mas não movimentos socialistas nos países imperialistas, se deve à maior e mais urgente miséria nos primeiros. Também se deve à dissolução da estrutura colonial em consequência da II Guerra Mundial, e da reorganização e modificação da dominação imperialista no mundo do pós-guerra. A força das circunstâncias interconecta os movimentos nacionais com as lutas de poder imperialistas empreendidas atualmente, e a "libertação" de um tipo de imperialismo conduz à subordinação a outro. Em resumo, sob as condições atuais, as revoluções nacionais seguem sendo ilusórias, seja em relação à verdadeira independência nacional seja em relação à sua aparente ideologia socialista. Podem, não obstante, ser pré-condições para as futuras lutas por metas mais realistas. Mas isto também depende do curso dos acontecimentos nas nações capitalistas avançadas.

II

19. A preocupação com os movimentos nacional-revolucionários que caracteriza o radicalismo de esquerda tem levado, em nível internacional, a uma nova dedicação aos princípios leninistas, em sua roupagem russa ou chinesa, e desperdiça as energias, lançadas por isso em atividades sem sentido e amiúde grotescas.

20. Ao pretender atualizar as idéias leninistas da revolução e sua organização nas nações capitalistas avançadas, os pretensos radicais impedem necessariamente o desenvolvimento de uma consciência revolucionária adequada às tarefas da revolução socialista. Dado que podem surgir novos movimentos socialistas revolucionários, como resposta às dificuldades sociais e econômicas crescentes do capitalismo, é essencial dispensar renovada atenção nas aspirações e nos resultados dos movimentos similares anteriores, em particular no bolchevismo e em seu dogma leninista.

21. Com relação a isto, é particularmente apropriado evocar novamente outro movimento que emergiu a partir das vacilações da Segunda Internacional e das expectativas baseadas na revolução russa. A maior parte dos artigos desta antologia tratam dos problemas do movimento operário internacional na virada do século, isto é, das razões e das consequências do crescimento de um movimento operário que deixava de ser revolucionário, por causa da mobilidade do capitalismo e da sua capacidade para melhorar as condições de vida da população trabalhadora. Contudo, as contradições inerentes do capitalismo levaram à I Guerra Mundial, enquanto conduziam à derrocada parcial do velho movimento operário, também deram lugar a um novo radicalismo que teve seu ápice nas revoluções ocorridas na Rússia e na Europa Central.

22. Estas revoluções envolveram tanto as massas operárias organizadas quanto as desorganizadas, que criaram sua própria e nova forma de organização para a ação e a gestão, nos Conselhos de Operários e Soldados surgidos espontaneamente. Mas, tanto na Rússia quanto na Europa Central, o conteúdo concreto da revolução não guardava correspondência com a sua nova forma revolucionária. Enquanto que na Rússia consistia principalmente na falta de preparação para a transformação socialista, na Europa Central, particularmente na Alemanha, foi a falta de vontade subjetiva para instituir o socialismo por meios revolucionários, o que em grande parte supôs a autolimitação e, finalmente, a abdicção, do *movimento dos conselhos* em favor da democracia burguesa.

23. A ideologia da social democracia havia deixado sua marca; a grande massa dos trabalhadores confundiu a revolução *política* com a *social*; a socialização da produção foi vista como uma tarefa governamental, não como a tarefa dos próprios trabalhadores. É

verdade que, na Rússia, o partido bolchevique levantou a consigna de "*Todo poder aos soviets*"; mas somente por razões oportunistas, para alcançar sua verdadeira meta no governo autoritário do partido bolchevique.

24. Por si mesma, a *autoiniciativa e a autorganização* dos trabalhadores não oferece uma garantia de sua emancipação. Esta há de ser realizada e mantida por meio da abolição da relação capital-trabalho na produção, por meio de um *sistema de conselhos*, que destrua as divisões sociais de classe e impeça a ascensão de novas classes com base na gestão da produção e da distribuição pelo Estado nacional.

25. Por mais difícil que isto possa ser, a história dos sistemas capitalistas de Estado existentes não deixa nenhuma dúvida de que este é o único caminho para uma sociedade socialista. Isto já havia sido reconhecido por pequenas minorias no movimento radical antes, durante e depois da revolução russa, e apareceu dentro do movimento comunista como uma oposição ao bolchevismo e à teoria e à prática da Terceira Internacional. É este movimento, e as idéias que levou adiante, que este volume relembra; no entanto, não para *descrever* uma parte e uma fase particulares da história operária, mas como uma *advertência*, que pode também servir como *guia* para as ações futuras.

26. As revoluções vitoriosas, em primeiro lugar, na Rússia e na China, não foram revoluções *proletárias* no sentido marxista, que conduzissem à "*associação de produtores livres e iguais*", mas revoluções *capitalistas de Estado*, que eram objetivamente incapazes de levar ao socialismo. O marxismo serviu neste caso como uma mera ideologia para justificar o ascenso de sistemas capitalistas modificados, que já não estavam determinados pela competição mercantil mas controlados por meio do Estado autoritário. Baseados no campesinato, mas projetados para a industrialização acelerada, para criar um proletariado industrial, estavam prontos para abolir a burguesia tradicional, mas não o *capital* como relação social. Este tipo de capitalismo não havia sido previsto por Marx nem pelos primeiros marxistas, ainda que defendessem a tomada do poder estatal para derrocar a burguesia – mas *somente para abolir o próprio Estado*.

III

27. Ainda que designado como socialismo, o controle estatal da economia e sobre a vida social em geral, exercido por uma camada social privilegiada como nova classe dominante emergente, tem perpetuado tanto para as classes trabalhadoras industriais como para as agrárias as condições de exploração e opressão que haviam marcado sua sorte sob as relações sociais semifeudais das nações capitalistas subdesenvolvidas.

28. Que este novo sistema social pudesse também ser aplicado a nações capitalistas mais avançadas foi demonstrado após a II Guerra Mundial, por meio da extensão do sistema capitalista de Estado no ocidente pela via da conquista imperial. Em qualquer caso, o "*socialismo*" passou a ser identificado, muito geralmente, com os sistemas capitalistas de Estado que prevaleceram.

29. Existem movimentos em todas as partes cujas metas proclamadas são, precisamente, o estabelecimento de regimes similares em mais países, ainda que, por razões oportunistas, estas metas possam ser as vezes entoadas baixo, ou até mesmo totalmente negadas. Existe, então, o perigo de que possíveis novas explosões revolucionárias possam ser uma vez mais, desviadas para transformações capitalistas de Estado.

30. Esta possibilidade encontra apoio nas tendências centralizadoras inerentes ao próprio capitalismo. A concentração de capital, sua monopolização e o ascenso de corporações nas quais a *propriedade* está separada da *gestão direta*, e, finalmente, a *integração* relutante de Estado e capital na economia mista, com suas manipulações fiscais e monetárias, parece apontar uma tendência em direção a um capitalismo de Estado plenamente maduro.

31. O que uma vez constituiu uma vaga esperança dos reformadores sociais, e que nos países atrasados se converteu em uma realidade por meio da revolução, aparece agora como um requisito inevitável para afiançar as relações sociais da produção de capital.

32. Mesmo que a chamada *economia mista* não se transforme automaticamente em *capitalismo de Estado*, os novos levantes sociais podem levar a ele em nome do socialismo.

33. É verdade que o "*marxismo-leninismo*" se apresenta hoje como um movimento puramente reformista que, como a antiga socialdemocracia, prefere os processos democráticos de mudança social à demolição revolucionário do capitalismo.

34. Em alguns países, como França e Itália, por exemplo, partidos comunistas relativamente fortes oferecem seus serviços ao capitalismo para ajudar-lhe a superar suas condições de crise. Mas, se tudo falhasse, e uma luta de classes intensificada colocasse a questão da revolução social, não pode haver dúvida de que estes partidos optarão pelo capitalismo de Estado, que, segundo sua visão, é a única forma possível de socialismo. *Assim, a revolução se tornará em seguida uma contrarrevolução.*

35. O fim do capitalismo exige, por conseguinte, antes de tudo, o fim da ideologia bolchevique e o ascenso de um *movimento revolucionário antibolchevique*, tal como se tentou naquela situação revolucionária anterior, a qual este livro trata de chamar a atenção.

Texto 8

ORGANIZAÇÃO e ESPONTANEIDADE

Paul Mattick (1949)

Adaptação de JCM, dezembro de 2014.

Nota editorial: Esta versão adaptada para o português do Brasil resulta do cotejamento de duas traduções em língua portuguesa. A primeira do português de Portugal feita por Carlos Melo e Sara Amâncio (abril de 1977) que se baseou na edição francesa. A segunda do Galego-Português feita por Roi Ferreiro e pelo Grupo de Comunistas de Conselhos da Galiza (novembro de 2005) a partir do original em inglês.

Edição Original: MATTICK, Paul. **Spontaneity and Organization.** In: LEFT, agosto de 1949, n. 152, p. 121-138.

Edição francesa: MATTICK, Paul. **Intégration Capitaliste et Rupture Ouvrière.** EDI, Paris, 1972.

Edição Portuguesa: MATTICK, Paul. **Organização e Espontaneidade.** IN: Integração Capitalista e Ruptura Operária (Recolha de textos). Porto: Regra do Jogo, 1977, p. 89-115.

Edição Galego-portuguesa (digital): MATTICK, Paul. **Espontaneidade e Organização.** [S.l.]: CICA Web, 2006. Disponível em:<http://www.geocities.com/cica_web.htm>. Acesso em: 11 fev. 2008.

I

1. A questão da organização e da espontaneidade sempre foi colocada no interior do movimento operário como um problema de consciência de classe, ligado às relações da minoria revolucionária com a massa de um proletariado imbuído de ideologia capitalista. Considerou-se, de uma maneira inverossímil, que a consciência revolucionária era unicamente atributo de uma minoria que, ao se organizar, a conservaria e a traduziria em atos. Quanto às massas proletárias, apenas constrangidas e forçadas passariam à ação revolucionária. Lênin encarava esta situação com otimismo. Outros, como Rosa Luxemburgo, pensavam de modo diferente. Com o propósito de realizar uma ditadura de partido, Lênin se preocupava antes de tudo com as questões de organização. Pelo contrário, Rosa Luxemburgo – querendo evitar o perigo de uma nova ditadura *sobre* os trabalhadores - enfatizava a espontaneidade. Ambos, no entanto, estavam convencidos de que do mesmo modo que, sob certas condições, a burguesia determinava as idéias e o comportamento das massas trabalhadoras, sob condições diferentes uma minoria revolucionária poderia fazer o mesmo. Ao mesmo tempo em que Lênin via isto como uma oportunidade para introduzir o socialismo, Rosa Luxemburgo temia que qualquer minoria, após ascender à posição de classe dominante, pudesse logo pensar e atuar exatamente do mesmo modo que a burguesia desalojada.

2. Em ambos os casos, na base destas atitudes, havia a convicção de que o desenvolvimento econômico do capitalismo forçaria as massas proletárias a se revoltarem contra o sistema. Lênin, apesar de contar com ela, temia uma revolução de origem espontânea. Assim, para justificar a necessidade de uma intervenção consciente nos movimentos desse tipo, invocava o grande atraso das massas proletárias e via na espontaneidade um importante elemento destrutivo, mas não construtivo. Assim, na visão de Lênin, quanto mais forte se revelasse o movimento espontâneo maior seria a necessidade de

complementá-lo e dirigi-lo por meio de um partido hierarquizado e agindo em função de um plano global. Para Lênin era sempre imperioso defender os operários contra os seus próprios impulsos, caso contrário, e devido à sua ignorância, seriam levados à derrota, gastando em vão suas forças e abrindo caminho para a contrarrevolução.

3. A revolucionária polonesa partilhava de uma concepção oposta. Segura de que a contrarrevolução já minava as organizações e instâncias tradicionais e ameaçava se propagar para o interior do próprio movimento revolucionário, esperava que os movimentos espontâneos eliminassem a influência daquelas organizações que aspiravam centralizar o poder em suas próprias mãos. Embora tanto para Rosa quanto para Lênin a acumulação de capital fosse por excelência um processo gerador de crises, Rosa Luxemburgo concebia as crises como fenômenos mais catastróficos que Lênin. Para ela, quanto mais devastadores fossem os efeitos das crises, mais amplas e vigorosas seriam as ações espontâneas e menor a necessidade de direção consciente e centralizada das lutas, pois eram nesses momentos que o proletariado teria as maiores possibilidades de aprender a pensar e atuar de acordo com as suas necessidades históricas. Segundo Rosa, as organizações deviam se limitar a desencadear o desenvolvimento de forças criativas inerentes às ações de massas, para em seguida se fundirem elas mesmas nas tentativas independentes do proletariado de lançar as bases de uma sociedade nova. Esta concepção pressupunha não apenas uma consciência revolucionária - simultaneamente definida e abrangente - mas um proletariado altamente desenvolvido, capaz de colocar à disposição da sociedade comunista tanto o aparato produtivo quanto suas próprias aptidões.

4. As pequenas organizações operárias insistiam com agrado no papel do fator espontaneidade. É o caso dos sindicalistas revolucionários franceses e do teórico Georges Sorel que viam na greve espontânea e na sua sistematização o grande meio para a aprendizagem da revolução social. Mas com isto estas organizações apenas racionalizavam a sua debilidade. Não sabendo *como* transformar a sociedade, deixavam ao futuro o trabalho de resolver o problema. Tal perspectiva não era desprovida de fundamento, tendo em conta que o desenvolvimento de fatores tais como os rápidos progressos da tecnologia, a concentração e centralização de capital são acompanhados pelo desenvolvimento da produção e do ritmo dos conflitos sociais, etc. Mas, na verdade, nessas organizações, semelhante política não passava de uma simples esperança, destinada sobretudo a compensar não somente a sua fraqueza numérica como também a capacidade em que se encontravam de agir eficazmente. Invocando a espontaneidade, procuravam dar um pouco que fosse de “realidade” aos propósitos que tinham e para cuja realização não se sentiam capazes. Um meio para justificar a sua inatividade forçada e justificar a sua intransigência.

5. Quanto às grandes organizações, tinham tendência para desprezar a espontaneidade. Encontrando nos seus sucessos razões para se mostrarem otimistas, nenhuma importância atribuíam ao auxílio que talvez mais tarde os movimentos espontâneos fossem suscetíveis de oferecer. Seus dirigentes ou defendiam que apenas a força organizada é capaz de vencer a força organizada, ou sustentavam que a escola de atividade prática cotidiana dirigida pelo partido e pelos sindicatos levaria um número cada vez maior de operários a tomarem consciência da necessidade imperiosa de mudar as relações sociais existentes. Para eles, crescimento regular das organizações e desenvolvimento da consciência de classe eram uma só e mesma coisa, e em certos momentos acalentavam a idéia de um dia estas organizações virem a englobar a totalidade da classe operária.

6. Não obstante, todas as organizações operárias tem que se inserir em estruturas sociais. Longe de gozarem de uma “independência” absoluta, são determinadas pela sociedade e por sua vez a determinam. No capitalismo, nenhuma organização pode duravelmente ser exemplo de um anticapitalismo intransigente. A “intransigência” é o resultado de uma atividade ideológica limitada e é atributo de grupos e indivíduos isolados. Ao pretenderem adquirir importância no âmbito da sociedade em geral, as organizações devem ser oportunistas, seja para influenciar o processo da vida social, seja atingir seus objetivos específicos.

7. Aparentemente oportunismo e “realismo” são a mesma coisa. O primeiro não pode ser derrotado por grupos radicais, cuja ideologia se oponha à totalidade das relações sociais existentes em todos os seus aspectos. É impossível agrupar lentamente as forças revolucionárias em organizações poderosas, prontas para atuar nos momentos favoráveis. Todas as tentativas feitas neste sentido fracassaram. Somente aquelas organizações que não prejudicavam a marcha da ordem estabelecida alcançaram alguma importância. Cada vez que começaram com um conjunto de ideias revolucionárias, seu crescimento engendrou como consequência uma discrepância entre suas ideias e suas funções práticas. Opostas ao capitalismo, mas também organizadas dentro dele, não podiam evitar apoiar seus oponentes. Após terem resistido vitoriosamente ao assalto de seus rivais políticos, acabaram, em razão de seus próprios sucessos, por sucumbir às mãos do capitalismo.

8. Portanto, este é o dilema que os agrupamentos de inspiração radical defrontam inevitavelmente: para fazer algo de importância social, as ações devem ser organizadas. Mas ações organizadas transformam-se em meios de integração no capitalismo. Parece que, doravante, para se fazer alguma coisa fosse necessário praticar o contrário do que se quer, e para evitar dar passos em falso o único método seguro fosse o de nada fazer. Haverá sorte mais lamentável do que a do militante radical que se sabe utopista e vai de fracasso em fracasso? Do mesmo modo, por um reflexo de autodefesa, o radical, a menos que seja místico, coloca sempre a espontaneidade em primeiro plano, sustentando em segredo o pensamento de se trata de algo absurdo. Mas sua própria persistência parece demonstrar que nunca deixa de ver algum sentido no absurdo.

9. Refugiar-se assim na idéia da espontaneidade é indicativo de uma incapacidade, real ou imaginária, para formar organizações eficazes, e de uma negativa de combater as organizações existentes de uma maneira “realista”. Para combatê-las *com êxito* seria necessária a formação de contra-organizações, que, por si mesmas, anulariam a razão de sua existência. Optar pela “espontaneidade” é, deste modo, uma aproximação negativa ao problema da mudança social e somente num sentido puramente ideológico se pode considerá-la também positiva, vez que implica um divórcio mental daquelas atividades que tendem a reforçar a ordem estabelecida. Aguça a capacidade crítica e leva à desvinculação das atividades inúteis e das organizações das quais nada há a esperar. Permite distinguir a aparência da realidade. Em resumo, o que distingue a atitude revolucionária. Na medida em que certas forças, organizações e relações sociais estão destinadas a desaparecer e outras a substituí-las, aquelas que se baseiam no futuro, nas forças nascentes, enfatizarão a espontaneidade. Em contrapartida, aquelas que se ligam às forças do velho mundo enfatizarão a necessidade da organização.

II

10. Inclusive um exame superficial da atividade organizada revela que todas as organizações importantes, não importa qual seja a sua ideologia, contribuem para manter o *status quo*, ou, no melhor dos casos, para a promoção de um desenvolvimento limitado dentro das condições gerais que caracterizam uma determinada sociedade particular em um período histórico particular. O termo *status quo* permite perfeitamente definir o conceito de imobilismo na transformação. É possível utilizá-lo abstraindo das suas implicações filosóficas, como um simples instrumento de análise. Na verdade, por mais transformadas que as condições pré-capitalistas pareçam ser, estão integradas nas condições capitalistas e, do mesmo modo, as condições pós-capitalistas manifestam-se desde já no interior do capitalismo sob uma forma ou outra. Trata-se de algo evidente em relação ao desenvolvimento social em geral. Ora, a atividade prática dos seres humanos separa continuamente o geral do específico ainda que um e outro sejam indissociáveis.

11. Quando se fala aqui de *status quo*, tal e qual se aplica ao capitalismo, significa em relação a um período da história social na qual o proletariado, no quadro de uma

interdependência social complexa, se encontra separado dos meios de produção e, por consequência, a serviço de uma classe dominante. As características que distinguem o poder político estão baseadas nos traços que caracterizam o poder econômico. Enquanto a relação capital-trabalho determinar a vida social, a sociedade manter-se-á “imutável” no plano fundamental, ainda que modificada em outros aspectos. O capitalismo do *laissez faire*, o capitalismo dos monopólios ou o capitalismo de Estado, são fases de desenvolvimento dentro do *status quo*. Sem negar as diferenças entre estas fases, é necessário realçar a sua identidade de base e, ao se opor ao que possuem de comum, fazê-lo não somente em relação a uma ou outra fase, mas a todas simultaneamente.

12. Do ponto de vista das classes dominadas, condicionado pela época, o desenvolvimento ou a mera mudança dentro do *status quo* podem ser “bons” ou “maus”. Um exemplo do primeiro seria a luta vitoriosa dos proletários por melhores condições de vida e maiores liberdades políticas e do segundo, a perda de ambas com a ascensão do fascismo – independentemente de saber se o primeiro foi ou não a causa do segundo. A adesão ativa a organizações que procuram fomentar o desenvolvimento dentro do *status quo* é, amiúde, uma necessidade imperiosa. Não é, por conseguinte, de nenhum proveito opor-se a tais organizações com um programa somente realizável fora do *status quo*. No entanto, antes de entrar ou permanecer nas organizações “realistas”, é necessário averiguar em que direção podem prosseguir as mudanças dentro do *status quo* e em que medida podem afetar a população trabalhadora.

13. Faz muito tempo que sindicatos e partidos políticos operários deixaram de atuar em conformidade com suas originais intenções radicais. As “questões imediatas” acabaram por modificá-los e levaram ao desaparecimento de qualquer organização proletária “autêntica”, apesar da quantidade de pseudo-organizações que subsistem. Inclusive a ala socialista do movimento já não considera as reformas como uma via de passagem ao socialismo, mas como um meio para melhorar o capitalismo, torná-lo mais agradável, apesar do fato de que seus porta-vozes continuem empregando amiúde termos socialistas.

14. A luta por melhores condições de vida dentro da economia de mercado, ou seja, para vender pelo melhor preço a mercadoria força de trabalho, transformou o antigo movimento operário em um *movimento capitalista de trabalhadores*. Quanto maior era a pressão proletária, maior se fazia a necessidade capitalista de incrementar a produtividade do trabalho não somente com a tecnologia e a racionalização, mas também graças ao desenvolvimento das trocas nacionais e internacionais. Do mesmo modo que a concorrência em geral, a luta proletária também serviu como instrumento para incrementar o ritmo da acumulação de capital, para impulsionar a sociedade de um nível de produção para outro. E à medida que a expansão progredia, o movimento operário - não somente os quadros dirigentes mas também as bases militantes – renunciava às aspirações revolucionárias de outrora. Embora os salários tenham diminuído em relação à produção, aumentaram em termos absolutos e elevaram os níveis de vida dos operários da indústria nos países capitalistas principais. Por outro lado, o comércio exterior e a exploração colonial, aumentaram os lucros e a aceleração da formação de capital. Isto não se deu sem que fossem criadas condições favoráveis ao aparecimento de uma “aristocracia operária”. De tempos em tempos tal evolução era interrompida por crises e depressões, que atuavam, ainda que cegamente, como fatores de coordenação do processo de reorganização capitalista. Em longo prazo, no entanto, o apoio que a expansão capitalista, fundada no jogo da concorrência, encontrava nas fileiras da classe proletária, conduziu a uma completa fusão de interesses entre as organizações operárias e os detentores de capital.

15. Obviamente houve organizações que recusaram a participar na integração do movimento operário na estrutura capitalista. Tais organizações interpretavam as reformas como um passo para a revolução e tentavam prosseguir com atividades reivindicativas nos marcos do sistema e, ao mesmo tempo, manter seus objetivos revolucionários. Pensavam que a fusão do capital com o antigo movimento operário seria um fenômeno provisório ao qual seria preciso se acomodar ou dele se aproveitar enquanto durasse. Contudo, sua falta de

empenho na colaboração com o capital as impedia de adquirir importância enquanto organização e isto, por sua vez, lhes levava a enfatizar a espontaneidade. Nesta categoria estão os socialistas de esquerda e os sindicalistas revolucionários.

16. Alguns países têm níveis de vida mais elevados que outros e o aumento de salários atribuído a um setor de trabalhadores tem como efeito diminuir o salário de outros. Mas a tendência à uniformização das taxas de produtividade, lucro e salários, inerentes ao capitalismo concorrencial, influenciam e ameaçam interesses particulares e privilégios especiais. E do mesmo modo que os capitalistas tentam escapar a este processo nivelador por meio da monopolização da economia, os proletários privilegiados tentam salvaguardar sua situação em detrimento do proletariado como um todo. Acaba-se assim por confundir interesse particular com interesse “nacional”. Apoiando as organizações políticas, sindicais e outras a que pertencem a fim de conservarem as vantagens socio-econômicas que usufruem, os operários defendem não apenas esta fase particular do capitalismo – à qual devem sua posição de privilegiados - mas também as políticas imperialistas de seus países.

III

17. Para manter o *status quo*, as relações sociais de base são constantemente organizadas e reorganizadas da maneira mais “eficaz”. Este tipo de reorganização tende agora, no interior da sociedade estruturada em classes, a assumir um caráter *totalitário*. A ideologia – simultaneamente condição primeira e produto desta reorganização – também se torna *totalitária*. As organizações não totalitárias se tornam totalitárias numa tentativa de preservarem-se a si mesmas. Nos países totalitários, as chamadas organizações operárias estão diretamente a serviço das classes dirigentes. O mesmo acontece nos países democráticos, ainda que de uma maneira menos evidente e com uma ideologia parcialmente distinta. Evidentemente não há nenhuma maneira de substituir estas organizações por outras novas de caráter revolucionário - situação sem saída tanto para aqueles que querem organizar a nova sociedade dentro do invólucro da velha quanto para aqueles que continuam a preconizar “melhorias” dentro do *status quo*, dado que doravante é impossível realizar reformas por outros meios que não sejam os totalitários. A democracia burguesa dentro das condições do *laissez faire* – quer dizer, a situação social na qual as condições são propícias para a formação e desenvolvimento de organizações operárias de tipo tradicional – já não existe ou está a caminho de desaparecer. Toda a discussão em torno da questão da organização e da espontaneidade, que agitava o velho movimento operário, perdeu seu significado agora. Ambas formas de organização, as que tomavam a espontaneidade por base e as que procuravam discipliná-la, foram destruídas. A propaganda por novas organizações não passa de esperança de que um dia surgirão espontaneamente. Diante da realidade totalitária emergente, os defensores da organização são tão “utópicos” quanto os adeptos da espontaneidade.

18. Contudo, para alguns, a existência da Rússia bolchevique parece anular tanto a tese do desaparecimento total do velho movimento operário, quanto a concepção segundo a qual a desagregação das condições sociais torna, de agora em diante, sem sentido qualquer discussão sobre os respectivos valores da organização e da espontaneidade. Isto porque, depois de tudo, aqueles que enfatizavam a organização levaram vantagem na Rússia e continuam exercendo o poder em nome do socialismo. Nada os impede portanto de considerarem seu êxito como uma verificação de sua teoria e o mesmo acontece em relação às organizações reformistas que se converteram em *partidos de governo* como, por exemplo, o Partido Trabalhista Inglês. E podem ainda considerar a situação atual não como uma transformação do sistema capitalista em um sentido totalitário, mas, pelo contrário, como uma etapa para a socialização da sociedade.

19. Todavia, o governo trabalhista e as organizações que o apoiam apenas demonstram que o velho movimento operário foi levado ao seu final por seu êxito organizativo. É evidente

que a única preocupação dos trabalhistas é manter o *status quo*. É claro que procuram remodelar a estrutura política e administrativa do país, mas, para eles, defender o capitalismo significa defender a sua própria existência. E defender o capitalismo, significa desejar e acelerar a concentração e centralização do poder econômico e político, camuflada como “nacionalização” das indústrias chave. Este processo implica em mudanças sociais, que tanto incrementam como aprofundam as capacidades de manipulação e direção autoritária do capital e do Estado, e *integram* o movimento operário na *rede* em expansão de organizações totalitárias, que serve unicamente às classes dominantes.

20. Se organizações como as que predominam na Inglaterra adquirem forte influência política sem a colocar a serviço de fins revolucionários, não é porque sua “ideologia democrática” lhes impede de alcançar o poder real – que é distinto do governamental – por outros meios que não sejam os da maioria parlamentar. Na verdade, de democrático elas conservam apenas o nome, rigorosamente submetidas como estão a uma burocracia que põe em movimento engrenagens copiadas das do capitalismo e que, por mais democráticas que sejam, pressupõem a direção absoluta dos proprietários e gestores do capital. Tampouco temem a força de seus adversários capitalistas. Seu conservadorismo provem diretamente de seus próprios interesses organizativos, que estão vinculados à fase *pré-totalitária* do desenvolvimento capitalista.

21. A evolução em sentido totalitário destas organizações é uma repetição, em pequena escala, da transformação da sociedade *liberal* em sociedade *autoritária*. É um processo lento e contraditório, e implica uma luta em escala internacional e uma luta entre agrupamentos políticos em nível nacional. Tal processo tem lugar num momento no qual a extensão internacional do processo de concentração capitalista converte os interesses *monopolistas* em interesses *nacionalistas* em que a economia mundial se encontra monopolizada por alguns Estados ou blocos de potências e o controle direto sobre a produção e o mercado pelos monopólios que existe em cada país desenvolvido se estende cada vez mais ao mundo inteiro. Sob estas condições, o movimento operário perde a possibilidade que tinha até então de contribuir com a expansão do capital pelo fato de somente lutar por seus interesses de grupo social específico. Nessa altura deve passar ao *nacionalismo* e tomar parte na reorganização da economia mundial de acordo com a correlação de forças. No entanto, não é sem prejuízo que o movimento operário, ligado igualmente pelas suas tradições e pela necessidade de salvaguardar as vantagens adquiridas, acaba por se transformar de mero *sustentáculo* do nacionalismo em força *promotora* do imperialismo. Os novos movimentos políticos entram em cena para explorar esta inflexibilidade e, onde persiste, para substituir o movimento *operário* por um movimento *nacional-socialista*.

22. Obviamente, o *nacional-socialismo* é “nacional” somente para ser imperialista. O “internacionalismo burguês”, ou seja, o *livre mercado mundial* nunca passou de ficção. Era “livre” quando a concorrência entre os principais países industriais e entre os monopólios internacionais ainda não havia atingido certo grau de dureza. Ora, a expansão do capital tem por efeito simultâneo restringir e estimular a concorrência. As velhas posições monopolistas são liquidadas em favor de novos agrupamentos monopolistas. Ao intervir no “livre” mercado mundial os monopólios dificultam a expansão capitalista, mas, ao mesmo tempo, abrem as vias do desenvolvimento a novos países. Os interesses privados que, desde então, podem crescer, instauram seus próprios sistemas de restrições monopolistas à concorrência para assegurar um lugar dentro da economia mundial.

23. A luta para entrar no “livre” mercado mundial (e a luta para deixar de fora todos os recém-chegados que lhe é simultânea) acelera deste modo o desenvolvimento geral do capitalismo ao custo de desproporções cada vez maiores da economia como um todo. A discrepância entre o desenvolvimento contínuo das forças sociais de produção por um lado e a organização da produção e do comércio mundiais sob uma base privada e nacional por outro, faz surgir uma contradição que sempre se agrava com o desenvolvimento do capitalismo. As reorganizações da economia mundial, tornadas necessárias pelas transformações ocorridas na

repartição do poderio econômico, deixaram de servir para deter o crescimento das forças produtivas devido à situação competitiva crescente. Desde então tal função passou a ser cumprida pelas crises e pelas guerras. Isto levou, por sua vez, a uma renovada ênfase no *nacionalismo*, ainda que todos os problemas políticos e econômicos estejam determinados pela natureza capitalista da economia *mundial*. O *nacionalismo* é meramente um instrumento para a competição em grande escala. É o único “internacionalismo” que a sociedade capitalista é capaz.

24. Quanto ao internacionalismo proletário, estava fundado na ideia (falsa) de que o princípio burguês do “livre comércio” correspondia à realidade. Concebia o desenvolvimento internacional como mera extensão *quantitativa* de um fenômeno que o desenvolvimento nacional tornara familiar. Assim como a empresa capitalista ultrapassava os limites nacionais, pensava-se, o movimento operário adquiriria uma base internacional sem mudar sua forma ou suas atividades. A grande mudança *qualitativa* que esta evolução quantitativa não deixaria de engendrar seria então a revolução proletária. E isto devido à polarização cada vez maior da sociedade em duas classes fundamentais: um número cada vez menor de dirigentes contra uma massa sempre crescente de dirigidos. Logicamente, este processo somente poderia conduzir, ou ao absurdo total ou à expropriação social dos expropriadores individuais.

25. Fundando-se na convicção de que a luta pela venda da força de trabalho pelo melhor preço levaria ao crescimento gradual da consciência de classe do proletariado e à criação de uma base objetiva para o socialismo, via-se como salutar o processo de concentração de capital, considerado como uma condição prévia para a evolução em direção à nova sociedade. O aparecimento do grande capital, a cartelização, a multiplicação dos trusts, o controle financeiro, as intervenções do Estado, o desenvolvimento do nacionalismo e mesmo do imperialismo, tudo isso constituíram indicadores da “maturação” da sociedade capitalista para a revolução social. Para os reformistas, este estado de coisas confirmava a sua teoria: a condição necessária e suficiente para a transformação social seria a sua chegada ao poder por meios legais. Mas também os revolucionários eram levados a crer que, mesmo sob condições menos “maduras”, seria suficiente tomar o poder de Estado para realizar o socialismo. Socialistas e bolcheviques divergiam sobre problemas táticos, mas tais divergências não afetavam o acordo fundamental entre eles: o poder de Estado seria o instrumento que lhes permitiria passar do “estágio supremo” do capitalismo para a nova sociedade. Se os socialistas tendiam a deixar que o progresso seguisse seu curso e lhes entregaria o governo, os bolcheviques estavam empenhados em realizar o progresso, e realizá-lo mais rápido.

26. Em 1917, a derrota dos exércitos tzaristas tornou mais imperiosa do que nunca a necessidade já amplamente sentida na Rússia de “modernizar” o país para reforçar a sua débil independência nacional. Depois que uma revolução varreu o regime, o governo coube aos “elementos progressistas”. Logo, a ala mais ativa do movimento socialista concentrou todos os poderes em suas próprias mãos. Querendo apressar o processo de socialização, os bolcheviques forçaram a população a executar ponto por ponto o programa político que apresentavam. Da sua perspectiva, não importava que as decisões do governo eram de caráter capitalista, desde que levassem diretamente ao capitalismo de Estado, e gerassem como efeito o aumento da produção e a manutenção do poder pelo partido dirigente. Apenas um governo bolchevique, pensava-se, estaria à altura de implantar o socialismo de cima para baixo, por meio de decretos, e isso apesar dos erros e compromissos inevitáveis, das concessões aos princípios capitalistas e às potências imperialistas. A grande questão era, na verdade, possuir um governo que não comprometesse a linha revolucionária, um governo possuidor de um aparelho de Estado que, graças ao fato de os membros que o integram se inculcarem sistematicamente uma ideologia de fundamentos rígidos, conservaria assim seu caráter revolucionário. Favorecendo o desenvolvimento de um fanatismo a toda prova, os bolcheviques procuravam dotar os órgãos políticos e administrativos do país de uma coesão e força superiores às do inimigo. Assim, a ditadura do governo, apoiada em um partido dirigido

com métodos ditatoriais e em um sistema de privilégios altamente hierarquizado, aparecia como a primeira etapa que era necessário ultrapassar antes de chegar ao socialismo.

27. A partir desta época, simultaneamente com o desenvolvimento dos monopólios, as intervenções estatais na economia e as exigências do imperialismo moderno para a organização do mundo, passou a operar uma tendência para a gestão totalitária em todos os países, em particular naqueles que se mantinham em condições de crise mais ou menos permanentes. Do mesmo modo que a economia, as crises no capitalismo são internacionais, mas não atingem a todos os países com igual dureza nem da mesma maneira. Há regiões “mais ricas” e outras “mais pobres” em recursos materiais, humanos e capitalistas. As crises e as guerras provocam alterações nas relações entre as potências e abrem novas vias ao desenvolvimento econômico e político do mundo. Podem assim ter como consequência a instauração de um novo equilíbrio de forças ou para ele contribuírem. Em qualquer caso, o mundo capitalista se encontra decisivamente mudado e seguidamente organizado em bases diferentes. Sob o impacto da concorrência, essas transformações estruturais se generalizam assumindo aspectos que estão longe de serem idênticos em todos os lugares. Em alguns países as novas formas de dominação social originadas por uma elevada concentração de capital podem ter um caráter predominantemente econômico e em outros assumirão um aspecto mais político. De fato, os órgãos de direção centralizada possuem maiores possibilidades de serem mais perfeitos no primeiro caso do que no segundo. Por tal motivo que os países menos favorecidos a este nível se vêem obrigados a aumentar o poder do aparelho de Estado. Um regime fascista é o resultado de lutas sociais engendradas por dificuldades internas e da necessidade de compensar, por meio da organização da economia, debilidades estruturais ignoradas pelos países mais fortes do ponto de vista capitalista. O regime político autoritário é um substituto para a falta de um sistema centralizado de tomada de decisões “livremente” desenvolvido.

28. Se o totalitarismo é resultado de mudanças dentro da economia mundial, é também responsável pela atual tendência mundial de complementar o poder econômico por meios político-organizativos. Em outras palavras, o desenvolvimento do totalitarismo somente pode ser entendido em relação com a situação mundial do capitalismo. Bolchevismo, fascismo e nazismo não se formaram de modo autônomo no contexto da evolução de um dado país, mas enquanto reações de tipo nacional à transformação das condições da concorrência internacional, da mesma forma que a tendência para o totalitarismo nas nações “democráticas” é, em parte, uma reação às pressões em sentidos opostos (a favor e contra) às atividades imperialistas. Obviamente, somente os países capitalistas maiores estão em condições de lutar de modo independente pela dominação mundial. Quanto à maioria das pequenas nações, já fora da disputa, simplesmente se adaptam à estrutura social das potências hegemônicas. Contudo, a estrutura totalitária da sociedade moderna não se desenvolveu primeiro onde comumente seria de esperar - onde havia uma elevada concentração de poder econômico, mas nas nações capitalistas mais atrasadas. Os bolcheviques formados na escola do ocidente viram no capitalismo de Estado, a última fase do desenvolvimento capitalista, uma via de passagem para o socialismo. Mas para a seguirem, pensavam então, necessitavam recorrer a meios puramente políticos, à sua ditadura, e para torná-la eficaz seria preciso fazer uso do totalitarismo. Os regimes fascistas da Itália, Alemanha e Japão representaram tentativas de completar pela organização o que estava faltando em termos de força capitalista tradicional nestes respectivos países, e de encontrar um *atalho* para a competição em grande escala, posto que o desenvolvimento econômico geral lhes impedia de aumentar ou conservar suas posições na exploração mundial.

29. Considerado deste ponto de vista, a evolução global do capitalismo não cessou de tender para o totalitarismo. A tendência se tornou evidente no início do século XX, formada por meio de crises, guerras e revoluções. Longe de interessar apenas a classes e nações específicas, esta tendência afeta o mundo inteiro. Desta perspectiva, também pode-se dizer que um capitalismo “plenamente desenvolvido” seria um capitalismo mundial gerido de modo

centralizado e totalitário. Se fosse realizável, corresponderia ao que social-democratas e bolcheviques pretendiam: a criação de um governo mundial planificando a totalidade da vida social. Corresponderia também ao “internacionalismo” restrito de capitalistas, fascistas, social-democratas e bolcheviques, e aos seus projetos de organização parcial tais como o Pan-europeísmo, pan-eslavismo, Bloco Latino, II e III Internacionais, *Commonwealth* [Comunidade de Nações], Doutrina Monroe, Carta Atlântica, Nações Unidas dentre outros, como passos necessários para o governo mundial.

30. À luz de hoje em dia, o capitalismo do século XIX parece ter sido um capitalismo “subdesenvolvido”, não plenamente emancipado de seu passado feudal. O capitalismo, desafiando não a exploração, mas somente a posição monopolista de uma forma particular de exploração, podia verdadeiramente realizar-se *dentro* da casca da velha sociedade. Nessa época, suas ações revolucionárias tinham em vista a tomada do poder somente para eliminar as práticas restritivas próprias do feudalismo e para assegurar o princípio da “livre empresa”. Os capitalistas estavam completamente ocupados e satisfeitos em estender o comércio mundial, desenvolver o proletariado e a indústria, acelerar a acumulação de capital. A “liberdade econômica” era sua preocupação principal e, enquanto o Estado permitisse que a exploração dos trabalhadores seguisse em paz, a composição e a autonomia do Estado não eram de seu interesse.

31. No entanto, a independência relativa do Estado não era uma característica principal do capitalismo, mas meramente uma expressão do crescimento capitalista dentro de condições capitalistas incompletas. Quanto mais essas condições amadureciam mais o Estado assumia um caráter capitalista. O que o Estado perdeu em “independência”, ganhou em poder; o que os capitalistas perderam em favor do Estado, ganharam em dominação social, aumentada graças ao aperfeiçoamento dos mecanismos de gestão da vida social. Com o tempo, os interesses do Estado e os do capital se tornaram idênticos, o que indicava que o modo capitalista de produção e sua prática competitiva gozavam de consentimento geral. Apoiado em um Estado e organizado nacionalmente, o capitalismo evidenciou melhor que nunca que havia subjugado toda oposição: que o conjunto da sociedade, incluindo o movimento operário – e não apenas o patronato – havia se tornado *capitalista*. Esta integração do movimento operário no sistema se manifestava, por exemplo, no seu interesse crescente no Estado como *instrumento de emancipação*. Ser “revolucionário” significava daí em diante romper com a limitada “consciência sindicalista” do período da “livre troca” e lutar pela conquista do Estado, procurando sempre aumentar as prerrogativas deste último, estendendo seus poderes a áreas sempre maiores da atividade social. *A fusão entre Estado e Capital era, simultaneamente, acompanhada pela fusão de ambos com o Trabalho, ou seja, o velho movimento operário organizado.*

32. A Rússia bolchevique é cronologicamente o primeiro sistema no qual a fusão entre Capital, Trabalho e Estado se realizou sob a direção do setor radical do velho movimento operário. Na visão de Lênin, a burguesia havia deixado de ser capaz de revolucionar a sociedade. O tempo de uma revolução capitalista *no sentido tradicional* havia passado. Para escapar do status colonial, a fase imperialista do capitalismo forçava as nações atrasadas a adotar, como ponto de partida de desenvolvimento, o que, sob as condições do *laissez faire*, havia sido considerado o possível final dos processos competitivos. Doravante, as nações atrasadas poderiam libertar-se, não mediante os meios tradicionais de desenvolvimento capitalista – base da independência nacional – mas mediante lutas políticas segundo o modelo bolchevique. Opondo-se não ao sistema capitalista de exploração em geral, mas somente a uma restrita – a exploração praticada por grupos particulares de empresários e financistas – o partido bolchevique apropriou-se do Estado e ao mesmo tempo da gestão dos meios de produção. Não havia necessidade de submeter-se ao esquema histórico de fazer lucros e acumular capital para alcançar as posições sociais dominantes. Acabando com a ligação às práticas do *laissez faire*, a exploração estaria fundada daí em diante no *poder de gestão dos meios de produção*. Esta prometia ser mais rentável e segura, por ser exercida pela via de um

sistema de gestão *unificado e centralizado*, do que havia sido no passado, com o controle indireto do mercado e com intervenções esporádicas do Estado.

33. Se na Rússia a iniciativa totalitária vinha do movimento operário radical, isto se deveu à sua estreita proximidade com a Europa ocidental, onde processos similares estavam em marcha – ainda que fossem geridos de maneira reformista. No Japão, a iniciativa coube ao Estado e o processo tomou um curso diferente, com as velhas classes dominantes sendo convertidas nas executoras das políticas estatais. Na Europa ocidental, a integração do velho movimento operário e sua influência sobre o Estado havia alcançado tal ponto, particularmente durante os anos de guerra, que aquele movimento perdeu completamente a iniciativa em questões de transformação social. Não podia superar a estagnação social (causada, em parte, por sua própria existência, e acentuada pelos resultados depressivos da guerra), sem que ele próprio se transformasse. No entanto, as tentativas de bolchevização fracassaram. Ao contrário da burguesia russa, a burguesia ocidental se beneficiava – graças às suas instituições democráticas “progressistas” – de um grande campo de manobra e de uma base social mais ampla e mais integrada. Foi na Alemanha, o país mais forte – no sentido capitalista - de todas as nações derrotadas na I Guerra Mundial e afastadas da distribuição de sua pilhagem, onde, por desespero de causa, se produziu o desenvolvimento do nazismo.

34. A Revolução Russa mostrou ao mundo como um partido pode dirigir uma ação totalitária sobre um país. O regime bolchevique evidenciou a possibilidade de um *capitalismo de partido*. Novos partidos políticos, em parte burgueses, em parte proletários, com ideologias nacionalistas e imperialistas e com programas capitalistas de Estado mais ou menos coerentes, surgiram para enfrentar-se com as velhas organizações como novas forças “revolucionárias”. Com uma base de massas própria, sempre alimentada por uma crise insolúvel, com um menor respeito pela legalidade e pelos modos de intervenção tradicionais, e com o apoio de todos os elementos que estavam demandando uma solução imperialista às condições de crise, foram capazes, primeiro na Itália e depois na Alemanha, de derrotar as velhas organizações. Inclusive nos EUA, a nação capitalista mais forte, realizou-se tentativas, durante a Grande Depressão, para afiançar a autoridade incrementada do Estado, recentemente conseguida mediante a criação de um apoio de massas para as políticas do governo, baseada na colaboração de classes.

35. A derrota dos países fascistas na II Guerra Mundial não alterou a tendência para o totalitarismo. Ainda que a independência dos países derrotados tenha sido destruída, sua estrutura autoritária permaneceu. Somente aqueles aspectos de seu totalitarismo que estavam diretamente ligados à manutenção de um potencial de guerra próprio, foram destruídos ou subordinados às exigências dos vencedores. Apesar da alteração da relação de forças e da aplicação de novos métodos, existe mais autoritarismo no mundo de hoje do que havia antes e durante a guerra. E mais, países “vitoriosos” como Inglaterra e França se encontram hoje na mesma situação que os países derrotados depois da I Guerra Mundial. E tudo parece indicar que a evolução que a Europa Central conheceu entre as duas guerras se repetirá.

36. Todavia, o totalitarismo deixou de ser privilégio exclusivo das novas organizações, mas é fomentado por todas as forças políticas ativas. Para fazer frente, no âmbito interno, à concorrência das formações fascistas ou bolcheviques, as organizações existentes tiveram que se adaptar aos seus métodos. Além disso, e porque todas as lutas internas refletem rivalidades de ordem imperialista, a preparação para a guerra tem como consequência aproximar ainda mais a sociedade da via do totalitarismo. Dado que o Estado se encarrega de cada vez mais setores da vida social e econômica, o capital – seja privado ou monopolista – deve, para se defender, seguir as suas próprias tendências para o centralismo. Em resumo, as forças sociais que, originadas nas duas guerras e que procuram encontrar soluções dentro do *status quo*, tendem *todas* a apoiar e a acelerar os progressos do *capitalismo totalitário*.

37. Nestas condições, uma ressurreição do movimento operário tal como foi conhecido no passado e como ainda subsiste aqui é acolá de forma debilitada, está claramente descartada. Todos os movimentos com audiência – qualquer que seja o seu nome – procuram conformar-

se aos princípios *autoritários*. O domínio social pode assumir formas extremamente diversas, indo da combinação Estado-monopólios ao fascismo e ao capitalismo de partido, mas em qualquer dos casos os detentores do poder dispõem daqui para o futuro de tais meios que significam o fim do *laissez faire* e a extensão do *capitalismo totalitário*. Obviamente é improvável que o capitalismo alcance em algum momento uma forma totalitária absoluta do mesmo modo que nunca foi um sistema de *laissez faire* no pleno sentido do termo. Tudo o que estes “rótulos” designam são as práticas dominantes em termos de organização que estavam de acordo com a prática dominante dentro de uma variedade de práticas e diferenciações sociais. Está claro, no entanto, que os novos poderes do Estado, o capitalismo altamente concentrado, a tecnologia moderna, o controle da economia mundial, o período de guerras imperialistas e tudo o que daqui se subentende, tornem indispensável para a manutenção do *status quo* capitalista, uma *organização social sem oposição*, um controle centralizado sistemático das atividades humanas desencadeadoras de efeitos sociais.

IV

38. Se o fim do velho movimento operário deixou sem significado a questão da organização e da espontaneidade, pelo menos da forma como foi concebida e discutida por este movimento, a questão pode ter significado num sentido mais amplo – um sentido completamente separado dos problemas específicos das organizações proletárias do passado -. Como as explosões revolucionárias, as crises e as guerras também têm que ser consideradas como acontecimentos espontâneos. Não obstante, existe mais informação, e se acumulou uma experiência maior, sobre as crises e as guerras do que sobre a revolução.

39. No sistema capitalista, o cuidado de determinar as exigências fundamentais da sociedade que deverão ser satisfeitas pelo aparelho de produção e as necessidades sociais em função das quais será necessário modular a massa do trabalho social, compete, na maioria das vezes, aos mecanismos de mercado. Esses são perturbados pela interferência dos monopólios mas, na ausência destes, esta forma de prática sócio-econômica somente pode servir às necessidades “sociais” específicas do capitalismo. Os mecanismos de mercado estabelecem um tipo de relação indireta entre a oferta e a procura que tem por referência e determinante o lucro e as necessidades de acumulação do capital. Se os monopólios, pela sua intervenção consciente, introduzem um pouco que seja de “ordem” neste caos, fazem-no em função de seus próprios interesses particulares e, conseqüentemente, incrementam a irracionalidade do sistema como um todo. Inclusive a planificação capitalista de Estado serve, antes de tudo, às necessidades particulares e à segurança de seus grupos dominantes e privilegiados e não às necessidades *reais* da sociedade. Dado que o comportamento dos capitalistas é ditado pela necessidade de fazer lucro e por interesses particulares e não por interesses *sociais*, os resultados efetivos de suas decisões podem ser diferentes de suas expectativas. Os resultados sociais de uma multidão de decisões, tomadas em escala individual, pode perturbar a estabilidade social e frustrar as intenções e projetos de seus próprios autores. Apenas uma parte dos resultados dessas decisões são previsíveis. Na verdade, há incompatibilidade entre interesses privados e um tipo de organização social que permita o máximo de previsões nesse domínio. Isto implica um desenvolvimento social com crescentes fricções, desproporcionalidades e reorganizações indispensáveis e perpetuamente adiadas, que conduz a choques violentos entre velhos e novos interesses, crises e depressões, que parecem ser acontecimentos *espontâneos* pela falta de um tipo de organização que possibilite a gestão da sociedade sobre uma base *social* e não *classista*. Qualquer organização das atividades sociais em função dos interesses da sociedade global está por definição excluída no quadro do *status quo*. As *novas organizações* são somente expressões de posições de classe que se deslocam e que deixam intacta a relação de classe básica. As velhas minorias dominantes são substituídas por novas minorias dominantes, a classe proletária é *fragmentada* em categorias de diferente condição, enquanto alguns setores das camadas médias desaparecem e outros tem sua

influência aumentada. Considerando que toda atividade prática, concreta, se é absolutamente social somente o é *efetivamente* e não por *intenção* – é por “acidente”, por assim dizer, não existe força na sociedade cujo próprio crescimento contínuo ponha limites à “anarquia” social e desenvolva uma consciência mais completa das necessidades de todos e dos meios de as satisfazer, primeiro passo para a autodeterminação social e para uma sociedade concebida por e pelos seres humanos. De certo modo, então, é a multiplicidade e a variedade de organizações no capitalismo que impedem a organização da sociedade. Isto significa que não apenas as atividades descordenadas e contraditórias tem que acabar em crises esperadas ou inesperadas, mas também que as atividades de todas as pessoas, tanto organizadas como desorganizadas, são mais ou menos “responsáveis” pelas explosões espontâneas na forma de crises ou da guerra.

40. Porém é impossível fornecer um quadro preciso do processo que levou à crise ou à guerra em todos seus detalhes importantes, e de explicar deste modo, a posteriori, quais as circunstâncias, com suas disposições respectivas dentro dos processos de desenvolvimento, que determinaram a catástrofe. A solução fácil, do ponto de vista capitalista, consiste em selecionar arbitrariamente um ponto de partida, como o de que a guerra levou à crise, e a crise a guerrear; ou, menos sofisticadamente, apontar o estado mental de Hitler ou a fome de imortalidade de Roosevelt. As guerras aparecem tanto como explosões espontâneas quanto como atividades organizadas. Acusam-se estes ou aqueles países, governos, grupos de pressão, monopólios, cartéis e trustes de a haver desencadeado, cada um em especial. Contudo, lançar toda a responsabilidade das crises e das guerras em organizações específicas e políticas particulares, significa passar por cima do problema real aqui envolvido, e indica uma incapacidade para tratá-lo de modo eficaz. Apontar os elementos organizativos desse tipo, sem enfatizar suas limitações dentro da “anárquica” cena social total, promove a ilusão de que possivelmente “outras organizações” e “outras políticas” poderiam ter impedido tais catástrofes sociais, inclusive dentro do *status quo*. O *status quo*, no entanto, é somente outro termo para as crises e as guerras.

41. A observação do sistema capitalista permite descobrir sem dificuldade a existência de uma certa “ordem”, de uma tendência de desenvolvimento definida com base nesta “ordem” originada pela crescente produtividade do trabalho. Começando em uma ou várias esferas da produção, a produtividade ao se desenvolver metamorfoseou totalmente o potencial social de produção e provocou modificações em todas as relações sócio-econômicas. Tais mudanças deveriam transformar as relações políticas e, conseqüentemente, modificar a relação, mais ou menos contraditória, entre a estrutura de classes e as forças produtivas da sociedade.

42. O que são as forças de produção? Evidentemente se trata de *trabalho, tecnologia, e organização* e menos diretamente das confrontações entre as classes e portanto das *ideologias*. Em outras palavras, as forças produtivas são *ações humanas* e não algo *separado* delas que as determinam. Portanto, uma linha de desenvolvimento seguida até certa etapa não é forçosamente prosseguida uma vez ela ultrapassada. Situações sociais podem estagnar ou podem ser criadas novas condições que destruam o que foi previamente construído. Mas, se a “meta social” fosse a extensão e a continuação de uma tendência de desenvolvimento já iniciada, a história poderia ser, de fato, a história do “progresso social”, tal como resulta do desenvolvimento das capacidades produtivas da sociedade.

43. O nascimento do capitalismo pressupunha um certo grau de desenvolvimento das forças sociais produtivas e a existência de uma massa de sobretrabalho que permitiria, por exemplo, manter uma crescente classe de não produtores. Considerar o “crescimento das forças produtivas” como fator determinante do desenvolvimento global da sociedade era particularmente adequado na era do capitalismo do “*laissez faire*” sob o fetichismo da mecadoria. Na verdade, dado o individualismo econômico que então dominava, tudo levava a crer que as “forças produtivas” se desenvolviam independentemente das vontades dos capitalistas e das necessidades do sistema. As exigências insaciáveis da acumulação tinham como consequência a expansão vigorosa e rápida daquelas forças, expansão essa que permitia

por outro lado proceder a constantes reorganizações da estrutura socioeconômica, que por sua vez serviriam de base a um novo desenvolvimento da produtividade social. Se dizia que o capitalismo, historicamente falando, teria se justificado por seu “ego” - porém progressivo - desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, entre as quais o moderno proletariado industrial era considerado a maior.

44. Mesmo que fique evidente que o desenvolvimento total das capacidades produtivas da sociedade tornará possível a formação e o bom funcionamento de uma sociedade sem classes, está absolutamente claro que as classes diretamente privilegiadas jamais renunciarão ao poder simplesmente pela probabilidade de uma futura sociedade socialista. Em todo caso, neste campo, proprietários e controladores dos meios de produção não podem atuar senão “enquanto classe”. A ideia de uma “revolução por consentimento” é um absurdo. A acumulação pela acumulação continua e leva a uma concentração superior de capital e poder, ou seja, à destruição de capital, às crises, às depressões e às guerras. Pois o capitalismo desenvolve e retarda, simultaneamente, as forças produtivas, e aumenta o fosso entre a produção *efetiva* e a produção *potencial*. A contradição entre a estrutura de classes e as forças produtivas exclui tanto o “congelamento” do nível atual da produção, como sua expansão para uma abundância real.

45. Portanto, tudo parece indicar que, igual como ocorreu no passado recente, o futuro a curto prazo será caracterizado pelo crescimento das forças produtivas, ainda que por força do hábito. Isto implica no aguçamento da competição, apesar da monopolização total ou parcial da produção. Mesmo que unidades capitalistas maiores tenham absorvido numerosas pequenas empresas e assegurado condições monopolistas provisórias para o conjunto das indústrias e combinações de indústrias, este processo simplesmente intensifica a concorrência internacional e a luta entre as restantes empresas não monopolistas. No *capitalismo de Estado* a concorrência assume uma forma diferente, mais inclusiva, pela atomização completa da massa da população, realizada pelo aparelho burocrático de Estado por meio do terror e, na própria burocracia, pela estrutura hierárquica de sua organização.

46. Ao mesmo tempo que o aparecimento de novas forças tecnológicas e produtivas, criadas pela reorganização do capital, exige um reforço das instâncias diretivas da sociedade, a desorganização do proletariado marca o começo do processo de *atomização total* da população e do monopólio da organização pelo Estado. Toda a força organizada está concentrada em um pólo da sociedade, enquanto no outro vive uma massa amorfa de pessoas, incapaz de se unir pela defesa de seus próprios interesses. E se esta massa se organizar, será apenas por seus dirigentes, assim como se ganhar voz tão somente expressará a vontade daqueles. Em todas as organizações a massa atomizada se defronta sempre com o mesmo inimigo: o Estado totalitário.

47. A atomização da sociedade requer uma organização do Estado que abarque tudo. Socialistas e bolcheviques consideravam a sociedade insuficientemente organizada nos âmbitos da produção e da troca, além de outros aspectos que não dizem respeito à economia. Segundo eles, organizar a sociedade era sinônimo de colocar em funcionamento instituições de controle social. O socialismo seria fundamentalmente a organização *racional* do conjunto da sociedade. E uma sociedade organizada exclui por definição ações imprevisíveis e suscetíveis de desencadear sequências de acontecimentos espontâneos. Era necessário, portanto, afastar da vida social este elemento espontâneo por meio da planificação da produção e da distribuição centralizada dos bens. Não apenas os bolcheviques, mas também os fascistas, falavam de bom grado da espontaneidade somente enquanto seu poder não era absoluto. Quando todas as camadas sociais existentes se submeteram à sua autoridade, eles se converteram nos organizadores mais minuciosos da sociedade. E foi precisamente esta atividade organizadora que denominaram com o termo *socialismo*.

48. No entanto, a contradição entre a estrutura de classes e as forças produtivas permanece e, graças a ela, a impossibilidade de evitar crises e guerras. Mesmo que as massas mantidas apáticas não possam resistir ao totalitarismo com meios tradicionais de organização e que não

tenham aperfeiçoado métodos e formas de ação adequadas às novas tarefas, as contradições da estrutura social de classes continuam sem solução. O sistema autoritário, fundado no reino do terror, enquanto proporciona segurança transitória, também reflete a insegurança cada vez maior do capitalismo totalitário. Na medida em que dá oportunidade a atividades incontroladas ou incontroláveis, a defesa do *status quo* conduz à ruptura com o *status quo*. E mesmo que frente a todas estas organizações venha a existir no futuro uma única organização, a sociedade capitalista nunca esteve tão mal organizada como agora, quando está completamente organizada.

49. Na verdade, nada garante que o curso seguido pelo desenvolvimento geral da sociedade origine necessariamente o socialismo, tampouco permite supor que o mundo venha a cair na barbárie totalitária. A organização do *status quo* não pode impedir sua desagregação. O totalitarismo absoluto, sendo impossível, contém em si mesmo os germes da sua eventual subversão. É claro que se as fraquezas do sistema são hoje perceptíveis, o seu significado exato do ponto de vista social se mantém obscuro. Ainda que teoricamente concebíveis, certos fatores de desagregação não são ainda discerníveis e apenas é possível descrevê-los em termos gerais. Para ser formulada, a teoria moderna da luta de classes exige como condição obrigatória não somente que o capitalismo atinja o seu apogeu, mas também que as lutas proletárias façam uma real aparição em seu interior. Do mesmo modo, é provável que seja necessário observar primeiro inúmeras rebeliões das massas contra o totalitarismo antes que possam ser elaborados planos de ação específicos, preconizar formas de resistência eficazes, e encontrar e explorar as fraquezas do sistema.

50. Qualquer movimento em seus começos parece irrisório diante dos objetivos que se propõe, mas por mais reduzido e ínfimo que seja, não será motivo para desesperar. Nem o pessimismo nem o otimismo permitem abordar os problemas reais da ação social. Ambas as atitudes não afetam decisivamente as ações e reações dos indivíduos, determinadas que são por forças sociais que não controlam. A interdependência de todas as atividades sociais, se é um meio de dominar os homens, assinala igualmente os *limites* desse mesmo domínio. Dado que, tanto no aspecto organizativo quanto no aspecto tecnológico, o processo de trabalho depende simultaneamente de forças anônimas e de decisões de ordem pessoal, ele é dotado, devido à sua sutileza, de uma relativa autonomia, suficiente para dificultar manipulações totalitárias. Com efeito, os próprios manipuladores não podem se livrar das formas específicas da divisão do trabalho que, freqüentemente, restringem o poder das instâncias de controle centralizadas. Têm de contar com o grau atingido pela industrialização, sem que o seu domínio seja posto em causa. A *resistência* será, assim, exercida de múltiplas formas, ora absurdas ou tendentes ao fracasso, ora, pelo contrário, eficazes. Enquanto algumas formas de ação atuais podem ser descartadas outras podem ser retomadas em função de certas similitudes exteriores entre a estrutura totalitária e regimes totalitários anteriores. Se a política sindical deixou de significar na ação “ao vivo” para se limitar a combinações entre autoridades instituídas, novas modalidades eficazes de sabotagem e luta podem ser encontradas na indústria e na produção em geral. Embora os partidos políticos expressem uma tendência para o totalitarismo, é concebível uma diversidade de formas organizativas para agrupar as forças anticapitalistas para ações combinadas. Para que estas ações estejam adaptadas às realidades do sistema totalitário e conduzam à sua queda, a ênfase deve ser posta na autodeterminação, nos acordos mútuos, na liberdade e na solidariedade.

51. Encontrar os meios para acabar com o capitalismo totalitário, incitar os que não dispõem de poder a agir por e para eles mesmos, acabar com o reinado da concorrência e com a exploração e as guerras que lhe são inerentes, lançar as bases de um mundo racional onde os indivíduos, em vez de serem levados a lançarem-se contra a sociedade, tenham pelo contrário a consciência de formarem uma entidade efetiva tanto na produção quanto na distribuição, um mundo que permita à humanidade progredir sem confrontações sociais, apenas pode ser feito passo a passo e fundado em reflexão empírica e científica. Contudo, parece claro que, durante algum tempo ainda pela frente, os resultados de todos os tipos de resistência e luta serão

descritos como acontecimentos *espontâneos*, mesmo que sejam ações *planejadas* ou inatividade voluntária. Neste sentido, falar de espontaneidade é revelar nossa incapacidade para tratar de modo científico, empírico, os fenômenos ligados ao funcionamento da sociedade capitalista. As transformações sociais se apresentam como explosões coroando uma fase de formação de capital, de desorganização, de frenética concorrência e de longa acumulação de reivindicações que acabam por encontrar uma expressão organizada. Sua espontaneidade demonstra, meramente, o caráter *anti-social* da organização social capitalista. O contraste entre organização e espontaneidade existirá enquanto existir uma sociedade de classes e tentativas para acabar com ela.

Texto 9

**TESES SOBRE O BOLCHEVISMO:
SUA NATUREZA DE CLASSE E SEU PAPEL HISTÓRICO NA
PRÁXIS PROLETÁRIA INTERNACIONAL
Helmut Wagner (1933)**

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO DIGITAL EM LÍNGUA ESPANHOLA.

Resta aqui fazer menção à importância de apresentar uma tradução confiável em língua espanhola das «Teses sobre o bolchevismo» de Helmut Wagner, um texto fundamental do comunismo de conselhos.

Visto que a próxima edição de Ígneo, o boletim trimestral das comunistas revolucionárias (Grupo de Comunistas de Conselhos da Galiza – Estado espanhol) está prevista para dentro de dois meses, decidimos aproveitar a ocasião da proximidade da inauguração do site do Círculo Internacional de Comunistas Antibolcheviques (CICA) para publicar digitalmente o texto em sua versão espanhola. Esta tradução advém da galego-portuguesa, mas foi realizada pelo mesmo tradutor daquela e pode-se considerar como completamente equivalente a uma tradução direta do inglês (apoiada, por sua vez no original em alemão, como se explica em nossa apresentação ao texto).

Os acontecimentos dos últimos 5 anos na Argentina, Equador e Bolívia fazem com que a difusão em língua espanhola dos textos do comunismo de conselhos tenha uma urgência especial. Nestes países, com o despertar de uma situação revolucionária em condições subjetivamente ainda imaturas, manifestou-se o problema do bolchevismo: por um lado como expressão ideológica que indica a ausência ou a debilidade de um movimento revolucionário consciente e amplo do proletariado; por outro, na forma de partidos políticos que reclamam para si a direção do movimento de massas, proclamando serem as encarnações da consciência revolucionária e impedindo (ou desviando) qualquer iniciativa e desenvolvimento autônomo da luta proletária. Nestas condições, o esclarecimento sobre o papel histórico e a natureza do bolchevismo, a partir de um critério de classe, é decisivo para o futuro da revolução proletária latino-americana.

E mais, é necessário entender as contradições do bolchevismo para poder efetuar uma crítica radical de sua teoria e sua prática, pois só assim é possível efetivar um reagrupamento dos elementos mais avançados da classe em torno do objetivo comunista, da auto-libertação dos proletários.

Por tudo isso esperamos que a publicação deste texto seja de grande utilidade para a extensão das idéias comunistas antibolcheviques, que é a finalidade a que se presta o CICA.

Roi Ferreiro, por Comunistas Revolucionários.
26 de Junho de 2005.

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO GALEGO-PORTUGUESA

1. Uma história do documento.

As «Teses sobre o bolchevismo» foram elaboradas em 1933 por Helmut Wagner como membro da rede de lutadores vermelhos (Rote Kämpfer, RK) na Alemanha. O texto resumia as discussões e posições desenvolvidas dentro do grupo de Drésden da RK no período entre 1931 e 1932, e circulou a partir de 1933 em papel autocopiado para discussão dentro da RK, e também entre outros grupos.

Em 1934 as “teses” foram publicadas, pela primeira vez mais abertamente, na Holanda pelo Grupo de Comunistas Internacionais (GIC), através de seu periódico *Correspondência Conselhistas* (Rätekorrespondenz) em holandês e alemão. Neste mesmo ano as “teses” foram traduzidas para o inglês pelo grupo de comunistas de conselhos americanos em torno de Paul Mattik, e publicadas na revista *Correspondência Conselhistas Internacional* (nº 3, de dezembro/1934). Esta tradução foi por breve tempo reimpressa, como folheto, pela Federação Comunista Anti-parlamentarista de Glasgow, com novo título de: “O papel burguês do bolchevismo; Sua relação com o comunismo mundial.” (APCF, Glasgow, 1935). Ao fim da década de 30, este folheto da APCF foi distribuído internacionalmente por mais alguns anos. Depois disso, e ainda que as “teses” sejam uma síntese consistente das posições do comunismo de conselhos sobre a “questão russa”, não se lhes foi mais dedicada a atenção necessária.

2. A tese perdida número 60.

A versão alemã publicada pelo GIC holandês continha uma correção, aparentemente relativa à numeração das teses. Nessa versão faltava a número 60, saltando-se diretamente da 59 para a 61. Com isso, o texto alemão acaba aparentemente com 68 teses, quando na verdade restavam impressas somente 67. Na primeira tradução inglesa e nas versões posteriores foi feita uma correção alterando-se a numeração, de modo que a tese 61 passou a ser a 60 e 62 a 61, etc. Não obstante, por sorte apareceu um dos manuscritos originais do autor conservados no Arquivo Federal de Koblenz na Alemanha.

Ainda que o manuscrito de Koblenz contenha diversas variações de forma no que tange à versão final, de maneira geral, vem a coincidir com ela. Nele apareceu uma tese “extra” que parece indicar que o salto na numeração do original alemão pode ser explicado por uma desafortunada omissão de impressão, e não por um erro na numeração. Esta tese, correspondente ao número 60, foi incluída nesta edição, restabelecendo a numeração original.

3. Sobre esta edição.

Se existem traduções das “Teses” para o português estas foram efêmeras e provavelmente hoje estejam perdidas. No espanhol existe uma tradução, publicada sob o título “Crítica do bolchevismo” (editorial anagrama, 1976), realizada a partir de uma versão francesa. Esta versão espanhola é francamente arbitrária em numerosos pontos em comparação com a primeira versão inglesa. Contudo, consultando a versão original alemã, observamos certas inexatidões de tradução inglesa, em virtude das quais optamos por realizar diversas correções pontuais a partir do alemão.

De nossa parte, o motivo de publicar este texto é que o consideramos um documento básico para entender a ruptura profunda e total que existe entre o comunismo de conselhos e o bolchevismo, e para entender também a história em geral do movimento operário e da esquerda “marxista” internacional do século XX. Constitui, pois, um importante meio para a formação política.

Nas “Teses sobre o bolchevismo” encontram-se resumidos e compilados os posicionamentos dos comunistas de conselhos contra o bolchevismo, que se formaram ao largo de todo um processo evolutivo, especialmente durante o período compreendido entre 1918 – começo da Revolução alemã – e princípios dos anos 30. Ainda que não constituam uma análise pormenorizada e exaustiva, as “Teses” podem ser consideradas essencialmente como uma resposta acabada dos comunistas de conselhos aos partidários do bolchevismo, superando a tradicional disputa dos anos 20 entre a acusação leninista de “esquerdismo” e a refutação “taticista” procedente do kapedismo (*). Os antecedentes diretos das posições de Wagner podem ser encontrados já nos escritos de Otto Rühle, representante da tendência “unitária” (**), entre 1920 e 1924, e sintetizados em seu livro ‘Da Revolução burguesa à Revolução

proletária' (1924). Logicamente, hoje as "Teses" deveriam ser atualizadas à luz do processo histórico que vai até a derrubada da URSS. Por isso qualquer proposta séria de discussão será bem-vinda, e constatá-la-emos na medida de nossas possibilidades.

Por fim, acrescentamos para esta edição das "Teses sobre o bolchevismo" o subtítulo " Sua natureza de classe e seu papel histórico na práxis proletária internacional", com objetivo de trazer aos leitores uma idéia rápida e precisa sobre o enfoque dos conteúdos do texto.

Lamentamos não dispormos de informação biográfica do autor. Não obstante, nos últimos anos, foi publicado em espanhol um texto seu, "O anarquismo e a revolução espanhola", de 1937, na obra "Expectativas falidas (Espanha 1934-1939). O movimento conselhistas frente a guerra e revolução espanholas..." (Adrede edições, 1999). Uma tradução para o português pode ser encontrada em: www.geocities.com/Paris/Rue/5214/anarq_rev_espanhola.htm.

Finalmente agradecemos pela informação histórica sobre o texto e pelas versões alemã e inglesa, ao arquivo digital do comunismo de conselhos Kurasje (www.kurasje.org), dedicado à publicação de textos em alemão, inglês e holandês.

Comunistas Revolucionários (Grupo de Comunistas de Conselhos da Galiza)

14 de Maio de 2005

Notas:

* Esta refutação «taticista» está desenvolvida na Resposta de Herman Gorter ao Esquerdismo de Lênin, que pode ser lida em espanhol na página das edições espartaco internacional, no livro - que pode ser "baixado" - «A esquerda comunista germano-holandesa contra Lênin». Naquele momento, boa parte dos comunistas de conselhos estava vinculada ao KAPD (Partido Operário Comunista de Alemanha) fundado em 1920, e consideravam que as diferenças com os bolcheviques eram questões táticas baseadas na confusão existentes entre luta de classes ocidental e oriental. Somente a partir da expulsão da III Internacional, da derrota da revolução alemã e da trajetória da política bolchevique na Rússia e no mundo entre 1921 e 1924, que se produzirá o giro da fração conselhistas «kapedista» para as posições antibolcheviques radicais, as quais vinham sendo sustentadas por parte da tendência «unitária» desde 1921 (ver nota 2). As «Teses» constituíram, posteriormente, um passo a frente na unificação dos comunistas revolucionários frente ao bolchevismo.

** A tendência «unitária» defendia a supressão do partido político e o pleno desenvolvimento das Ligas Proletárias alemãs como células de organização políticas e econômicas, uma vez que, em condições revolucionárias a luta econômica se transforma em luta política e vice-versa e que os partidos políticos, inclusive o KAPD (ver nota anterior), representavam uma contradição com o livre desenvolvimento da organização das massas proletárias. Otto Rühle, um de seus maiores e primeiros representantes, desde 1920, depois de sua viagem à Rússia como delegado do KADP ao II Congresso da III Internacional, onde constatou que «os operários russos eram mais explorados que os operários alemães», a partir de 1921 passou a denunciar abertamente que « a Rússia tem a burocracia do Comissariado, que governa. Não tem um Sistema de Conselhos. Os Soviets são eleitos de acordo com listas de candidatos indicados pelo Partido; existem sob um regime de terror e, deste modo, não são Conselhos no sentido revolucionário. Os conselhos não passam de uma aparência, uma vitrine, são uma decepção política. Todo o poder na Rússia está na burocracia, que é o inimigo número 1 do sistema de conselhos.

A autonomia proletária e a economia socialista necessitam como condições para sua existência do sistema de conselhos; nos quais se produzirá conforme a necessidade e a administração da produção serão realizadas coletivamente. O Partido impede que a Rússia alcance um sistema de conselhos e sem os conselhos não pode haver construção socialista, não poderá haver comunismo. A ditadura do partido é o despotismo dos comissários, é capitalismo de Estado... »

«...A ditadura tsarista era de uma classe sobre todas as demais classes, a dos bolcheviques é a de 5% de uma classe sobre as outras classes e sobre 95% de sua própria classe.» (Otto Rühle, «Questões Fundamentais de Organização», publicado em Die Aktion, nº 37, 1921.)

TESES SOBRE O BOLCHEVISMO

I. O SIGNIFICADO DO BOLCHEVISMO

1. Na economia e no Estado soviéticos, o bolchevismo criou para si mesmo um campo fechado de práxis social. Na III Internacional, organizou um instrumento para controlar e influenciar o movimento operário no patamar das rotas internacionais. Suas diretivas em matéria de princípios e tática são elaboradas como “leninismo”. Surge a questão: a teoria bolchevique, como disse Stálin, é o marxismo da época do imperialismo e da revolução social? É o eixo do movimento revolucionário do proletariado a uma escala internacional?
2. O bolchevismo obteve sua reputação internacional no movimento de classe proletária, primeiramente por sua sólida luta revolucionária contra a guerra mundial de 1914-18, assim como em segundo lugar, pela Revolução Russa de 1917. Sua importância histórico-mundial repousa no fato de que sob a sólida direção de Lênin, reconheceu os problemas da Revolução Russa e, ao mesmo tempo, criou no Partido bolchevique o instrumento mediante o qual aqueles problemas poderiam ser resolvidos na prática. A adaptação do bolchevismo aos problemas levantados pela revolução russa se produziu por 20 anos de desenvolvimento esmerado e consistente a partir do discernimento frente às questões fundamentais de classe.
3. A questão se este domínio bem sucedido de suas tarefas dá direito ao bolchevismo à direção, na teoria, na tática e na organização da revolução proletária internacional, envolve, por um lado, um exame das bases sócias e pré-condições da revolução russa, e, por outro, dos problemas da revolução proletária nos grandes países capitalistas.

II. AS PRÉ-CONDIÇÕES DA REVOLUÇÃO RUSSA

4. A sociedade russa estava decisivamente condicionada por sua posição entre Europa e Ásia. Ao mesmo tempo em que a força econômica mais progressiva e a mais forte posição internacional da Europa ocidental haviam destruído na Rússia, antes do fim da Idade Média, os primeiros passos de um desenvolvimento comercial capitalista, a superioridade política do despotismo oriental havia criado os alicerces do aparato estatal absolutista do Império russo. A Rússia ocupava assim não só geográfica, mas como econômica e politicamente, uma posição intermediária entre os dois continentes, combinando seus diferentes sistemas sociais e políticos a sua própria maneira.
5. Esta posição internacionalmente ambígua da Rússia influenciou, decisivamente, não só em seu passado remoto, mas também nos problemas de sua revolução durante as primeiras duas décadas do século XX. O sistema capitalista criou, na era da ascensão imperialista dois centros - reciprocamente opostos, mas intimamente ligados – um na área fortemente industrializada da Europa ocidental e América do Norte, que era o centro capitalista altamente desenvolvido do avanço imperialista, e outro, nas regiões agrícolas da Ásia oriental, área colonial da pilhagem passiva imperialista. A ameaça de classe ao sistema imperialista surge deste modo, de ambos os centros: a revolução proletária internacional encontra seu pivô nos países capitalistas da Europa e América e a revolução agrária nacional nos países camponeses da Ásia oriental. Na Rússia, que estava no ponto de divisão das esferas de influência dos dois centros imperialistas, as tendências revolucionárias se mesclaram.

6. A economia russa era uma combinação entre a obsoleta produção agrária, característica da Ásia, e a economia industrial moderna, característica da Europa. As diversas formas de servidão persistiam, na prática, para uma enorme maioria de camponeses russos. Assim os pequenos princípios da agricultura capitalista tiveram seu desenvolvimento impedido, causando a falência e o empobrecimento indescritível da zona rural Russa e deixando o campesinato preso a uma terra que já não podia alimentá-lo. A agricultura, abarcando quatro quintos da população russa e mais da metade da produção total, era até 1917 uma economia feudal salpicada de elementos capitalistas. A indústria russa havia sido implantada pelo tsarismo, visando a independência em relação aos países estrangeiros, especialmente na produção bélica. Uma vez que a Rússia carecia do alicerce para um sistema bem desenvolvido de manufaturas e dos rudimentos para a construção de uma classe de “trabalhadores livres”, este capitalismo de Estado, ainda que nascido como produção em massa, não criou uma classe operária assalariada. Era um sistema de servidão capitalista, e conservou fortes rastros desta peculiaridade até 1917, em aspectos como o modo de pagamento dos salários, as condições de trabalho, a legislação social, etc. Os operários russos estavam, por sua vez, não só tecnicamente atrasados, como também eram em grande medida iletrados e estavam muito ligados ao campo. Em muitos ramos da indústria a força de trabalho estava formada principalmente por trabalhadores temporários advindos do campo, que não possuíam nenhuma ligação permanente com a cidade. A indústria russa era, até 1917, um sistema de produção capitalista intercalado com elementos feudais. A agricultura feudal e a indústria capitalista estavam deste modo, interpenetradas em seus elementos básicos, e havia se combinado em um sistema que não podia nem ser governado pelos princípios de economia feudais, nem proporcionar os alicerces para um desenvolvimento orgânico de seus elementos capitalistas.

7. A tarefa econômica da Revolução Russa era, em primeiro lugar, superar o dissimulado feudalismo agrário e sua exploração continuada dos camponeses como servos, industrializando o campo de modo a inseri-lo no modelo produtivo moderno e, em segundo lugar, tornar possível a criação irrestrita de uma classe de verdadeiros “trabalhadores livres”, libertando o desenvolvimento industrial de todas as suas amarras feudais. Essencialmente, as tarefas da revolução burguesa.

8. Foi sobre este fundamento que emergiu o Estado do absolutismo tsarista. A existência deste Estado dependia de um equilíbrio entre as duas classes possuidoras, vez que nenhuma delas era capaz de exercer domínio sobre a outra. Se o capitalismo era a sustentação econômica deste Estado, seu sustentáculo político era a nobreza feudal. A “Constituição”, o “direito ao voto” e o sistema de “auto-governo” não podiam esconder a impotência política de todas as classes no Estado tsarista, que sob as condições do atraso econômico do país, haviam produzido um método de governo que era uma mistura de absolutismo europeu e despotismo oriental.

9. Politicamente, as tarefas que a Revolução russa confrontava eram: a destruição do absolutismo, a abolição da nobreza feudal como primeiro estado e a criação de uma constituição política e um aparato administrativo que assegurassem, politicamente, o cumprimento da tarefa econômica da Revolução. As tarefas políticas da revolução estavam, por conseguinte, completamente em acordo com seus propósitos econômicos, as tarefas da revolução burguesa.

III. OS AGRUPAMENTOS DE CLASSE NA REVOLUÇÃO RUSSA

10. Graças à peculiar combinação social de elementos feudais e capitalistas, a Revolução Russa enfrentava também tarefas combinadas e complicadas. Diferia em sua essência tão fundamentalmente da revolução burguesa clássica, como a sociedade do absolutismo russo do princípio do século XX diferia da sociedade do absolutismo francês do século XVII.

11. Esta diferença, que correspondia aos fundamentos econômicos híbridos, encontrava sua mais clara expressão política na atitude das diversas classes da Rússia frente ao tsarismo e à revolução. Do ponto de vista de seus interesses econômicos, todas as classes estavam fundamentalmente em oposição ao tsarismo. Já na prática política esta posição se diferenciava não só em grau, mas também em seu objetivo.

12. A nobreza feudal lutava, fundamentalmente, apenas para estender sua influência sobre o Estado absolutista, desejando mantê-lo intacto para a salvaguarda de seus privilégios.

13. A burguesia, numericamente débil, politicamente dependente e diretamente ligada ao tsarismo através das subvenções estatais, realizava numerosas mudanças em sua orientação política. O movimento *dezembrista* de 1825 havia sido seu único ataque revolucionário ao Estado absolutista. Na época do movimento terrorista dos Narodniki em 1870 e 1880, eles apoiaram o movimento revolucionário de modo passivo, com o propósito de fortalecer a pressão sobre o tsarismo. Também tentaram utilizar como meios de pressão os movimentos grevistas revolucionários até as lutas de outubro de 1905. Seu objetivo não era de imediato a derrocada, mas sim a reforma do tsarismo. No período parlamentar de 1906 à primavera de 1917 entraram em uma fase de cooperação com o tsarismo. Finalmente, a burguesia russa fugindo das conseqüências das lutas revolucionárias das massas proletárias e camponesas, chegou à rendição incondicional à reação tsarista no período do golpe de Kornilov, que havia sido concebido para restabelecer o poder do Tsar. Havia se tornado contra-revolucionária ainda antes que as tarefas de sua própria revolução se cumprissem. A primeira característica de classe da Revolução Russa foi o fato de que, como revolução burguesa, tivesse que ser levada adiante não só sem a burguesia, mas diretamente contra ela. Surgiu assim uma alteração fundamental de todo seu caráter político.

14. Em conformidade com sua maioria esmagadora, os camponeses se converteram no grupo social que, pelo menos passivamente, determinava a Revolução Russa. Enquanto que o campesinato capitalista médio e superior, numericamente menos importante, representava uma política liberal, pequeno-burguesa, os pequenos camponeses famintos e escravizados, numericamente predominantes, estavam forçados pelas necessidades elementares a recorrer à expropriação violenta das grandes fazendas. Incapazes de perseguir uma política de classe própria, os elementos camponeses russos estavam compelidos a seguir a direção de outras classes. Até fevereiro de 1917 foram, a despeito de revoltas esporádicas, a base sólida do tsarismo. Como resultado do seu imobilismo e atraso massivos, fracassou a revolução de 1905. Em 1917 foram decisivos para acabar com o tsarismo, que os havia organizado em grandes unidades sociais no exército, no qual eles mutilaram passivamente a estratégia da guerra. Por meio de suas primitivas, mas irresistíveis, revoltas nas zonas agrárias durante o subsequente curso da Revolução, suprimindo assim as grandes fazendas, criaram as condições necessárias para a vitória da revolução bolchevique que, durante os anos da guerra civil, foi mantida somente em virtude da sua efetiva participação.

15. Apesar de seu atraso, o proletariado russo possuía uma grande força combativa, devido à escola implacável da opressão tsarista combinada com a capitalista. Entregou-se com enorme tenacidade nas ações da revolução burguesa russa, e se converteu em seu instrumento mais confiável. Como cada uma de suas ações, através da colisão com o tsarismo, se convertia em uma ação revolucionária, ele desenvolveu uma consciência de classe primitiva que, nas lutas em 1917, especialmente na apropriação espontânea das empresas dominantes, se elevou à altura de uma vontade comunista subjetiva.

16. A intelectualidade pequeno-burguesa cumpriu um papel decisivo na Revolução Russa. Restrita de modo intolerável nos assuntos materiais e culturais, dificultadas em seu progresso profissional, instruídas nas idéias mais avançadas da Europa ocidental, as melhores forças da intelectualidade russa estavam à vanguarda do movimento revolucionário e mediante esta direção imprimiram a ela um selo pequeno-burguês, jacobino. O movimento social-democrata russo, em seu elemento dirigente de revolucionários profissionais, constitui primeiramente um partido da pequena-burguesia revolucionária.

17. Por uma solução classista dos problemas apresentados pela Revolução Russa surgiu ali uma peculiar combinação de forças. As enormes massas camponesas formavam seu alicerce passivo; as massas proletárias, numericamente débeis mas revolucionariamente fortes, representavam seu instrumento de combate; o pequeno núcleo de intelectuais revolucionários emergia como mentor intelectual da Revolução.

18. Este triângulo de classe era um desenvolvimento necessário da sociedade tsarista, que estava dominada politicamente pelo Estado absolutista, autonomizado, baseado nas classes possuidoras desprovidas de direitos: a nobreza feudal e a burguesia. Os problemas peculiares implícitos no cumprimento da revolução burguesa sem a burguesia e contra ela, cresceram a partir da necessidade, para a derrocada do tsarismo, de mobilizar o proletariado e o campesinato na luta pelos seus próprios interesses e, por conseguinte, de destruir não só o tsarismo como também as formas existentes de exploração feudal e capitalista. Numericamente, os camponeses teriam sido capazes de conduzir sozinhos o processo, mas não estavam em posição política de fazê-lo, sendo incapazes de priorizar seus interesses de classe a não ser subordinando-se à direção de algum outro elemento de classe que, em certa medida, determinasse em que grau os interesses de classe do campesinato seriam levados adiante. Os operários russos haviam desenvolvido em 1917 os primórdios de uma política de classe comunista e independente, mas necessitavam dos pressupostos sociais para sua vitória que, enquanto vitória da revolução proletária, teria que ter sido também uma vitória sobre o campesinato. Isto era impossível para o proletariado russo que, somados seus diversos extratos, não alcançava dez milhões. De acordo com isto, tinham que se subordinar, tal qual o campesinato, à direção de um grupo de intelectuais não ligados organicamente aos seus interesses.

19. A criação da direção organizada da Revolução Russa e o desenvolvimento de uma tática apropriada é o mérito dos bolcheviques. Eles conseguiram a tarefa, aparentemente inviável, de criar a aliança contraditória entre as massas camponesas que lutam pela propriedade privada e o proletariado que luta pelo comunismo, tornando assim possível a revolução diante destas difíceis condições e garantindo seu sucesso ao manter essa combinação contraditória operário-camponesa por meio dos laços de ferro de sua ditadura de partido. Os bolcheviques constituem o partido dirigente da intelectualidade pequeno-burguesa revolucionária da Rússia; eles cumpriram a tarefa histórica da Revolução Russa, efetivando-a ao apoiar-se na combinação entre o campesinato – revolucionarizado no sentido burguês – e a classe operária, revolucionarizada em sentido proletário.

IV. A ESSÊNCIA DO BOLCHEVISMO

20. O bolchevismo tem todas as características fundamentais da política revolucionária burguesa, intensificadas pelo discernimento (extraído do marxismo) das leis do movimento das classes sociais. A frase de Lênin, «o social democrata revolucionário é o jacobino ligado às massas», é mais do que uma comparação externa. É, mais apropriadamente, uma expressão da afinidade interna, técnico-política, com o movimento da pequena-burguesia revolucionária da Revolução francesa.

21. O princípio básico da política bolchevique - a conquista e o exercício do poder pela organização – é jacobino. A linha de orientação da grande perspectiva política e de sua realização, por meio da tática da organização bolchevique de lutar pelo poder, é jacobina; a mobilização de todos os meios e forças da sociedade aptos para a derrocada do oponente absolutista, combinada com a aplicação de todos os métodos que prometam êxito, é jacobina; o zigue-zague e o compromisso com qualquer força social que possa ser utilizada, mesmo pelo tempo mais curto e no setor menos importante da luta, é jacobino. A idéia fundamental da organização bolchevique, finalmente, é jacobina: a criação de uma organização estrita de revolucionários profissionais que é, e seguirá sendo, a ferramenta flexível e militarmente disciplinada de uma onipotente cúpula dirigente.

22. Teoricamente, o bolchevismo não desenvolveu uma estrutura de pensamento própria que pudesse ser considerada um sistema coeso. Ao invés disso, adotou o método marxista de se aproximar das classes e o adaptou à situação revolucionária russa, quer dizer, mudou seu conteúdo básico mantendo, entretanto, seus conceitos.

23. O único êxito ideológico do bolchevismo é a conexão de sua própria teoria política como um todo com o materialismo filosófico. Como protagonista radical da revolução burguesa, cai na ideologia filosófica radical da revolução burguesa e faz dela o dogma de sua própria visão da sociedade humana. Esta fixação no materialismo filosófico vem acompanhada por um contínuo recair no idealismo filosófico que considera, em última instância, a práxis política como uma emanção da ação de dirigentes (a traição do reformismo; a idolatria de Lênin e Stálin).

24. A organização do bolchevismo surgiu dos círculos social-democratas de revolucionários intelectuais e se desenvolveu por meio de lutas de fração, cisões e derrotas, como uma organização de dirigentes, com as posições dominantes nas mãos de intelectuais pequeno-burgueses. Seu crescimento posterior formou-a, favorecido pela situação de ilegalidade continuada, como uma organização de caráter militar, baseada em revolucionários profissionais. Somente por meio de um instrumento tão rigoroso de direção poderia ser levada adiante a tática bolchevique e ser cumprida a tarefa histórica da intelectualidade revolucionária da Rússia.

25. A tática bolchevique, voltada para a conquista do poder pela organização, revelou - especialmente até Outubro de 1917 - uma poderosa solidez interna. Suas contínuas flutuações exteriores eram, no essencial, somente adaptações temporais às situações e relações de forças mutáveis entre as classes. De acordo com o princípio de absoluta subordinação das massas ao fim, sem qualquer consideração sobre o efeito ideológico sobre as classes que dirigia, a tática foi revisada inclusive em questões aparentemente fundamentais. Era tarefa dos funcionários tornarem cada uma destas manobras compreensíveis para as «massas». Por outro lado, foi utilizada toda agitação ideológica entre as massas, mesmo quando em contradição fundamental com o programa do partido. Isso foi feito porque o único problema era a captação incondicional das massas para sua política. Teria que ser feito porque estas massas, operárias e camponesas, tinham interesses contraditórios e uma consciência completamente diferente. Não obstante, precisamente por esta razão, o método tático do bolchevismo revela sua conexão com a política revolucionária burguesa; é, de fato, o método desta política que o bolchevismo efetiva.

V. OS CRITÉRIOS DA POLÍTICA BOLCHEVIQUE

26. O objetivo que constituiu o ponto de partida do bolchevismo foi a derrocada do sistema tsarista, tanto que o ataque ao absolutismo tem um caráter revolucionário-burguês. A luta em torno da tática a ser levada a cabo pela social-democracia russa estava subordinada a este objetivo. Nesta luta o bolchevismo desenvolveu seus métodos e suas consignas.

27. Era tarefa histórica do bolchevismo unificar, mediante sua tática de direção, a rebelião do proletariado e do campesinato, que estavam em posições sociais completamente distintas, para o fim da ação comum contra o Estado feudal. Era preciso combinar a revolta camponesa (a ação da revolução burguesa no princípio do desenvolvimento da sociedade burguesa) com a revolta proletária (a ação da revolução proletária no final do desenvolvimento da sociedade burguesa) numa ação unificada. Esta estratégia somente alcançou sucesso pelo fato de ter utilizado os mais diversos movimentos e tendências de classe.

28. Esta estratégia utilitarista começa com a vontade de capitalizar qualquer divisão, por menor que seja, no campo do inimigo. Assim, Lênin se referiu uma vez aos profissionais liberais como “nossos aliados de amanhã” enquanto em outra ocasião saiu em apoio aos padres que se colocavam contra o governo por questões relativas a negligências materiais. Também estava disposto a apoiar as seitas religiosas perseguidas pelo tsarismo.

29. A clareza da tática de Lênin é revelada, sobretudo após as experiências de 1905, quando apontou para a necessidade de se delimitar quais eram de fato os “aliados da revolução”, voltando-se contra todos os compromissos com os grupos capitalistas dominantes e restringindo a política de «alianças» e de compromissos com segmentos da pequena-burguesia e do pequeno-camponato, ou seja, apenas aos setores que, historicamente, poderiam ser mobilizados para a revolução burguesa na Rússia.

30. A dupla base de classe da política bolchevique é largamente demonstrada na consigna tática da "ditadura democrática dos operários e dos camponeses", que em 1905 se transformou na bandeira geral da política bolchevique e que ainda trazia a idéia ilusória de um tipo de parlamentarismo sem a burguesia. Posteriormente, tal consigna foi substituída por "uma aliança de classes entre operários e camponeses". Esta fórmula não expressava nada mais que a necessidade de pôr estas duas classes em movimento para concretizar a política bolchevique de tomada do poder.

31. As respectivas consignas, sob as quais estas duas classes, cruciais para a Revolução russa, deviam ser mobilizadas a partir de seus interesses econômicos contraditórios, estavam subordinadas ao único propósito então considerado: explorar a força destas classes. Para mobilizar o camponato, os bolcheviques, assim como em 1905, cunharam a consigna da «expropriação radical dos proprietários da terra pelos camponeses». Esta consigna podia ser considerada, do ponto de vista dos camponeses, como um convite para dividir as grandes fazendas entre os pequenos camponeses. Quando os mencheviques revelaram o conteúdo reacionário das consignas agrárias bolcheviques, Lênin informou-os que os bolcheviques não haviam decidido o que fazer com as terras expropriadas. Regulamentar este assunto seria função da política social-democrata quando a situação concreta se apresentasse. Assim, a reivindicação da expropriação das grandes fazendas pelos camponeses tinha um caráter demagógico, mas tocava no ponto crucial de seus interesses. Do mesmo modo, os bolcheviques também semearam consignas que iam ao encontro dos anseios dos operários, a exemplo da organização dos soviets. O determinante para sua tática era, simplesmente, o sucesso imediato destas consignas, que não eram, de modo algum, consideradas como um compromisso de princípios por parte do partido em relação às massas, e sim um meio de propagandear uma política que tinha como objetivo último a conquista do poder pela organização.

32. No período de 1906 a 1914, o bolchevismo desenvolveu combinando o trabalho legal e o ilegal – a tática do «parlamentarismo revolucionário». Esta tática correspondia à situação da revolução burguesa na Rússia. Com ajuda desta tática, teve êxito em incorporar a guerrilha entre os operários e o tsarismo, e entre os camponeses e o tsarismo, na linha geral de preparação da revolução burguesa sob as condições russas. Sobretudo, considerando que, cada passo na atividade parlamentar por parte da social-democracia russa, adquiria, face à política ditatorial tsarista, um caráter revolucionário-burguês. Em sua tática de «parlamentarismo revolucionário» os bolcheviques continuaram a política de mobilização das duas classes cruciais da Revolução russa na situação alterada entre a Revolução de 1905 e a Guerra Mundial, e utilizaram a Duma como Tribuna de sua propaganda entre os operários e os camponeses.

VI. O BOLCHEVISMO E A CLASSE OPERÁRIA

33. O bolchevismo resolveu os problemas históricos da revolução burguesa na Rússia capitalista-feudal com a ajuda do proletariado como o instrumento ativo, combatente. Apropriou-se também da teoria revolucionária da classe operária e a transformou para adequá-la a seus propósitos. O “marxismo-leninismo” não é marxismo, mas sim uma cobertura, com terminologia marxista adaptada às necessidades da revolução burguesa na Rússia e ao conteúdo desta revolução. Apesar de ser meio para compreender a estrutura e as tendências das classes russas, esta teoria se transforma, nas mãos do bolchevismo, ao mesmo

tempo em um meio objetivo para ocultar o verdadeiro conteúdo de classe da revolução bolchevique. Por trás dos conceitos e consignas marxistas se esconde o conteúdo de uma revolução burguesa que teria de ser levado a cabo, sob a direção da intelectualidade pequeno-burguesa revolucionária, pela base unitária do proletariado orientado em um sentido socialista e o campesinato ligado à propriedade privada, contra o absolutismo dos tsares, a nobreza proprietária e a burguesia.

34. A reivindicação da direção absoluta por parte da intelectualidade revolucionária, pequeno-burguesa e jacobina, está oculta por trás da concepção bolchevique do papel do partido na classe operária. A intelectualidade pequeno-burguesa poderia expandir sua organização como uma arma revolucionária ativa somente sob a condição de atrair e utilizar as forças proletárias. Seu partido é denominado, no entanto, o partido do jacobinismo proletário. A subordinação da classe operária combatente à direção pequeno-burguesa era justificada pelo bolchevismo com a teoria da “vanguarda” do proletariado, desenvolvida em sua práxis a partir do princípio: o Partido personifica a classe. O Partido, no entanto, não é um instrumento dos trabalhadores, mas sim os trabalhadores o instrumento do partido.

35. A necessidade de apoiar a política bolchevique nas duas classes mais baixas da sociedade russa é traduzida pelo bolchevismo no formato de uma “aliança de classes entre o proletariado e o campesinato”, uma aliança na qual interesses de classe logicamente antagônicos são conscientemente alinhados.

36. A reivindicação da direção incondicional do campesinato é disfarçada pelo bolchevismo com a fórmula “hegemonia dos proletários na revolução”. Dado que o proletariado, por sua vez, é dominado pelo partido bolchevique, a “hegemonia dos proletários” significa a hegemonia do partido bolchevique e sua reivindicação de dominar a ambas as classes da revolução russa.

37. A pretensão bolchevique de se apropriar do poder sustentando-se nas duas classes encontra sua expressão mais elevada no conceito bolchevique da “ditadura do proletariado”. Conjugado com o conceito do partido como a organização dirigente absoluta da classe, a fórmula da ditadura proletária significa, desde o princípio a fórmula do domínio da organização bolchevique e jacobina. Seu conteúdo de classe é, além disso, completamente suprimido por meio da definição bolchevique da ditadura do proletariado como a “aliança de classes entre o proletariado e o campesinato sob a hegemonia dos proletários” (Stálin e o programa da Comintern). O princípio marxista da ditadura da classe operária torna-se, nas mãos do bolchevismo, o princípio da dominação pelo partido jacobino sobre as duas classes opostas em seus interesses.

38. O caráter burguês da revolução bolchevique é ressaltado pelos próprios bolcheviques no lema requeitado da “revolução popular” (“Volksrevolution”), ou seja, a luta comum das diferentes classes de um povo em uma revolução. Este é o típico lema de qualquer revolução burguesa que, por trás da direção burguesa, arrasta a ação das massas de camponeses pequeno-burgueses e de proletários para seus próprios objetivos de classe.

39. Em vista da luta da organização pelo poder sobre as classes revolucionárias, qualquer atitude democrática do bolchevismo converte-se em um mero movimento tático. Isso se demonstrou, acima de tudo, na questão da democracia operária nos Conselhos. Em primeiro lugar a palavra de ordem leninista de Março de 1917 que sustenta: “Todo o poder aos Soviets”, o aspecto das duas classes típico da revolução russa, visto que os conselhos eram “conselhos de operários, de camponeses e de soldados (ou seja, novamente camponeses)”. Além disso, a palavra de ordem era meramente tática. Havia sido levantada por Lênin na revolução de Fevereiro porque parecia assegurar a transição “pacífica” do domínio da coalizão social-revolucionária menchevique para o domínio dos bolcheviques, por meio do crescimento de sua influência nos conselhos. Quando, depois da derrota da manifestação de Julho, a influência dos bolcheviques sobre os Conselhos diminuiu, Lênin abandonou temporariamente a palavra de ordem dos Conselhos e defendeu a organização de outros organismos de insurreição por parte do partido bolchevique. Somente quando, como resultado

do golpe de Kornilov, a influência dos bolcheviques cresceu fortemente outra vez nos Conselhos, que o partido de Lênin retomou a consigna dos Conselhos. Vez que os bolcheviques consideravam os Conselhos preponderantemente como órgãos de insurreição, ao invés de órgãos de auto-administração da classe proletária, deixavam claro por completo que para eles os Conselhos eram apenas uma ferramenta, por meio da qual seu partido poderia tomar o poder. Na prática o bolchevismo demonstrou isso não só com a organização do Estado soviético depois da conquista do poder, mas também no episódio sangrento da repressão da rebelião de Kronstadt. As reivindicações camponesas-capitalistas foram efetivadas pela NEP; no entanto, suas reivindicações democrática-proletárias foram sufocadas com rios de sangue operário.

40. A luta em torno do conteúdo dos Conselhos russos conduziu, já em 1920, a formação de uma genuína – ainda que débil no seu conjunto – corrente comunista no partido russo. A Oposição Operária (Utyanikov) representava a idéia da execução da democracia conselhistas para a classe operária. Apesar de cada uma das demais oposições posteriores de mesma orientação, terem sido erradicadas com o encarceramento, o exílio e a execução militar de seus representantes, sua plataforma permaneceu como o ponto de partida histórico para um movimento autônomo (selbständigen), comunista-proletário, contra o regime bolchevique.

41. A atitude dos bolcheviques quanto à questão sindical é igualmente determinada pelo ponto de vista do comando e direção dos operários pelo partido. Na Rússia, os bolcheviques retiraram completamente dos sindicatos seu caráter de organização operária, por meio de sua estatização e militarização práticas, como por meio do caráter compulsório imposto depois da conquista do poder. Em outros países se revelaram, no fim das contas, defensores das organizações sindicais reformistas e burocráticas, e ao invés de defender o esmagamento de tais organizações, os bolcheviques promoveram a “conquista” de seu aparato. Eles eram os oponentes mais cruéis da idéia das organizações de fábrica revolucionárias porque estas sim encarnavam a democracia proletária. Os bolcheviques lutavam pela conquista ou renovação das organizações da burocracia centralista, que eles imaginavam dirigir por meio de seus próprios postos de comando.

42. Como movimento de dirigentes da ditadura jacobina, o bolchevismo, em todas as suas fases, combateu consistentemente a idéia da autodeterminação da classe operária e exigiu a subordinação do proletariado à organização burocratizada. Nas discussões travadas, antes da I Guerra Mundial, sobre questões organizativas no interior da II Internacional, Lênin foi um veemente e rancoroso oponente da comunista Rosa Luxemburgo e se apoiou expressamente no centrista Kautsky, cuja linha de traição de classe, durante e depois da Guerra, foi desmascarada por completo. O bolchevismo demonstrou, inclusive naquele período, assim como durante todo o tempo subsequente, que não somente não possuía entendimento algum da questão do desenvolvimento da consciência e das organizações de classe do proletariado, como também combateu por todos os meios todas as tentativas teóricas e práticas de desenvolver organizações e políticas realmente classistas.

VII. A REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE

43. O bolchevismo denominou a revolução de Fevereiro de revolução burguesa, e a de Outubro de revolução proletária, para seu regime posterior poder ser aceito como dominação da classe proletária e sua política econômica como socialismo. O absurdo desta divisão da revolução de 1917 fica claro a partir da simples consideração de que, neste caso, um desenvolvimento de sete meses teria sido suficiente para criar os pré-requisitos econômicos e sociais da revolução proletária em um país que havia recém entrado no processo de sua revolução burguesa, ou seja, seria simplesmente saltar toda uma fase de desenvolvimento econômico e social que exigiria, no mínimo, décadas. Na realidade a revolução de 1917 é um processo de transformação sucessivo (*Umschichtungsprozess*) totalmente unitário e social, que em seu curso mais exterior começa com a derrubada do tsarismo e que alcança seu apogeu na

vitoriosa insurreição armada dos bolcheviques em 7 de novembro. Este violento processo de transformação sucessiva é o da revolução burguesa da Rússia sob as peculiares condições russas, criadas historicamente.

44. Neste processo, o partido da intelectualidade jacobina revolucionária tomou o poder sobre as duas ondas sociais do levantamento de massas, a camponesa e a proletária, e estabeleceu em substituição ao triângulo de poder: tsarismo, nobreza feudal e burguesia. O novo triângulo dominante: bolchevismo, campesinato e classe operária. Assim como o aparato estatal do tsarismo governava sobre as duas classes possuidoras tornando-se independente, o novo aparato estatal bolchevique começou a tornar-se independente de sua dupla base de classe. A Rússia passou do absolutismo tsarista ao absolutismo bolchevique.

45. A política dos próprios bolcheviques alcança, no período da revolução, seu nível mais alto na recuperação e dominação das forças de classe da revolução. Chega ao ápice de sua tática revolucionária na preparação e execução da insurreição armada. A questão do levante violento se tornou para os bolcheviques a questão de uma ação militar exata, planejada e com data marcada, cujo comando – assim como força propulsora e decisiva – são as formações militares do partido bolchevique. A concepção, preparação e execução da insurreição armada pelos bolcheviques demonstram o caráter da política de conspiração jacobina (por outro lado, na Revolução Russa, a única possível), ou seja, a insurreição sob as peculiares condições de executar a revolução burguesa contra a burguesia.

46. O caráter interno da revolução bolchevique como uma revolução burguesa se revela nas próprias consignas econômicas desta revolução. Para as massas camponesas, os bolcheviques representavam, de maneira mais radical, a reivindicação da expropriação violenta dos bens e terras dos latifundiários mediante a ação espontânea do pequeno campesinato ávido por terra. Eles expressaram perfeitamente em sua prática e bandeiras agrárias (Paz e Terra) os interesses camponeses sobre a proteção da pequena propriedade privada – os quais lutam, portanto, numa linha capitalista – e foram assim, na questão agrária, os campeões implacáveis dos interesses do pequeno capitalista e não dos interesses proletário-socialistas contra a grande propriedade feudal e capitalista.

47. As reivindicações econômicas da revolução bolchevique não estavam plenas de um conteúdo socialista, nem mesmo no que diz respeito aos operários. Lênin refutou em várias ocasiões, com especial agudeza a acusação menchevique de que o bolchevismo representava uma política utópica de socialização da produção de um país antes que este estivesse maduro para tal. Os bolcheviques explicavam que a revolução não pretendia a socialização da produção e sim o controle da produção pelos trabalhadores. A bandeira do controle da produção serviu ao propósito de manter o capitalismo enquanto forma de organizar técnica e economicamente a produção, embora eliminando o caráter de exploração. O caráter burguês da revolução bolchevique e da auto-restrição bolchevique deste caráter econômico burguês em contraposição à confirmação bolchevique dos resultados da derrubada do poder de 1917 – não podia se relevar tão claramente quanto por meio da bandeira do controle da produção.

48. A força fundamental do avanço dos operários, por um lado, e a sabotagem dos patrões destituídos, por outro, impulsionaram, entretanto, mais ainda a política industrial do bolchevismo, até a apropriação das empresas industriais pela nova burocracia estatal. Lênin descreveu a economia estatal, em princípio estrangulada durante todo período do comunismo de guerra pela super-organização (Glavkismo), como capitalismo de Estado. A denominação da economia estatal bolchevique como socialista é um produto da era stalinista.

49. O próprio Lênin não tinha, contudo, outra concepção fundamental da socialização da produção que não a de uma economia estatal dirigida burocraticamente. Para ele, a economia de guerra alemã e o serviço postal eram modelos de organização socialista da produção, ou seja, organização econômica diretamente burocrática e centralista, dirigida de cima para baixo. Ele viu somente o lado técnico e não o lado proletário e social do problema da socialização. Lênin se apoiou igualmente, e com ele o bolchevismo em geral, nos conceitos da socialização propostos pelo centrista Hilferding, que em seu “Capital financeiro” havia

esboçado um quadro idealizado de um capitalismo completamente organizado. O problema real da socialização da produção, ou seja, de se apropriar das empresas e da organização da economia por meio da classe operária e de seus órgãos de classe, os Conselhos econômicos, foi tratado superficialmente pelo bolchevismo. E tinha que ser tratado desta forma, porque a idéia marxista da associação de produtores livres e iguais é diretamente oposta, em essência, ao domínio de uma organização jacobina, e porque a Rússia não possuía as condições sociais e econômicas para o socialismo. O conceito de socialização para os bolcheviques não é, por conseguinte, nada mais que uma economia capitalista apropriada pelo Estado e dirigida, externamente e a partir de uma cúpula, por sua burocracia. O socialismo bolchevique é capitalismo organizado pelo Estado.

VIII. O INTERNACIONALISMO DOS BOLCHEVIQUES E A «QUESTÃO NACIONAL»

50. Durante a I Guerra Mundial, os bolcheviques expressaram um ponto de vista coerentemente internacional sob a palavra de ordem “Converter a guerra imperialista em guerra civil” e se comportavam, aparentemente, como marxistas coerentes. Porém seu internacionalismo revolucionário estava tão determinado por sua tática na luta pela Revolução Russa, como esteve mais tarde seu giro para a NEP na própria Rússia. O apelo ao proletariado internacional era apenas um aspecto de uma política em grande escala, para o fortalecimento internacional da revolução russa. O outro aspecto era a política e a propaganda da “autodeterminação nacional” dos povos, na qual a perspectiva de classe era abandonada, de maneira mais completa do que no conceito de “revolução popular”, em favor de um apelo geral a todas as classes de determinados povos.

51. Este “internacionalismo de duas classes” dos bolcheviques, com suas duas faces se originou a partir da situação internacional da Rússia e da sua revolução. Pelo fato de a Rússia estar entre os dois centros do sistema mundial imperialista, geográfica e sociologicamente, sejam eles, a intersecção entre a tendência imperialista ativa e a colonial passiva do capital mundial, este sistema desmoronou. As classes reacionárias russas provaram ser incapazes de reuni-los novamente, como ficou demonstrado em sua derrota decisiva no golpe de Kornilov, e mais tarde na guerra civil. A única ameaça real à Revolução Russa era a da intervenção dos poderes imperialistas. Somente a invasão militar por parte do capital imperialista poderia derrubar o bolchevismo e restaurar o tsarismo, construído no sistema mundial de exploração imperialista ao mesmo tempo como uma ferramenta e como matéria-prima. O problema da defesa ativa do bolchevismo contra o imperialismo mundial consistia, portanto, em contra-atacar nos centros imperialistas de poder. Isto se produziu por meio da política internacional de dupla face do bolchevismo.

52. Voltado para a revolução proletária mundial, o bolchevismo, para conectar o proletariado internacional com sua revolução, propagou um ataque ao centro do imperialismo mundial nos países capitalistas altamente desenvolvidos. Com a política do “direito à autodeterminação das nações”, o bolchevismo propagou um ataque por parte dos povos camponeses oprimidos do longínquo Oriente ao centro colonial do imperialismo mundial. Com uma política internacional bilateral, orientada por grandes perspectivas, o bolchevismo tentou estender o braço proletário e o braço camponês de sua revolução na área internacional do capitalismo mundial.

53. A posição do bolchevismo na “questão nacional” é prática; no entanto, não só uma conveniência da revolução burguesa em seu próprio país, a qual queria golpear o tsarismo com a ajuda dos instintos nacionais das camadas camponesas e das nacionalidades, oprimidas de diversos modos, do Império Russo. Este é, ao mesmo tempo, o internacionalismo camponês de uma revolução burguesa que foi levada a cabo na era do imperialismo mundial, e que só podia se manter fora das malhas da rede internacional imperialista e altamente capitalista com a ajuda de uma contra-política orientada e ativada internacionalmente.

54. Como ferramentas da direção bolchevique desta política, de reforço internacional da revolução burguesa levada a cabo em solo nacional russo, o bolchevismo tentou criar duas organizações internacionais: a III Internacional, para utilizar os trabalhadores dos países capitalistas altamente desenvolvidos, e a Internacional Camponesa, como uma organização para a utilização bolchevique dos camponeses orientais asiáticos. Como solução final desta dupla política de classe, apareceu a idéia da revolução mundial, na qual o proletariado internacional europeu e americano, e a revolução camponesa nacional – principalmente asiático-oriental – deviam ser reunidos em uma nova unidade internacional da política mundial bolchevique, sob a estrita direção de Moscou. Assim, o conceito de “revolução mundial” tinha para os bolcheviques um conteúdo de classe totalmente diferente. Já não tinha nada em comum com a idéia da revolução proletária internacional.

55. A política internacional do bolchevismo o levou, no entanto, a repetir a revolução russa em escala mundial, mediante a utilização simultânea das revoluções proletária e burguesa-camponesa, e a tornar a direção do partido bolchevique da Rússia a comandante de um sistema mundial bolchevique que conjugaria os interesses proletários-comunistas e camponeses-capitalistas. Esta política foi positiva na medida em que protegeu o Estado bolchevique da invasão imperialista por meio do contínuo inquietamento dos Estados capitalistas e, deste modo, proporcionou-lhe tempo para consolidar-se gradualmente dentro do sistema imperialista mundial, outra vez por meio dos métodos capitalistas de relações comerciais, acordos econômicos e pactos militares de não agressão. Isto deu à Rússia a oportunidade para a edificação e extensão nacional sem obstáculos de sua própria posição interna. A política de duas frentes do bolchevismo foi negativa enquanto, em ambos aspectos, a tentativa de transpô-las ao nível internacional fracassou. Com o golpe da derrota da política bolchevique na China, a experiência da Internacional Camponesa desmoronou por completo. A III Internacional, depois do lamentável esfacelamento do Partido Comunista da Alemanha, deixou de ser um pilar da política mundial bolchevique. A tentativa gigantesca de transplantar a política bolchevique russa à escala mundial fracassou historicamente. A restrição nacional-russa do bolchevismo é também uma demonstração disso. Contudo, a experiência bolchevique na política de poder internacional deixou tempo e espaço para o abandono pelo bolchevismo de sua posição nacional-russa e para a conversão aos métodos imperialistas-capitalistas da política internacional. Teoricamente, este abandono se expressa na fórmula “socialismo em um só país”, eliminando assim o internacionalismo do conceito de “socialismo” depois que a práxis econômica russa já se encontrava sem o seu conteúdo de classe proletária tendo convertido-a em um disfarce de tendências capitalistas de Estado, que se encontram igualmente no reformismo e nos movimentos do fascismo pequeno-burguês.

56. Não é de fato, essencial, depois de dispor de resultados práticos de 15 anos de política do Estado bolchevique e da Internacional bolchevique, se Lênin teria ou não, no momento da fundação da Comintern e previamente, uma idéia diferente da efetividade desta Internacional bolchevique. Na prática, o bolchevismo com seu conceito do “direito à autodeterminação das nações” desenvolveu as tendências de uma política de poder bolchevique mundial. Também contribuiu, por meio da Comintern, decisivamente para que o proletariado europeu tenha sido incapaz de se elevar à uma percepção profunda (einsicht), comunista-revolucionária, e em seu lugar tenha permanecido atolado no lodo dos conceitos reformistas, reavivados pelo bolchevismo e adornados com frases revolucionárias. Assim ocorreu que, o conceito de “Pátria russa”, converteu-se na pedra angular do conjunto da política dos partidos bolcheviques, enquanto que para o comunismo proletário a classe operária internacional está no centro de toda a orientação internacional.

IX. O BOLCHEVISMO ESTATIZADO E A COMINTERN

57. A formação do Estado soviético foi a formação da dominação do partido do maquiavelismo bolchevique. A base sociológica do poder estatal bolchevique, autonomizado

sobre as classes e com a nova camada social da burocracia bolchevique, estava composta pelo proletariado e o campesinato russos. O proletariado, submetido aos métodos da filiação compulsória aos sindicatos e pelo terrorismo da “Checa”, formou a base da economia estatal bolchevique dirigida burocraticamente. O campesinato escondeu, e ainda esconde em suas fileiras, as tendências capitalistas-privadas da economia soviética. O Estado soviético vacilava entre as duas tendências de sua política interna. Tentou dominá-las por meio de métodos violentos, tais como a política do plano quinquenal e a coletivização forçada. Não obstante, na prática, somente aumentou as dificuldades econômicas, chegando ao perigo de uma explosão das contradições econômicas em virtude do intolerável super-tensionamento das forças dos operários e dos camponeses. A experiência da economia estatal planejada burocraticamente do bolchevismo não pode, de modo algum, ser qualificada como bem sucedida. Os grandes cataclismos internacionais que ameaçavam a Rússia irão aumentar as contradições de seu sistema econômico até torná-las intoleráveis e podem acelerar enormemente a derrubada do - até agora - gigantesco experimento econômico.

58. O caráter interno da economia russa está determinado pelas seguintes circunstâncias: baseia-se no fundamento da produção de mercadorias. É gerenciada segundo o ponto de vista da rentabilidade capitalista. Mostra um sistema de remuneração e competição decididamente capitalista. Levou os refinamentos da racionalização capitalista ao extremo. A economia bolchevique é produção estatal com métodos capitalistas.

59. Esta produção estatal extrai ao máximo a mais-valia dos trabalhadores. O Estado russo não revela qual classe do povo se beneficia individual e diretamente da produção da mais-valia, ao contrário, se apropria desta por meio do conjunto do aparato burocrático-parasitário. Além de servir para a sua própria conservação, bastante onerosa, a produção de mais-valia também serve para a expansão da produção, para a sustentação da classe camponesa e como meio de pagamento para as obrigações estrangeiras do Estado. De modo que, além da camada economicamente parasitária da burocracia dominante, os camponeses russos, enquanto uma camada coesa e parte diferenciada do capital internacional, são os beneficiários da mais-valia gerada pelos operários russos. A economia estatal russa é, por conseguinte, uma produção de lucros e uma economia exploradora. É capitalismo de Estado sob as condições historicamente únicas do regime bolchevique e representa, portanto, um tipo diferente e mais avançado da produção capitalista, como mostrarão os países maiores e avançados.

60. Este feito do capitalismo de Estado bolchevique põe novamente em pauta o problema da libertação do proletariado russo. A nova revolução proletária na Rússia contra a burocracia bolchevique e seu Estado, assim como contra o campesinato capitalista que foi fortalecido politicamente nas coletividades, somente pode ter lugar em conexão com uma nova revolução proletária nos grandes Estados capitalistas. Isto é tão inevitável como a revolução proletária na Rússia, especialmente considerando que o período do capitalismo de Estado bolchevique com sua forte política de industrialização melhoraram muito estas perspectivas.

61. A política exterior da União Soviética se subordinou ao ponto de vista de proteger a posição de poder do partido bolchevique e do aparato estatal controlado por ele. Economicamente, o governo russo luta por apoio para a sua construção industrial, impulsionada à custa de grandes esforços. O isolamento da economia da Rússia soviética gerou uma vigorosa política de supressão da auto-suficiência, enquanto mantinha o controle do monopólio do comércio exterior. Tratados comerciais e de abastecimento, acordos de concessão e de crédito volumosos, restabeleceram o vínculo da economia estatal russa com a produção mundial capitalista e seus mercados, nos quais a Rússia entrou, em parte como uma consumidora cortejada, e em parte como um competidor perceptível. Por outro lado, a política de conexão econômica com o capital mundial compeliu o governo soviético a procurar relações amistosas e pacíficas com os poderes capitalistas. Os princípios de uma política mundial bolchevique, ainda propagados, estavam subordinados de modo oportunista e escancarado aos tratados comerciais. Toda a política exterior do governo russo obteve o

caráter de uma diplomacia tipicamente capitalista e, finalmente, cindiu de modo definitivo, no campo internacional, a teoria bolchevique de sua práxis.

62. No centro de propaganda exterior da Comintern, o bolchevismo estabeleceu a tese do “cerco imperialista à União Soviética”, ainda que tal frase não se harmonizasse minimamente com as complicadas linhas de conflitos de interesses imperialistas e seus agrupamentos continuamente mutáveis. Tentou mobilizar o proletariado internacional para a sua política externa e, por meio de uma política dos Partidos Comunistas, em parte parlamentar e em parte golpista, criar inquietação no interior dos Estados e, desta maneira, fortalecer a posição diplomática e econômica da União Soviética.

63. Os antagonismos entre a União Soviética e os poderes imperialistas levaram à contra-propaganda ideológica da Comintern sob as consígnas: “Ameaça de guerra contra a URSS”, “Proteger a União Soviética”. Deste modo, com estas oposições, os trabalhadores eram apresentados repetidamente como a única causa determinante na política mundial, ao mesmo tempo em que os acontecimentos reais eram escamoteados, de modo a não possibilitar uma visão própria e independente acerca da política externa. Os integrantes dos partidos comunistas foram transformados, sobretudo, em cegos e oportunistas defensores da União Soviética e chamados a enganar-se acerca do fato de a União Soviética, ter se tornado, há tempos, um integrante da política mundial imperialista.

64. O alarmismo permanente acerca da possibilidade iminente de uma guerra que unificasse os poderes imperialistas contra a URSS, serviu na política interna para justificar a intensificação da militarização e a crescente pressão sobre o proletariado russo. Ao mesmo tempo a União Soviética tinha, e tem, o maior interesse em evitar qualquer conflito militar com outros Estados. A existência do governo bolchevique depende internamente, em grande medida, de evitar qualquer convulsão na esfera da política externa, quer seja de caráter bélico, quer seja de caráter revolucionário. Desta forma, a Comintern manteve na prática, em flagrante contradição com sua velha teoria e propaganda, uma política sabotadora para com o verdadeiro desenvolvimento proletário- revolucionário, difundindo nos partidos comunistas a concepção de que a edificação da União Soviética devia ser assegurada, antes que a revolução proletária na Europa pudesse seguir adiante. Por outro lado, o governo russo empreendeu fortes gestos contra os poderes imperialistas por motivos de prestígio, mas na prática sempre capitulou frente a eles. A “venda” da ferrovia manchú ao imperialismo japonês é um exemplo desta capitulação frente ao oponente imperialista. Neste mesmo momento, o pronto reconhecimento da União Soviética, por parte dos Estados Unidos, é uma prova de que, ao contrário do que aparenta, os poderes imperialistas avaliavam positivamente a formação da União Soviética, considerando o âmbito de antagonismo na qual ela está inserida. Mas, acima de tudo a União Soviética demonstrou sua associação com o capitalismo ao iniciar e estender relações econômicas, particularmente sólidas, com o fascismo italiano e com a Alemanha de Hitler. A União Soviética surge então, como um apoio econômico confiável, e ao lado deste, também como apoio político, para os mais reacionários Estados das ditaduras fascistas da Europa.

65. A política de entendimento incondicional da URSS com os Estados capitalistas e imperialistas não tem apenas razões econômicas. Também não se trata de uma expressão de inferioridade militar. Na verdade, a «política de paz» da União Soviética é totalmente legitimada pela situação interna do bolchevismo. Sua própria existência enquanto poder estatal autônomo depende da manutenção de um equilíbrio entre a classe operária dominada e o campesinato. Apesar dos avanços realizados relativamente à industrialização do país, a posição do campesinato russo ainda é extremamente forte. Primeiramente porque, a despeito das políticas repressivas do Estado, eram eles quem detinham o controle do abastecimento de gêneros alimentícios para o país. Em segundo lugar, a coletivização havia fortalecido o poder econômico e político dos camponeses que, permaneciam lutando por interesses capitalistas privados, pois, a «coletivização» na Rússia significa a associação de camponeses proprietários privados com a manutenção dos métodos capitalistas de contabilidade e distribuição. Em

terceiro lugar, uma guerra, que armasse as massas, daria as condições para uma violenta e renovada revolta do campesinato contra o sistema bolchevique; da mesma forma que, por outro lado, uma rebelião do proletariado europeu ensejaria a probabilidade de uma rebelião do proletariado russo. Sobre estas bases, a política de entendimento entre o governo soviético e os poderes imperialistas é uma necessidade vital para o absolutismo bolchevique.

66. A própria Comintern havia se convertido em uma ferramenta para a manipulação do proletariado internacional para os objetivos oportunistas da glorificação nacional e da política de segurança internacional do Estado russo. Tinha alcançado força, fora da Rússia, em virtude da unificação dos quadros revolucionários do proletariado europeu. Utilizando a autoridade da revolução bolchevique, e os princípios organizativos e táticos do bolchevismo foram impostos pela Comintern com a máxima brutalidade e sem considerar as divisões existentes. O Comitê Executivo (Y.C.C.I.) - outra ferramenta de direção da burocracia governamental da Rússia - se converteu no comandante absoluto de todos os partidos comunistas e sua política foi completamente desligada dos reais interesses revolucionários do proletariado internacional. As resoluções e palavras de ordem revolucionárias serviram de cobertura para a política contra-revolucionária da Comintern e seus partidos que, à maneira bolchevique, haviam se convertido em partidos traidores da classe operária, profundamente demagógicos, da mesma forma como ocorrera com os partidos social-democratas. Da mesma forma que o reformismo pereceu, no sentido histórico, face à fusão de seu aparato com o capitalismo, a Comintern naufraga em virtude da ligação de seu aparato com a política capitalista da União Soviética.

X. O BOLCHEVISMO E O PROLETARIADO INTERNACIONAL

67. O bolchevismo, nos princípios, na tática e na organização, é um movimento e um método da revolução burguesa num país predominantemente camponês. Levou o proletariado - orientado num sentido socialista - e o campesinato, orientado num sentido capitalista, a uma sublevação revolucionária sob a direção ditatorial da intelectualidade jacobina, contra o Estado absolutista, o feudalismo e a burguesia, com o objetivo de esmagar o absolutismo capitalista-feudal e, com uma estratégia utilitarista e apoiado em teorias de classe e de desenvolvimento social, uniu interesses de classe opostos de proletários e camponeses.

68. O bolchevismo é, por conseguinte, não só imprestável como referência (Richtpunkt) para a política revolucionária do proletariado internacional, como é um dos seus mais fortes e perigosos fatores de impedimento. A luta contra a ideologia bolchevique, contra as práticas bolcheviques e, por tanto, contra todos os grupos políticos que buscam incuti-las novamente no proletariado, é uma das primeiras tarefas na luta pela reorientação revolucionária do proletariado. A política proletária somente pode se desenvolver partindo do seio da própria classe, com métodos e formas de organização apropriadas para tanto.

Texto 10

SOLIDARITY: VIVER E LUTAR, PENSAR E ATUAR

Solidarity (1960-1981)

APRESENTAÇÃO DO CICA - Círculo de Comunistas Antibolcheviques

1. *Solidarity* foi uma pequena organização socialista libertária da Grã- Bretanha, que editava a revista com o mesmo nome. Próxima do comunismo de conselhos e bastante influenciada pelo grupo francês contemporâneo *Socialisme ou Barbárie* – mesmo que não tanto como possa parecer à primeira vista - sua substância revolucionário-libertária procede da própria tradição britânica, que já tinha expoentes revolucionários avançados e originais no passado; organizações como a antiparlamentar *Liga Socialista* das últimas duas décadas do século XIX, ou a *Federação Comunista Anti-Parlamentar* (APCF) de começos a meados do século XX, que deram a luz respectivamente a teóricos importantes e originais, como William Morris e Guy Aldred.
2. *Solidarity* foi fundada em 1960 a partir de grupo de militantes que foram expulsos da Liga Operária Socialista (trotskista), inicialmente se chamava *Socialism Reaffirmed*. Mesmo que nunca tenha sido um grande agrupamento, chegou a ser uma organização nacional, com grupos em Londres e outras cidades importantes até 1981. Depois de se dividir por diferenças internas, a publicação da revista *Solidarity* continuou sendo editada até 1992 pelo grupo de Londres. A revista, seus panfletos e seus livros alcançaram grande difusão, e seus membros tiveram papel decisivo em diversas lutas industriais e campanhas radicais nas décadas de 1960 e 1970. Todo este trabalho teórico e prático - de grande envergadura, paciente e constante – obteve uma influência importante, contribuindo decisivamente para o surgimento posterior de diversos grupos comunistas radicais na Grã Bretanha e deixando sua marca neste meio.
3. Os textos que aqui apresentamos já possuem um caráter histórico, pois além de definirem uma forma de pensamento político, também é o testemunho de uma época. Tem especial importância o segundo texto, intitulado *Socialismo ou barbárie*, porque se trata de um texto coletivo internacional elaborado entre vários grupos naquele momento. Em que pese as limitações que possam ser observadas em *Solidarity*, seus textos têm um grande interesse hoje como suporte para delinear as grandes questões do presente, e seguem nos colocando sobre a pista das questões pendentes e das tarefas do futuro. Sentimos uma alegria especial em poder publicar estes textos, pois seu espírito aberto e sincero é o mesmo que anima o projeto do CICA, para não falar da completa sintonia com nossas orientações básicas.
4. O título geral de apresentação dos textos é de nossa autoria. Os dois primeiros textos e sua introdução, *Cómo lo vemos e Cómo no lo vemos*, foram traduzidos dos originais. O segundo texto, *Socialismo ou barbárie*, foi reproduzido da versão espanhola (presumidamente traduzida também do original) publicada em 1977 por Zero-ZYX: *Solidarity*, «*Vivir y luchar. La práctica cotidiana de la revolución*». Neste texto foram feitas correções na tradução onde pareceu necessário e possível, pois não dispunhamos do original. (De fato tivemos que desistir de publicar as traduções de *Cómo lo vemos e Cómo no lo vemos* contidas na versão Zero-ZYX em função das numerosas imprecisões, erros e até alterações terminológicas importantes.)
5. Outros textos originais dos membros do grupo estão disponíveis em inglês na página: <http://www.af-north.org/solidarity/solidarity.htm>. Para mais dados históricos consultar o artigo em inglês da *Wikipedia*, buscando por «Solidarity (UK)».

COMO VEMOS E COMO NÃO VEMOS¹⁰

INTRODUÇÃO

6. Quando, em 1967, publicamos pela primeira vez «*Como vemos*», tínhamos a sensação de que era um resumo tão exato quanto conciso dos nossos pontos de vista. Foram discutidas as alternativas e realizados todos os esforços possíveis para evitar ambiguidades. Pensávamos que tínhamos produzido um texto bastante explícito, cuja aceitação seria a base da adesão ao grupo Solidarity.

7. Com o passar dos anos, compreendemos que estávamos equivocados. Havia algum problema com o documento – ou com alguns daqueles que o liam. Ou talvez algum problema conosco – por pensar que o texto fosse auto-explicativo. Os radicais nos disseram repetidamente que estavam de acordo com cada palavra da declaração. E no instante seguinte nos perguntavam por que não estávamos fazendo trabalho de fração no interior do Partido Trabalhista, ou por que não estávamos vivendo em comunidades, ou fazendo campanha pelas “esquerdas” sindicais, ou elogiando os Panteras Negras ou o regime antiimperialista de Karume em Zanzibar, ou participando na agitação contra o Mercado Comum. Alguns inclusive perguntavam por que não estávamos defendendo o lançamento de um “*verdadeiro partido leninista, revolucionário*”.

8. Agora sentimos que é necessário colocar os “pingos nos is”. O que segue é uma tentativa de manifestar explicitamente pensamentos que estavam somente apontados, e de formular mediante proposições escritas o que estava implícito. «*Como não vemos*» transmitirá assim o teor geral do que segue. Com a intenção de evitar ambigüidades posteriores, também discutiremos alguns assuntos que não foram tratados no texto original.

9. Reimprimimos aqui ambos os textos: primeiro o original «*Como vemos*», em seguida nossos comentários.

COMO VEMOS

10. **1.** Em toda parte do mundo, a grande maioria dos homens estão privados de qualquer controle sobre as decisões que afetam as suas vidas do modo mais profundo e direto. Vendem a sua força de trabalho enquanto outros, que possuem ou controlam os meios de produção, acumulam riquezas, fazem as leis e utilizam o aparelho de Estado para perpetuar e reforçar seus privilégios.

11. **2.** Durante o último século, o nível de vida da população trabalhadora subiu. Mas nem esse aumento do nível de vida, nem a racionalização dos meios de produção, nem a chegada ao poder de partidos que reivindicam representar a classe operária, modificaram fundamentalmente a situação do trabalhador enquanto *operário*. E, fora da produção, não proporcionaram muita liberdade à grande maioria da humanidade. Tanto no Leste quanto no Oeste, o capitalismo continua sendo uma sociedade desumana, na qual a grande maioria é oprimida no trabalho, manipulada nos seu consumo e nos seus ócios. A propaganda e a polícia, as prisões e as escolas, os valores e a moral tradicionais, contribuem para reforçar o poder de uma minoria e para convencer ou obrigar a maioria a aceitar um sistema brutal, degradante e irracional. O mundo “*comunista*” não é comunista e o mundo “*livre*” não é livre.

12. **3.** Os sindicatos e os partidos tradicionais de esquerda foram originariamente criados para modificar esta situação. Mas todos acabaram por se adaptar às formas de exploração existentes. De fato, hoje se transformaram em peças essenciais para o funcionamento “normal” da sociedade de exploração: os sindicatos atuam como intermediários no mercado de trabalho, os partidos políticos usam as lutas e as aspirações da classe operária para atingir seus próprios fins. A degeneração das organizações da classe operária, ela própria resultado

¹⁰ A numeração em negrito é referente a marcação original das partes do texto.

do fracasso do movimento revolucionário, contribui de modo decisivo para mergulhar na apatia a classe operária, e essa apatia levou por sua vez a uma maior degeneração dos partidos e sindicatos.

13. **4.** É uma ilusão pensar que os sindicatos e os partidos políticos podem ser reformados, “conquistados” ou convertidos em instrumentos da emancipação da classe operária. Isto não significa que estejamos propondo a criação de novos sindicatos que - nas condições atuais - teriam um destino semelhante ao dos antigos. Também não estamos chamando os militantes para rasgar seus cartões sindicais. Temos por objetivo apenas que os próprios trabalhadores decidam sobre os objetivos das suas lutas e que a direção e a organização destas lutas não escape das suas mãos. As formas que pode tomar esta atividade autônoma da classe operária podem variar consideravelmente de país para país e de indústria para indústria, mas o seu conteúdo básico *não*.

14. **5.** O socialismo não é apenas a apropriação e a direção coletivas dos meios de produção e de distribuição. Implica também igualdade, liberdade real, o reconhecimento recíproco e a transformação radical de todas as relações humanas. Ele é "*a autoconsciência positiva do homem*", a compreensão pelo homem daquilo que está à sua volta e de si mesmo, o seu domínio sobre o seu trabalho e sobre as instituições sociais que pode ter a necessidade de criar. Estes aspectos não são secundários, que acontecerão automaticamente após a expropriação da velha classe dominante. Pelo contrário, são elementos essenciais do processo de transformação social no seu conjunto, sem os quais não poderá existir verdadeira transformação social.

15. **6.** Portanto, uma sociedade socialista somente pode ser construída pela base. As decisões relativas à produção e ao trabalho devem ser tomadas por Conselhos de trabalhadores compostos por delegados eleitos e revogáveis. As decisões em outros setores devem ser tomadas com base na discussão e na consulta mais ampla possível ao conjunto da população. Aquilo que entendemos por “poder operário” é precisamente essa *democratização* da sociedade até as suas próprias raízes.

16. **7.** Para os revolucionários, as únicas ações significativas são as que permitam aumentar a confiança, a iniciativa, a participação, a solidariedade, as tendências igualitárias e a autonomia das massas e que contribuam para a sua desmistificação. Ação estéril e nociva é toda aquela que reforce a passividade das massas, sua apatia, seu cinismo, sua diferenciação hierárquica, sua alienação, sua confiança em outros para realizar tarefas que elas mesmas deveriam executar e, portanto, o grau em que podem ser manipuladas por outros - mesmo por aqueles que pretendem atuar em seu nome.

17. **8.** Nunca na história uma classe dominante abriu mão de seu poder sem luta e não é provável que aqueles que atualmente nos dominam seja uma exceção. O poder somente lhes será arrancado por meio da ação consciente e autônoma da grande maioria da própria população. A construção do socialismo exigirá entendimento e participação das massas. Mas a estrutura hierárquica rígida, as idéias e a prática, tanto do tipo de organização social-democrata quanto do tipo bolchevique, desmotivam as massas para desenvolver esse entendimento e impedem essa participação. A idéia de que o socialismo possa ser, de um modo ou de outro, obra de um partido de “elite”, por mais revolucionário que seja, agindo “em nome” da classe operária, é ao mesmo tempo absurda e reacionária.

18. **9.** Rejeitamos a idéia de que a classe operária possa, por si mesma, atingir apenas uma consciência sindical. Pelo contrário, entendemos que suas condições de vida e suas experiências na produção impulsionam constantemente a classe operária a adotar prioridades e valores, e a criar formas de organização que desafiam a ordem social estabelecida e o tipo de pensamento que corresponde a essa ordem. E que estas respostas à sua situação têm um conteúdo socialista *implícito*. Por outro lado, a classe operária está fragmentada, não dispõe dos meios de comunicação e seus diversos segmentos se situam em diferentes níveis de consciência e conhecimento. A tarefa da organização revolucionária é contribuir para que a consciência proletária tenha um conteúdo explicitamente socialista, fornecer ajuda prática aos

trabalhadores em luta, e ajudar a troca de experiências e de ligações entre grupos de trabalhadores separados geograficamente.

19. **10.** Contudo, não nos vemos como mais uma direção, mas apenas como um instrumento da ação da classe operária. A função de *Solidarity* é ajudar todos aqueles que, na indústria e na sociedade em geral, entram em conflito com a estrutura social autoritária; ajudá-los a generalizar sua experiência, a fazer uma crítica global da sua condição e das suas causas, e a desenvolver a consciência revolucionária de massas indispensável para a transformação total da sociedade.

COMO NÃO VEMOS¹

20. **1.** “Em toda parte do mundo” quer dizer exatamente isto. Não quer dizer em todas as partes menos na Suécia social-democrata, na Cuba de Fidel Castro, na Iugoslávia de Tito, nos *kibbutzim* de Israel ou na Guiné de Sekou Touré. “Em toda parte do mundo” inclui a Rússia antes, durante e depois de Stálin, a Argélia de Ben Bella e Boumedienne, as Repúblicas Populares do Uzbequistão e do Vietnã do Norte e também a Albânia e a China.

21. Nossos comentários sobre a sociedade contemporânea se aplicam a todos estes países mencionados bem como aos EUA e à Grã Bretanha (sob qualquer governo, seja trabalhista ou conservador). Quando falamos de minorias privilegiadas que “controlam os meios de produção” e “utilizam todo o aparato de Estado” para se manter no poder, estamos fazendo uma crítica global que, até o momento, não visualizamos nenhuma exceção.

22. ISTO SIGNIFICA que não consideramos nenhum destes países como socialista e não atuamos como se tivéssemos suspeitas ocultas de que eles poderiam ser algo diferente do que são: *sociedades de classes hierarquicamente estruturadas baseadas na escravidão assalariada e na exploração*. Identificá-las com o socialismo – mesmo como variantes deformadas – é uma calúnia contra o próprio conceito de socialismo (um feto abortado, apesar de tudo, apresenta algumas características de seus pais). Além do mais, esta é uma fonte de mistificação e confusão sem fim. Significa também que – com base nesta avaliação básica – não apoiamos a China contra a Rússia, ou a Rússia contra a China, ou uma e depois a outra; que não carregamos as bandeiras da Frente de Libertação Nacional nas manifestações (*os inimigos de nossos inimigos não são necessariamente nossos amigos*) e que não nos somamos às palavras de ordem variadas exigindo mais comércio entre o Ocidente e o Oriente, mais Conferências de Cúpula ou mais “diplomacia do ping-pong”.

23. Em qualquer país do mundo os governantes oprimem os governados e perseguem os revolucionários autênticos. Em qualquer país, o principal inimigo da população é a sua própria classe dominante. Esta é a única coisa que pode servir de base para um genuíno internacionalismo dos oprimidos.

24. **2.** O socialismo não pode ser comparado com a “*chegada ao poder de partidos que reivindicam representar a classe operária*”. O poder político é uma fraude se a população trabalhadora não se apropriar e reter o poder na produção. Caso consigam tal poder, os órgãos que o exercem (os Conselhos Operários) tomarão e aplicarão todas as decisões políticas necessárias. ISTO SIGNIFICA que não defendemos a formação de partidos políticos “melhores” ou “mais revolucionários”, que continuariam tendo a função de “tomar o poder de Estado”. O poder do partido pode nascer da boca de um fuzil, mas o poder da classe operária nasce da sua gestão do conjunto da economia e da sociedade.

25. O socialismo não pode ser comparado com medidas do tipo “*nacionalização dos meios de produção*”. Medidas assim podem ajudar os governantes das diversas sociedades de classes a racionalizar seu sistema de exploração e a resolver seus próprios problemas. Nos negamos a escolher entre opções definidas pelos nossos inimigos de classe. ISTO SIGNIFICA que não defendemos a proposta de nacionalização ou qualquer outra que tenha esta finalidade, frente a qualquer governo, seja de “direita” ou de “esquerda”.

26. O ponto 2 significa que o capitalismo moderno pode continuar desenvolvendo os meios de produção e, com um certo custo, pode melhorar os níveis de vida. Mas nada disto tem qualquer conteúdo socialista, pois, qualquer um que queira comer três vezes por dia e ter a perspectiva de trabalhar sem fim podem conseguir isto em qualquer prisão que funcione bem. ISTO SIGNIFICA que a nossa principal denúncia do capitalismo não se baseia nos seus desajustes em qualquer destes campos. Para nós, o socialismo não é fazer com que todos os prisioneiros tenham rádios, mas na destruição da própria prisão industrial. Não consiste em ter mais pão, mas em quem faz funcionar a padaria.

27. O ponto finalmente enfatiza as múltiplas formas que o sistema tem para perpetuar-se a si mesmo. Ao fazer menção tanto à propaganda quanto à polícia, às escolas quanto às prisões, aos valores e à moral tradicionais quanto aos métodos tradicionais de coerção física, o ponto ressalta um importante obstáculo para alcançar uma sociedade livre: o fato de que a imensa maioria dos explorados e manipulados introjetaram e aceitam amplamente as regras e os valores do sistema (conceitos como hierarquia, divisão da sociedade entre os que dão ordens e os que recebem ordens, trabalho assalariado e separação de papéis sexuais são exemplos) e os *consideram intrinsecamente racionais*. ISTO SIGNIFICA que, em função de todo o exposto, rejeitamos como inadequadas – por considerá-las incompletas – as concepções que atribuem a perpetuação do sistema apenas à repressão policial ou às traições de dirigentes políticos e sindicais.

28. Não obstante, uma crise de valores e um aumento do questionamento das relações de autoridade são traços que se desenvolvem na sociedade contemporânea. O crescimento desta crise é uma das pré-condições para a revolução socialista. O socialismo somente será possível quando a maioria das pessoas entender a necessidade da mudança social e se perceber capaz de transformar a sociedade e decida exercer seu poder coletivo para esta finalidade e saibam pelo que desejam substituir o sistema atual. ISTO SIGNIFICA que rejeitamos análises como a dos leninistas ou trotskistas que definem a principal crise da sociedade moderna como sendo uma “crise de direção”. Na verdade são como generais em busca de um exército cujo principal critério de êxito é o índice de recrutamento. Para nós, a mudança revolucionária é uma questão de consciência: *a consciência que tornará supérflua a existência de generais*.

29. **3.** Quando nos referimos a “partidos tradicionais da esquerda” temos em mente não apenas os partidos social-democratas e “comunistas” que administraram, administram e vão continuar administrando as exploradoras sociedades de classe. Incluímos também os revolucionários tradicionais, ou seja, as diversas seitas leninistas, trotskistas e maoístas que são as portadoras da ideologia capitalista de Estado e núcleos embrionários do poder repressivo do capitalismo de Estado.

30. Estes grupos são prefigurações de tipos alternativos de exploração. As críticas que fazem à social democracia, ao “stalinismo” ou ao “revisonismo” parecem bastante virulentas, mas nunca abordam os fundamentos como a estrutura de tomada de decisões, o *locus* do poder real, a primazia do Partido, a existência de hierarquia, a maximização da mais-valia, a perpetuação do trabalho assalariado e a desigualdade. Isto não acontece por acidente e sim porque eles aceitam estes fundamentos. *A ideologia burguesa está mais enraizada do que muitos revolucionários imaginam e, de fato, tem penetrado profundamente em seu próprio pensamento*. Neste sentido, a afirmação de Marx que “as idéias dominantes de uma época são sempre as idéias da classe dominante desta mesma época” é muito mais verdadeira do que ele poderia ter antecipado.

31. Ao tratarmos da sociedade de classes autoritária e da alternativa socialista libertária, os revolucionários tradicionais fazem parte do problema e não da solução. Aqueles que assimilam a ideologia social-democrata ou bolchevique, ou são vítimas da mistificação reinante – e devemos fazer esforços para que saiam desta condição – ou são expoentes conscientes e futuros beneficiários de uma nova forma de dominação de classe, e devemos expor isto de forma implacável. Em qualquer caso, ISTO SIGNIFICA que proclamar nossa oposição sistemática às posições que defendem não tem nada de “sectário”. Deixar de fazer

isto seria o mesmo que apagar a crítica que fazemos à metade da ordem social existente. Significaria fazer parte da mistificação geral que é a política tradicional, onde se pensa uma coisa e se diz outra, além de negar a própria base da nossa existência política independente.

32. **4.** Exatamente porque os partidos tradicionais não podem ser “reformados”, “conquistados” ou convertidos em instrumentos da emancipação da classe operária e por sermos contrários ao uso da *linguagem e do pensamento dúbios*. ISTO SIGNIFICA que não nos dedicamos a atividades do tipo “apoiar criticamente” o Partido Trabalhista nas eleições, adotando a palavra de ordem “trabalho ao poder” entre uma eleição e outra, e ajudando a semear ilusões como a de “ganhar as pessoas pela experiência” de ver através deles. Os Partidos Trabalhista e Comunista podem ser, marginalmente, superiores ao Partido Conservador na administração do capitalismo privado na caminhada para o capitalismo de Estado. Certamente, os revolucionários tradicionais demonstrarão que são superiores a ambos. Mas nós não faremos uma escolha deste tipo: *não é papel dos revolucionários serem as parteiras de novas formas de exploração*. ISTO SIGNIFICA que *lutaremos pelo que queremos mesmo que não seja possível de conseguir imediatamente ao invés de lutar pelo que não queremos... e consegui-lo*.

33. A burocracia sindical é uma componente essencial das sociedades capitalistas de Estado. Os dirigentes sindicais não estão “traindo” ou “vendendo” as lutas da classe operária quando as manipulam e buscam utilizá-las para seus próprios fins, nem são “traidores” quando tentam aumentar suas vantagens materiais ou restringir a freqüência com que têm de se submeter a eleições. Estão atuando dentro da lógica de seus interesses. O problema é que são interesses distintos dos interesses da população trabalhadora. ISTO SIGNIFICA que não propomos que as pessoas escolham sindicalistas “melhores”, nem propomos “democratizar” os sindicatos ou criar novos sindicatos que, sob as condições atuais, teriam o mesmo destino dos velhos. Estes são falsos problemas que só preocupam àqueles que fracassaram em captar a raiz do problema.

34. A necessidade autêntica é se concentrar na tarefa de construir a alternativa nas mentes das pessoas e na realidade, ou seja, organizações de trabalho autônomas ligadas a outras da mesma indústria e de outras partes, e controladas pela base. Cedo ou tarde estas organizações entrarão em conflito com os grupos existentes que dizem “representar” a classe operária – e seria prematuro definir as formas que este conflito pode assumir nesta fase – ou irão abandonar totalmente as velhas organizações.

35. **5.** Este ponto visa diferenciar a nossa concepção de socialismo da maioria das que predominam hoje. O socialismo para nós não é apenas uma questão de reorganização econômica após a qual virão “inevitavelmente” outros benefícios sem necessidade de luta consciente por eles. É uma visão global de uma sociedade *completamente diferente* que se vincula à crítica global do capitalismo a que nos referimos antes.

36. Para a social-democracia e o bolchevismo a igualdade é considerada “*utópica*”, “*pequeno-burguesa*” ou “*anarquista*”. Desprezam a defesa da liberdade por considerá-la “*abstrata*” e consideram o reconhecimento mútuo “*humanismo liberal*”. Admitem que a transformação radical de todas as relações sociais é válida como objetivo final, mas não conseguem vê-la como um ingrediente essencial e imediato do próprio processo de mudança significativa.

37. Quando falamos de “*autoconsciência positiva do homem*”, e da “compreensão pelo homem daquilo que está à sua volta e de si mesmo” fazemos referência em descartar gradualmente todos os mitos e todos os tipos de falsa consciência (religião, nacionalismo, atitudes patriarcais, crença na racionalidade da hierarquia, etc.). *O pré-requisito da liberdade humana é compreender tudo que a limita*.

38. A *autoconsciência positiva* implica na quebra gradual deste estado de esquizofrenia crônica que faz com que - por meio do condicionamento e outros mecanismos – a maioria das pessoas acabe tendo idéias que se excluem mutuamente em suas mentes. Isto significa aceitar a *coerência*, e perceber a relação entre meios e fins. Significa desmascarar quem organiza

conferências sobre o "*controle operário*"... Dirigidas por sindicalistas eleitos pela vida toda. Significa explicar pacientemente as contradições do "*capitalismo popular*", do "*socialismo parlamentar*", do "*comunismo cristão*", do "*anarco-sionismo*", dos "*conselhos operários dirigidos pelo Partido*" entre outros lixos. Significa entender que não se atinge uma sociedade sem manipulações através de estruturas hierárquicas. Esta tentativa de enxergar em profundidade e compartilhá-la será longa e difícil, e será sem dúvida desprezada como "*teorização intelectual*" por toda tendência "*voluntarista*" ou "*ativista*", sedenta por atalhos para a terra prometida e mais preocupada com o movimento em si do que com o rumo para onde se vai.

39. Como pensamos que as pessoas *podem e devem* entender o que fazem. ISTO SIGNIFICA que rejeitamos muitas das formulações que são comuns no movimento hoje. Na prática, isto significa evitar lançar mão de mitos revolucionários e da espiral de confrontações manipuladas com intenção de elevar o nível de consciência. Subjacente a ambas está a convicção, geralmente não elaborada, de que as pessoas são incapazes de entender a realidade social e atuar racionalmente em seu próprio nome.

40. Ligada à nossa rejeição pelos mitos revolucionários, está nossa rejeição pelos rótulos políticos pré-fabricados. Não queremos deuses, nem mesmo aqueles dos panteões marxistas ou anarquistas. Não vivemos nem na Petrogrado de 1917 nem na Barcelona de 1936. Nós somos nós mesmos: produto da desintegração da política tradicional, num país industrial avançado, na segunda metade do século XX. É nos problemas e conflitos dessa sociedade que devemos nos aplicar.

41. Mesmo nos considerando como parte da “esquerda libertária”, divergimos da maioria das vertentes do chamado “entorno subterrâneo (*underground*)” seja “cultural” ou “político”. Por exemplo, não temos nada em comum com esses pequenos empresários que prosperam no meio da confusão geral, que - ao mesmo tempo - promovem coisas do tipo misticismo oriental, magia negra, culto às drogas, exploração sexual (mascarada de libertação sexual), misturando tudo com grandes porções de mitologia populista. Mesmo disseminando mitos e defendendo uma “política não sectária”, isto não impede que assumam na prática muitas posições reacionárias, pelo contrário, são a garantia de sua defesa. Sob a consigna estúpida de "*Apoio aos que lutam*", estas tendências defendem o apoiar os diversos nacionalismos – reacionários hoje e sempre – dos IRAs da vida e todas as Frentes de Libertação Nacional.

42. Outras correntes, se autodenominando “*marxistas libertários*”, são propensas ao *obreirismo* por sofrerem dos sentimentos de culpa da classe média e mesmo assim, na prática, continuam reformistas e substitucionistas. Por exemplo, mesmo quando apóiam (corretamente) as lutas por objetivos limitados, como as dos ocupas² ou dos sindicatos de reclamantes³, sempre deixam de ressaltar as implicações revolucionárias que uma ação direta coletiva desta natureza contém. Historicamente, com frequência a ação direta se choca com a natureza reformista dos objetivos perseguidos. Mais uma vez estas tendências apóiam os IRAs e as Frentes de Libertação Nacional e não criticam os regimes cubano, norte-vietnamita ou o chinês. Rejeitam o partido, mas continuam partilhando com o leninismo de uma concepção burguesa da consciência.

43. Por pensarmos que nossa política deve ser coerente, também rejeitamos nos aproximar de outros setores do movimento libertário que colocam toda a sua ênfase na libertação pessoal ou que buscam resolver problemas sociais por meio de soluções individuais. Afastamos-nos

² *Squatters*. Na Grã-Bretanha as ocupações nasceram como uma forma autônoma de protesto e reação contra a falta de moradias, mas depois setores do movimento se transformaram em “semioficiais”, no sentido de serem reconhecidos como interlocutores institucionalizados das prefeituras e dos condados - responsáveis pelo funcionamento e gestão do urbanismo público na Grã-Bretanha – e passaram a colaborar com eles. *Nota do CICA com base em Zero-ZYX*.

³ *Claimant's Unions*. Trata-se de associações que representavam de forma muito combativa as pessoas com direito a prestações dentro da política de previdência e assistência social. Desenvolviavam uma função semelhante à dos «patronatos» das ACLI e dos sindicatos na Itália, porém de forma mais autônoma e vivaz. *Nota do CICA com base em Zero-ZYX*.

daqueles que colocam num mesmo plano a violência do opressor e a do oprimido, fazendo uma condenação geral de “toda violência”; dos que igualam os direitos dos grevistas de fazerem piquetes com o direito dos fura-greves de furar a greve, fazendo uma defesa abstrata da “liberdade por si mesma”. Do mesmo modo, o anarco-catolicismo e o anarco-maoísmo são perspectivas internamente incoerentes e incompatíveis com a auto-atividade revolucionária.

44. Percebemos que deve haver relação entre a nossa concepção de socialismo e a nossa prática aqui e agora. ISTO SIGNIFICA que buscamos desde já desconstituir alguns dos mitos políticos mais amplamente sustentados, a começar pelos que estão mais próximos de nós. Tais mitos não estão confinados apenas ao campo da “direita” (que acredita que a hierarquia e a desigualdade pertencem à essência da natureza humana). Consideramos irracional e/ou desonesto que aqueles que mais falam das massas e da capacidade da classe operária de criar uma nova sociedade sejam os que demonstrem ter a menor confiança na capacidade das pessoas de não precisar de dirigentes. Também consideramos irracional que os mais radicais defensores da “genuína mudança social” incorporem em suas próprias idéias, programas e fórmulas organizativas tantos valores, prioridades e modelos que afirmam se opor.

45. 6. Quando dizemos que a sociedade socialista será “*construída pela base*”, é exatamente isso que queremos dizer. Não queremos dizer “*iniciada pela cúpula e depois respaldada pela base*”, nem dizer “*planificada pela cúpula e mais tarde verificada pela base*”. Queremos dizer que não deve haver separação entre *órgãos de decisão e órgãos de execução*. É por isto que defendemos a “gestão” da produção pelos trabalhadores e evitamos a palavra de ordem ambígua do “controle operário” (as diferenças entre ambas - tanto teóricas quanto históricas - estão expostas na introdução de nosso livro sobre “Os bolcheviques e o controle operário: 1917-1921”).

46. Não aceitamos que a organização *revolucionária* deva ter qualquer prerrogativa específica no período pós-revolução e também durante a construção da nova sociedade. Sua função principal neste período deve ser enfatizar a primazia dos Conselhos Operários (e dos corpos baseados neles) como instrumentos de autoridade decisória e lutar contra todos que busquem diminuir ou evitar esta autoridade, ou investir de poder outra parte. Diferentemente de outros na esquerda, que desprezam o pensar sobre a nova sociedade como “uma preocupação com os restaurantes do futuro”, nós expomos com certo nível de detalhe nossas idéias sobre a possível estrutura de uma tal sociedade no nosso panfleto intitulado: *Os Conselhos Operários*.

47. 7. Talvez seja este o ponto mais importante e o menos entendido de toda a declaração. É a chave de como vemos nosso trabalho prático e define os critérios com os quais podemos nos aproximar da vida política cotidiana e fazer uso das nossas capacidades físicas e mentais. Explica por que consideramos certas questões significativas, enquanto outras são desprezadas como “*falsos problemas*”. Dentro dos limites da nossa coerência, explica o conteúdo do nosso jornal.

48. Já que não os consideramos de particular relevância para as atitudes e aptidões que pretendemos desenvolver, não nos preocupamos com assuntos do tipo eleições parlamentares ou sindicais (escolher terceiros para fazer coisas por um); Mercado Comum ou a crise de convertibilidade (o envolvimento nos problemas dos governantes não ajuda em nada os governados), nem mesmo com a luta da Irlanda ou com os diversos golpes na África (“*tomar partido*” nas lutas empreendidas sob a dominação de uma falsa consciência totalmente reacionária). Não podemos ignorar estes acontecimentos sem ignorar parte da realidade; mas podemos pelo menos evitar atribuir-lhes uma importância para o socialismo que não têm. Pelo contrário, pensamos que a Revolução Húngara de 1956 e os eventos de Maio de 1968 na França foram profundamente significativos (pois foram lutas contra a *burocracia*, e tentativas de *autogestão* tanto no contexto oriental quanto no ocidental).

49. Estes critérios também ajudam a esclarecer nossa atitude diante dos conflitos trabalhistas. Enquanto a maioria é um desafio aos empresários, alguns têm um conteúdo socialista mais profundo que outros. Por qual a razão, por exemplo, as ações “não oficiais”

sobre as condições de trabalho realizadas sob o estreito controle das bases têm geralmente um significado mais profundo do que as ações "oficiais" sobre questões salariais, operadas à distância pelos burocratas sindicais? Em termos do desenvolvimento da consciência socialista, como se inicia uma luta e do que se trata é de importância fundamental. O socialismo, afinal, é sobre *quem* toma as decisões. Nós acreditamos que isto precisa ser enfatizado na prática desde já.

50. Nos nossos informes sobre conflitos, nossa diretriz é que não se pode *compor* (*tidy up*) a realidade e se ganha mais analisando honestamente as dificuldades reais do que vivendo num mundo mítico, onde os desejos são tomados como realidade. ISTO SIGNIFICA que evitamos o tom "triumfalista" (na verdade *manipulador*) que tanto prejudica a informação industrial e muitas das "intervenções" dos revolucionários tradicionais.

51. Finalmente, a ênfase que o ponto 7 coloca na auto-atividade e a advertência sobre os efeitos daninhos da manipulação, o substitucionismo, ou a confiança em outros para fazer as coisas por um, têm implicações mais profundas, com relevância para nossa própria organização.

52. **8.** Não somos pacifistas. Não temos ilusões sobre contra o que enfrentamos. Em todas as sociedades de classes, a violência institucional pesa forte e constantemente sobre os oprimidos. E mais, os governantes destas sociedades sempre recorreram à repressão física explícita quando seu poder e privilégios estiveram realmente ameaçados. Contra a repressão da classe dominante, nós apoiamos o direito das pessoas à autodefesa por quaisquer meios que considerem adequados.

53. O poder dos governantes se alimenta da indecisão e da confusão dos governados. Seu poder somente será superado caso se confronte com o nosso: o poder de uma maioria consciente e com confiança em si mesma, sabendo o que quer e determinada a consegui-lo. Nas sociedades industriais modernas, o poder de tal residirá onde as massas se congreguem diariamente, para vender sua força de trabalho na produção de bens e serviços.

54. O socialismo não pode ser o resultado de um golpe político, da tomada de algum Palácio ou quartel general da polícia ou da ascensão de algum partido levado a cabo "em nome do povo" ou "para galvanizar as massas". Se fracassam, tudo que tais ações conseguem é criar mártires e mitos, além de provocar uma intensificação na repressão. Se alcançam "êxito", apenas irão substituir uma minoria dominante por outra, ou seja, farão surgir uma nova forma de sociedade exploradora. Tampouco o socialismo pode ser introduzido por organizações estruturadas de acordo com padrões autoritários, hierárquicos, burocráticos ou semi-militares. Tudo o que estas organizações instituem – e se alcançam êxito provavelmente continuarão a instituir – são sociedades semelhantes à sua própria imagem.

55. *A revolução social não é um assunto de partido. Será a ação da imensa maioria atuando segundo os interesses da imensa maioria.* Os fracassos da social democracia e do bolchevismo são o fracasso de toda uma concepção da política, uma concepção segundo a qual os oprimidos poderiam confiar a sua libertação a outros que não eles mesmos. Esta lição está entrando gradualmente na consciência das massas e preparando o terreno para uma revolução genuinamente libertaria.

56. **9.** Posto que rejeitamos o conceito de Lênin de que a classe operária somente pode desenvolver uma consciência sindical ou reformista. ISTO SIGNIFICA que rejeitamos a receita leninista de que a consciência socialista deve ser introduzida nas pessoas do exterior, ou injetada no movimento por especialistas políticos: *os revolucionários profissionais*. Além do mais, e em consequência, não podemos nos comportar como se sustentássemos tais crenças.

57. No entanto, a consciência de massas nunca é uma consciência teórica, derivada individualmente do estudo dos livros. Nas sociedades industriais modernas a consciência socialista surge das condições reais da vida social. Estas sociedades produzem as condições para uma consciência *adequada*. Por outro lado, por tratar-se de sociedades de classes,

normalmente inibem a *afirmação* desta consciência. Aqui repousa tanto o dilema quanto o desafio que os revolucionários modernos enfrentam.

58. Há um papel para os revolucionários conscientes. Em primeiro lugar, por meio da inserção pessoal na própria vida de cada um e, onde for possível, no lugar de trabalho de cada um. (Aqui o perigo principal está nas atitudes do tipo "*mais proletário que tu*", que levam as pessoas a crerem que pouco há para fazer se não são operários industriais, ou pretender ser o que não são, na falsa crença de que as únicas áreas relevantes de luta são as relacionadas com a indústria); em segundo lugar, prestando assistência aos que estão em luta fornecendo ajuda ou informações que lhes são negadas (aqui o perigo principal está em oferecer uma "ajuda interessada" onde o recrutamento do militante para a organização "revolucionária" é um objetivo tanto quanto a vitória na luta em que ele está engajado); finalmente, assinalando e explicando as profundas, e frequentemente ocultas, relações entre o objetivo socialista e o que as pessoas se vêem impulsionadas a fazer pelas suas próprias experiências e necessidades (é isto que queremos dizer quando dizemos que os revolucionários devem contribuir para "explicitar" o conteúdo "implicitamente" socialista de muitas lutas modernas).

59. **10.** Este ponto é para diferenciar *Solidarity* do tipo tradicional de organização política. Como não somos nem pretendemos ser direção de nada, pois não queremos dirigir nem manipular outras pessoas, a hierarquia e os mecanismos manipuladores dentro de nossas próprias fileiras não têm nenhuma utilidade. Por acreditarmos na autonomia ideológica e organizativa da classe operária, não podemos negar aos grupos tal autonomia dentro do próprio movimento de *Solidarity*. Pelo contrário, procuraremos fortalecê-la.

60. Por outro lado, certamente que desejamos influir em outros e disseminar as idéias de *Solidarity* (não apenas idéias quaisquer) tão amplamente quanto possível. Isto requer uma atividade coordenada das pessoas ou dos grupos, que devem ser individualmente capazes de agirem por si mesmos e de encontrar seu próprio nível de envolvimento e suas próprias áreas de trabalho. Os instrumentos para esta coordenação devem ser flexíveis e variados de acordo com o propósito para o qual se pretenda.

61. Não rejeitamos a organização como se implicasse necessariamente em burocracia. Se sustentássemos tais pontos de vista não haveria perspectiva socialista em absoluto. Pelo contrário, sustentamos que são exclusivamente as organizações cujos mecanismos (e suas implicações) são compreendidos por todos que podem fornecer o marco para a tomada democrática de decisões.

62. Não existem garantias institucionais contra a burocratização dos grupos revolucionários. A única garantia é a perpétua atenção consciente e auto-mobilização de seus membros. No entanto, somos conscientes do perigo de que os grupos revolucionários podem se transformar em "*fins em si mesmos*". No passado, as lealdades aos grupos muitas vezes ultrapassaram a lealdade às idéias. Nosso primeiro compromisso é com a revolução social e não com algum grupo em particular, inclusive com *Solidarity*. Nossa estrutura organizativa certamente deve refletir a necessidade de ajuda e apoio mútuos, mas não temos outros objetivos, aspirações ou ambições para além disso, logo não nos estruturamos como se os tivéssemos.

SOCIALISMO OU BARBÁRIE

INTRODUÇÃO

63. Em maio de 1961 ocorreu em Paris uma pequena reunião de socialistas revolucionários. Participaram companheiros de *Socialismo o Barbarie* (França), *Unità Proletaria* (Itália), *Socialism Reaffirmed* (Grã Bretanha), e *Pouvoir Ouvrier Beige* (Bélgica).

64. No documento aprovado nesta ocasião tentou-se redefinir os objetivos e os métodos socialistas de luta à luz da situação do começo dos anos 60. Muito havia ocorrido nas décadas anteriores. A estrutura do capitalismo sofrera profundas mudanças. As esperanças suscitadas pela Revolução de outubro não se haviam concretizado. Além disso, uma monstruosa

burocracia já dominava uma parte considerável da população mundial. No ocidente, as organizações tradicionais da classe operária encontravam enormes dificuldades para lutar e para proceder à realização das aspirações dos trabalhadores.

65. Apesar disso, não faltavam notícias positivas. Em 1956, os húngaros sublevaram-se exigindo que a tarefa de organizar a produção fosse confiada aos operários, que os salários fossem nivelados e que o poder passasse aos conselhos operários. No ocidente, a classe trabalhadora - cuja força e capacidade de luta sobre questões de primeira ordem, totalmente inutilizada, estava intacta e totalmente disponível - emergia lentamente de uma longa e difícil experiência: a de «suas» organizações (fossem partidos ou sindicatos). Os jovens manifestavam uma intolerância crescente pela tradição política parlamentar. Também crescente era a difusão de uma atitude anti-autoritária consciente, e cada vez mais se compreendia a necessidade da intervenção política direta, muito além do velho esquema de delegação.

66. O Documento veio à luz em um período no qual a “esquerda” andava tonta, sem encontrar nenhum caminho de saída efetivo do enredo em que se havia metido. Não conseguia nem sequer compreender o mundo em transformação no qual estava imersa, nem definir uma imagem adequada do socialismo ao novo estado de coisas. Mesmo o conceito de socialismo se havia burocratizado totalmente, por não dizer que havia sido absorvido nas tendências de larga duração do capitalismo (nacionalização, planificação, desenvolvimento econômico, etc.). Idéias e bandeiras que talvez pudessem ter tido algum fundamento cinquenta anos antes eram repetidas, papagaiadas. Tudo isso não era estimulante para ninguém, pois que não tinha nenhuma base sobre a realidade de então. Não era surpreendente que os jovens vissem refletida nas organizações tradicionais da esquerda, precisamente a imagem de tudo que estavam dispostos a lutar para superar.

67. O documento elaborado em 1961 foi uma das primeiras tentativas de reformular do começo ao fim a teoria da revolução. Seus autores pensavam que, sem um desenvolvimento da teoria revolucionária, não haveria nenhum desenvolvimento da práxis revolucionária. O documento continha muitas afirmações precisas, referentes às mudanças funcionais do capitalismo, a natureza de suas atuais contradições, a natureza de classe das sociedades da Rússia e do Leste Europeu, além das relativas ao “Terceiro Mundo” e ao programa dos que estivessem em luta pelo socialismo, no que dizia respeito a como e porque se haviam degenerado as organizações tradicionais da classe operária, ao conteúdo de um autêntico programa socialista e ao tipo de organização revolucionária necessária para levar adiante tal programa. O saldo desta análise – que ainda hoje é válida – mais tarde seria expresso no nosso *Como vemos*.

68. No prólogo ao documento de 1961, se diz que o trabalho de reconstrução da teoria deve “fundar-se solidamente na experiência cotidiana das pessoas normais. Isto pressupõe que se rompa radicalmente com todas as organizações atuais, sua ideologia, sua mentalidade, seus métodos de trabalho, sua atividade. Tudo que existiu ou que existe hoje no âmbito do movimento operário (ideologia, partidos, sindicatos, etc.) acabou irreversível e irremediavelmente, corrompeu e se integrou à sociedade exploradora. Não pode haver soluções milagrosas... Deve-se começar tudo desde o princípio mas empreendendo os movimentos a partir da imensa experiência constituída por um século de lutas operárias, e com o proletariado hoje mais próximo hoje da solução efetiva do problema”. O maio francês, no ano de 1968, ia expor à luz tanto a exatidão dessa análise como a urgência dos objetivos ali propostos.

69. Dos diferentes grupos que participaram na Conferência de Paris, *Solidarity* (que então se chamava *Socialism Reaffirmed*) foi o único que sobreviveu. Alguns dos outros eram prematuros do ponto de vista organizativo; outros, depois de uma longa batalha pioneira nas difíceis condições de então, diminuíram; alguns agora voltaram a linhas políticas mais tradicionais. Entretanto as idéias avançaram. Onde e quando quer que se reúnam revolucionários para discutir política, as teses da Conferência de Paris voltam a ser

consideradas e debatidas. De uma forma ou de outra já são parte integrante do pensamento revolucionário contemporâneo. É difícil se lembrar hoje que, há dez anos temas como “privatização”, “despolitização”, “sociedade de consumo”, ou conceitos como “organizações tradicionais da esquerda”, “autogestão”, “autodireção”, eram usadas e conhecidas por minorias.

70. À luz da história, a aprovação cada vez maior conseguida por esse modo de pensar é muito mais importante que a perpetuação desta ou daquela organização. Atualmente há dezenas de pequenos grupos que se baseiam em tais teses, assim como também há organizações de grande relevo que entraram em crise. Na França, em maio de 1968, a validade desses conceitos encontrou confirmação nos fatos. Por exemplo, Daniel Cohn-Bendit teve oportunidade de declarar explicitamente como seu pensamento político esteve influenciado por eles.

71. Voltamos a publicar o documento depois de muitos anos de sua primeira edição. Entretanto, o movimento libertário aumentou em dimensão, ainda que pareça um pouco confuso. Esperamos que as idéias expostas nestas páginas ajudem a obter uma linha coerente e incisiva, fazendo com que a ação revolucionária possa se desenvolver num futuro imediato.

Maio 1969.

I. A sociedade de classes hoje

A NATUREZA DA SOCIEDADE DE CLASSES

72. **1.** Apesar das grandes transformações sofridas nos últimos cem anos, o capitalismo continua sendo uma sociedade de classes. A luta de classes é o elemento predominante da vida social. A classe operária tem a sua frente as alternativas de sempre: submeter-se a uma exploração, a uma alienação, a uma escravização cada vez maiores, ou destruir o sistema social vigente e instaurar outro, fundado no poder da própria classe operária. Só então será possível reorganizar a sociedade e dar novos fins a vida humana.

73. **2.** As relações de produção estão na base da estrutura de classes de cada sociedade. Em todos os países do mundo, tais relações são capitalistas desde o momento que se funda o trabalho assalariado. Os que recebem o salário, sejam indivíduos ou um grupo social, são expropriados dos instrumentos de trabalho. Dos produtos de seu trabalho e do controle de sua própria atividade. São reunidos em estabelecimentos de diferentes dimensões nos quais estão sujeitos à desumana vontade do capital, personificada pelo aparato administrativo burocrático.

74. **3.** Substancialmente, a sociedade segue dividida em duas classes. Uma dispõe dos meios de produção (tanto de direito como de fato, individualmente ou coletivamente) e faz funcionar segundo seus próprios interesses tanto a produção como o Estado. Determina a distribuição do produto social global e reforça por meio de seu próprio controle sobre o aparato do Estado. A outra classe compreende os que vivem do salário, obtido vendendo a força de trabalho de que dispõem, e que durante as horas em que trabalham não fazem outra coisa senão seguir ordens impostas de cima.

75. **4.** Cada âmbito da atividade produtiva foi se “proletarizando” de maneira progressiva. O capitalismo invadiu todos os setores da economia. Até no nível dos estudos profissionais a forma dominante já é a empresa fundada no trabalho assalariado e organizado em escala industrial. No âmbito da indústria se registrou um incremento do pessoal “não produtivo”, que por sua vez está sendo proletarizado. Esse pessoal, que compreende os empregados de “colarinho branco” da indústria e do comércio, é agora, e será cada vez mais tão proletário como o são os trabalhadores manuais. São também escravos assalariados. Também são vítimas de uma brutal divisão do trabalho e desenvolvem tarefas puramente executivas, e minuciosamente medidas e controladas de cima. Em razão do aumento numérico das funções de tal gênero, também esses foram privados de toda razoável transformação de suas próprias condições de vida.

A CLASSE OPERÁRIA

76. **5.** A evolução do capitalismo não mudou os aspectos essenciais do *status* da classe operária na sociedade moderna. No campo da produção, o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos técnicos e a crescente produtividade das máquinas teve como resultado um incremento da sujeição do trabalhador ao capital. O radical absurdo que é o trabalho no âmbito do capitalismo apareceu com clareza cada vez maior.

77. A luta ao nível da produção é o fator determinante de toda organização do trabalho, e influi até na tecnologia. Em razão da resistência da classe operária à organização burocrática do trabalho, os capitalistas se viram obrigados a submeter a um controle cada vez maior a fábrica inteira e todo aspecto – tanto individual como coletivo – da atividade da classe operária. Tal controle implica uma divisão cada vez maior do trabalho, o aperfeiçoamento cada vez maior dos tempos e dos métodos, uma contínua tendência ao aumento dos ritmos.

78. **6.** Na sociedade moderna, a divisão do trabalho foi levada a limites absurdos. O objetivo é transformar a atividade do trabalhador individual em algo cada vez mais fácil de medir, e, portanto, de controlar. O objetivo é também tornar possível a imposição aos trabalhadores de modos de produzir, contra os quais eles se rebelam continuamente. O ritmo de vida do operário está cada vez mais subordinado ao da máquina.

79. Nos setores produtivos completamente automatizados, as coisas não foram diferentes. A notável tensão nervosa, a sociedade e a monotonia que caracteriza o trabalho de controle das instalações, dão ao trabalhador a mesma sensação de ser destruído enquanto ser humano. O mesmo sucede no trabalho de gabinete e em outros setores da economia. A produção capitalista está caracterizada por uma total alienação do pessoal empregado. O operário está reduzido ao papel de simples “executor” de tarefas infinitamente divididas. É afastado do controle de sua própria atividade e se transforma em um mero instrumento nas mãos dos que organizam o trabalho, em um simples apêndice da máquina.

80. **7.** Apesar de sua capacidade de compra e de consumo aumentar lentamente, o *status* dos operários enquanto tais não mudou substancialmente. Continuam sendo roubados em quase metade do fruto do seu trabalho, com o qual se alimenta o consumo parasitário da classe exploradora, o gasto de um Estado que favorece os interesses dos exploradores e investimentos sobre os quais os trabalhadores não possuem controle algum. A natureza e os fins desses investidores estão determinados pela natureza classista da sociedade, além dos interesses da classe dominante. Esse modo de atuar serve para reforçar e reproduzir um determinado tipo de estrutura social.

81. **8.** Nem sequer mudou o destino dos trabalhadores na vida política e social. Continuam sendo uma classe subordinada. Todo o processo da sociedade moderna (de sua economia, do seu Estado, de sua política de fábrica, de sua instrução, dos objetos que consomem, das notícias que possam chegar a ter conhecimento, das próprias decisões referentes à paz e a guerra) continua sendo decidido por uma minoria que se auto-perpetua. Esteja organizada a sociedade de forma “democrática” ou de forma “totalitária”, a massa da população não tem nenhuma capacidade de influência sobre tal minoria.

O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

82. **9.** O elemento característico da mudança sofrida pelo capitalismo no curso dos últimos cem anos é a crescente concentração tanto do capital como da função diretiva. Nos países de “capitalismo privado” essa concentração assumiu formas muito conhecidas (monopólios, empresas de dimensões gigantescas, trustes e sociedades financeiras, empresas “satélites”, em torno de grandes complexos, “associações”, acordo entre várias empresas, associações por categoria entre capitalistas, etc.). Apesar disso, o elemento específico de tal mudança não é esse, mas sim o novo papel assumido pelo Estado. O Estado se converteu no principal fator

econômico da sociedade contemporânea. O Estado capitalista moderno absorve cerca de 25% da produção nacional total, gerencia (direta ou indiretamente) aproximadamente 50%, ostenta a propriedade determinante do capital total (concentrados em setores essenciais como a energia e os transportes) e finalmente desenvolve a função de supremo juiz dos interesses da classe capitalista.

83. A concentração do capital e a crescente intervenção no campo econômico por parte do Estado capitalista determinou algumas mudanças na própria economia capitalista. Alguns velhos problemas se resolveram, mas surgiram muitos outros problemas. A incapacidade de perceber tais transformações está na base da esterilidade de grande parte do que passa hoje por “*análise marxista*”.

84. As classes dominantes conseguiram ter sob controle o nível da atividade econômica e prevenir as crises de maior relevo. Isto se deve tanto à mudança de estrutura da economia, como à deliberada intervenção do Estado, considerando que a estabilização da atividade econômica não é mais que uma adaptação para garantir a expansão. O desemprego diminuiu enormemente, o aumento dos salários é mais rápido e sobretudo mais regular que antes. Isto se deve tanto às lutas que a classe operária levou adiante quanto a uma nova política dos empresários, que estão dispostos a oferecer algumas concessões salariais em troca de uma disciplina férrea no posto de trabalho. Os aumentos salariais seguem hoje próximos aos da produtividade. Isto significa que permanece mais ou menos constante a relação entre a cota de produção nacional global recebida pelos trabalhadores e a recebida pelos capitalistas.

85. Este aumento e extensão do consumo de massa se revelou indispensável para o bom funcionamento da economia capitalista moderna. Além disso, converteu-se em um aspecto inevitável. O “velho” capitalismo com suas crises econômicas, sua crescente estagnação, o estancamento (quando não a piora) das condições de vida das massas, é uma lembrança do passado. O que caracteriza o capitalismo contemporâneo é que se propaga tanto a produção como o consumo, de vez em quando atrasado por flutuações de modestas conseqüências de breve período. Tal expansão é obtida por uma exploração e a uma alienação cada vez maiores durante o tempo que provém sua própria força de trabalho.

A MUDANÇA DE ESTRUTURA DA CLASSE DOMINANTE

86. **11.** A concentração do capital, em razão de toda uma série de motivos, determinou uma série de mudanças na estrutura social clássica. Tais mudanças se referem à composição social da classe dominante e aos mecanismos de trâmite dos quais os indivíduos particulares podem chegar a fazer parte. Desde o momento em que a “racionalização” e a organização externa de todas as atividades humanas se convertem no traço dominante da sociedade capitalista, a burocratização se difunde em todos os campos da vida social. No curso de tal processo, a riqueza pessoal herdada chega a ser relativamente menos importante do que antes enquanto mecanismo que garante as posições de comando da economia do Estado.

87. **12.** A classe dominante “tradicional” (cuja potência se baseia no controle da indústria pesada, da indústria manufatureira, da navegação, do crédito e dos seguros) está obrigada, cada vez mais, a repartir suas funções administrativas e de direção (tanto da economia quanto da sociedade em geral) que tradicionalmente detinha de maneira exclusiva com uma nova classe burocrática. Esta classe está se tornando parte integrante das sociedades capitalistas modernas. É indispensável para seu funcionamento “eficiente” e reflete as mudanças profundas e irreversíveis ocorridas nas estruturas de suas economias.

88. **13.** Algumas das raízes dessa burocracia se estendem também ao campo da produção. A concentração do capital e a “racionalização” da produção por meio de mecanismos externos ao ato de produzir, fazem necessária a expansão do aparato burocrático ao interior da fábrica. A função deste aparato é “dirigir” o processo produtivo e a força de trabalho, além de coordenar as forças da empresa com o resto da economia.

89. A burocracia encontra também sustentação no crescente número de pessoas dedicadas aos mais altos níveis da atividade estatal (indústrias nacionalizadas, agentes do governo que atuam no campo econômico, etc.). Isto se deve às profundas mudanças conectadas com o novo papel de natureza econômica assumida pelo Estado.

90. Finalmente a burocracia encontra sustentação nas organizações políticas e sindicais da própria classe operária. Para por limite aos operários, para integrá-los cada vez mais à ordem constituída, é necessário um aparato burocrático especial. Tal aparato participa cada vez mais na administração ordinária e extraordinária da sociedade capitalista, da qual é parte integrante.

91. A burocracia não é um agrupamento social homogêneo. Seu grau de desenvolvimento varia de um país para outro. Sua base econômica encontra fundamento no estágio final da concentração capitalista ou na tendência do capitalismo de monopólios à completa fusão com a máquina estatal. Nos países de capitalismo clássico, a burocracia dirigente não se baseia em modos de produção ou de circulação dos serviços que sejam substancialmente novos, mas sim sobre mudanças da base econômica de um capitalismo que, na prática, é sempre o mesmo.

92. **14.** O desenvolvimento da burocracia alterou profundamente a estrutura interna da classe dominante. Novos elementos tornaram-se parte dela como também aumentou o número dos privilegiados. Surgem novos tipos de relações hierárquicas; o processo se desenvolveu de uma maneira bastante desigual, desde o momento em que a resistência das velhas classes dominantes à fusão com as novas classes se revelou bastante diferente de um lugar a outro, sendo maior ou menor segundo o teor dos problemas econômicos com os quais os capitalistas tinham que contar, segundo a pressão exercida pela classe operária por soluções mais radicais e segundo o grau de clarividência histórica que haviam alcançado as classes dominantes.

AS CONTRADIÇÕES PERMANENTES DO CAPITALISMO

93. **15.** As citadas transformações do capitalismo contribuíram, de fato, para reduzir as contradições situadas ao nível da produção e do trabalho e que estão na origem da alienação do operário. O capitalismo tenta transformar os operários em simples executores de ordens estabelecidas por outros, em puras engrenagens das máquinas com as quais trabalham. Mas, paradoxalmente, se tal tentativa fosse bem sucedida o capitalismo terminaria. De fato, enquanto se ocupa sem trégua de excluir os operários do controle e das alternativas operacionais referentes ao seu trabalho, o capitalismo está obrigado a buscar seu consenso e sua participação. Esta contradição domina qualquer empresa capitalista e constitui o âmbito no qual a luta de classes se renova continuamente, por mais alto que seja o nível dos salários.

94. **16.** As tentativas realizadas pelos capitalistas para resolver tal contradição, “racionalizando” as empresas mediante o taylorismo, o estudo científico dos tempos e dos movimentos, o emprego de sociólogos e psicólogos de fábricas, e grandes discursos sobre “a importância das relações humanas”, foram mal sucedidas. Mas nem por isso diminuiu a intensidade da luta de classes que hoje mostra os operários opostos aos dirigentes, em todos os países do mundo em questões e conflitos referentes às condições e aos ritmos de trabalho, além do controle da atividade humana no âmbito do processo de produção.

95. **17.** De diferentes maneiras, a mesma contradição se coloca em relevo em cada aspecto da vida coletiva. A atividade política, por exemplo, está organizada de forma a excluir a grande maioria das pessoas de ocupar o controle efetivo sobre as questões nas quais, ao mesmo tempo, estão diretamente implicadas. A consequência disso é a indiferença e a apatia. Estas, por sua vez, fazem com que as instituições políticas capitalistas se empenhem em funcionar inclusive em sentido favorável aos interesses da classe operária¹¹. Estas organizações, de fato, necessitam de um mínimo de participação autêntica, se não se quiser que apareça claramente sua natureza mistificadora.

¹¹ Na versão de Zero-ZYX diz: “estas, por sua vez, fazem com que as instituições políticas capitalistas se empenhem em funcionar inclusive em sentido favorável aos interesses da própria classe capitalista.” Isto não tem nenhum sentido aqui e adotamos a solução mais plausível. Nota do CICA.

96. **18.** O desenvolvimento e a burocratização do capitalismo não reduziram sua irracionalidade e sua fundamental desordem. Tanto no nível da fábrica como no nível da sociedade em geral, a direção burocrática capitalista é uma mescla de despotismo e de confusão que determinam um gigantesco desperdício humano e material. As classes dominantes e seu aparato burocrático são uma pequena minoria separada tanto da imensa maioria da humanidade como da própria realidade social. Precisamente por isso são incapazes de dirigir efetivamente seu sistema, criado para servir a seus próprios interesses. Estão numa condição cada vez menor para resolver os problemas presentes hoje na humanidade. Em razão disto, e apesar de haver menos crises econômicas de tipo clássico, o capitalismo não é, e será cada vez menos, capaz de evitar as crises de outro tipo: Os momentos nos quais a irracionalidade do sistema em geral explode de uma forma ou de outra, levando consigo derrocadas cíclicas da “administração ordinária” da sociedade.

97. **19.** A crise de todas as instituições capitalistas é mais profunda do que nunca. A cada dia que passa o capitalismo se revela mais incapaz de resolver as relações interpessoais no âmbito do processo produtivo. Mostra-se, além disso, incapaz de resolver qualquer outro problema de relevo da vida social contemporânea. Suas instituições políticas são vistas com desconfiança e desprezo pela maior parte da população, que parece cada vez menos interessada na política “tradicional”. Registra-se uma decadência geral de todos os valores, tanto morais quanto políticos, sociais ou culturais. As crises do conceito tradicional de família e a natureza cada vez mais absurda, artificial e burocrática da “escola” na sociedade moderna, provocaram em todos os países sociais uma gigantesca rebelião juvenil. Hoje a juventude tenta viver sua própria vida tanto fora como contra a ordem estabelecida. Isto tem enormes conseqüências a partir de um ponto de vista revolucionário.

98. **20.** O único objetivo que a classe dominante é capaz de propor à humanidade é a mentira do “crescente nível de vida”. Isto significa somente incremento no consumo de bens materiais. Porém tal incremento é continuamente superado pelo aumento das “necessidades” que a sociedade capitalista gera automaticamente ou cria artificialmente. A luta pelo prestígio e pela conquista de riqueza é muito mais intensa na sociedade moderna industrial que em uma primitiva aldeia africana. O lento, porém regular, crescimento do nível de vida, que é uma característica do capitalismo contemporâneo, encontra sua contrapartida no desgaste e alienação cada vez maior no trabalho, e não basta para conter a latente insatisfação de milhões de indivíduos, nem as tensões sociais que são conseqüências deles. Para confirmar o que afirmamos basta observar com que vivacidade se desenvolve a luta de classes precisamente naqueles países nos quais é mais alto o nível dos salários.

RÚSSIA, EUROPA ORIENTAL, ETC.

99. **21.** As coisas não são diferentes ao leste da Cortina de Ferro. Nestes países, uma burocracia assumiu as funções de direção da economia e do Estado antes assumidas pelos capitalistas privados. Tal burocracia foi fruto, ora da degeneração da revolução proletária (como no caso da Rússia), ora nasceu depois da inclusão de diferentes países na esfera do domínio russo (como no caso da Europa Oriental). Em alguns países “atrasados” a burocracia preencheu o vazio político que se criou após a derrocada completa de todas as relações sociais estabelecidas. Em países como a China, por exemplo, assumiu posições de predomínio graças ao sistema de lideranças proporcionado pelas massas em rebelião. A subida ao poder da burocracia nestes países foi facilitada pela ausência ou debilidade relativa de um proletariado com consciência de classe, capaz de impor suas próprias soluções à crise da sociedade moderna.

100. **22.** Nestes países, a burocracia frequentemente revolucionou as relações de propriedade – em alguns casos expropriou as classes dominantes e em outros se fundiu a elas. Apesar disso, nunca modificou as relações de produção, a contradição - no âmbito do processo produtivo - entre dominantes e dominados. Estas sociedades seguiram sendo

sociedades de classes. Em seu interior a luta não é somente pela redistribuição da mais-valia, mas também em torno da questão de quem deve governar a produção e a sociedade, se a burocracia ou o proletariado.

101. **23.** Nestes países, graças à centralização da vida econômica e a uma ditadura desumana, a burocracia conseguiu assegurar uma veloz acumulação de capital baseada em uma intensa exploração do trabalho. Conseguiu ainda promover a industrialização - nos países em que predomina – mais rapidamente do que nos países de capitalismo privado. Mas a industrialização não é o socialismo. Nem a “racionalização” nem a planificação eliminam as classes e a luta a elas inerente. Sejam privados ou “nacionalizados”, os meios de produção não são de fato uma verdadeira propriedade coletiva na medida em que os trabalhadores não podem dispor realmente deles; em outros termos, não o serão até que os operários controlem direta e totalmente a produção determinando os métodos e os objetivos.

102. **24.** Nos países de que falamos, o controle da burocracia sobre a produção é total. E se dá tanto na totalidade da economia como na empresa individual (na qual, no que diz respeito à organização, métodos de trabalho e sistemas de remuneração, não se registra nenhuma diferença em relação à empresa capitalista). A “planificação” não é objeto de controle por parte das massas, trata-se de um instrumento por meio do qual a burocracia controla a produção, orientando-a segundo seus próprios interesses e objetivos a longo prazo. A ditadura política dos Partidos Comunistas e seu controle absoluto sobre os aspectos da vida são um instrumento necessário à burocracia para que garanta seus próprios privilégios e mantenha seu domínio absoluto sobre a sociedade.

II. O programa socialista

103. **25.** A história demonstra claramente que nenhuma reforma pode mudar o destino do trabalhador na sociedade capitalista ou resolver a crise em que se encontra a sociedade. O programa dos reformistas de outrora já é realidade em muitos países: a sua futilidade encontra confirmação indiscutível nos fatos! A história demonstra, além disso, que nenhuma classe, categoria ou organização pode edificar o socialismo “em nome” do proletariado ou substituindo-o. Ao socialismo somente poder-se-á chegar por meio da destruição radical do sistema social vigente atualmente. Na medida em que este se encontra dominado pela burocracia, só se poderá chegar ao socialismo destruindo todas as burocracias (entre elas as que se dizem “vanguarda do proletariado”), ou seja, por meio da autonomia e da atividade consciente das massas trabalhadoras. “A emancipação da classe operária é uma tarefa da própria classe operária”.

104. **26.** Socialismo significa abolição não só do capitalismo privado, mas sim de todas as classes dominantes e privilegiadas. Significa também a abolição de todos aqueles grupos sociais que pretendem dirigir a produção “em nome do proletariado”.

105. **27.** A revolução socialista deve proclamar e realizar a expropriação dos capitalistas e a supressão da burocracia nas fábricas, no Estado, na sociedade em geral. Deve confiar aos trabalhadores (operários, empregados, técnicos) a gestão das fábricas em que trabalham. Os órgãos dessa gestão serão os conselhos operários, as assembléias de fábrica e de setor, os conselhos de fábrica compostos por representantes eleitos, porém revogáveis a qualquer momento. A produção deverá ser programada em harmonia com as necessidades humanas. Deverá se elaborar um grande número de programas alternativos (para possibilitar as diferentes opções), e o cálculo eletrônico servirá cada vez mais para estudar a interação eficaz dos diferentes setores econômicos. Isto porém, não passa do aspecto técnico da planificação. As consequências dos diferentes programas (referentes a questões de fundo, a partir de um ponto de vista humano, como o horário de trabalho, o nível dos consumos, o nível dos investimentos) deverão ser comunicados à população para que possa se pronunciar a respeito. Assim tornar-se-á possível escolher autêntica e significativamente. E este é o aspecto político da planificação. Dever-se-á abolir todo benefício que decorra da exploração do trabalho.

Salários e pensões deverão ser iguais até o momento em que, na prática, se torne possível a abolição do dinheiro.

106. **28.** Na sociedade contemporânea, o Estado é o alicerce que sustenta todos os sistemas de exploração e de opressão. A revolução socialista deverá destruir o Estado enquanto instrumento de coerção independente e separado da massa.

107. A gestão do aparato produtivo e as formas de organização social deverão ser radicalmente distintas das de hoje. As novas instituições deverão estar nas mãos dos que nela trabalham. O exército e a polícia atuais deverão ser abolidos. O “povo em armas” defenderá o poder revolucionário contra as tentativas da contra-revolução. As ameaças mais graves contra à nova sociedade virão não só da ex-classe dominante, como também das tendências burocráticas que surgem no âmbito da própria classe operária, especialmente por parte dos que reclamam e sustentam que é oportuno que a gestão do aparato produtivo e do poder político esteja confiada à minorias “especializadas”. A atividade do governo deverá estar nas mãos das assembleias de representantes eleitos, e constantemente revogáveis, dos conselhos de fábrica e de outros setores da população trabalhadora.

108. **29.** A revolução socialista dará uma nova meta à vida humana. A desapareição progressiva da anarquia e do desperdício causados pelo aparato burocrático, junto com a mudança na atitude dos trabalhadores até no aparato produtivo realmente sobre seu controle, permitirão à sociedade desenvolver a produção e o consumo até níveis hoje impensáveis. Tal desenvolvimento, não obstante, não será o principal objetivo da revolução socialista. Desde sua declaração inicial, a revolução deverá aspirar conscientemente à transformação do homem. Deverá fazer grandes esforços para obter uma mudança na própria natureza do trabalho (da sujeição à máquina como ocorre hoje, a uma situação na qual as faculdades criativas possam encontrar pleno desenvolvimento). Deverá se criar uma escola permanente e aberta a todos, mas de uma maneira completamente nova. Deverá ser abolida a separação existente hoje entre a educação e o trabalho, entre a preparação para o trabalho intelectual e para o trabalho manual, entre a escola e a vida cotidiana. Dever-se-á eliminar a divisão existente na atualidade entre a cidade e o campo e, por conseguinte, tentar dar vida a comunidades humanas integradas.

109. **30.** Todos estes objetivos não podem ser relegados a um imprevisível futuro “comunista”. Se assim fosse, as pessoas teriam a sensação de que tudo continuaria como antes, em todos os aspectos que as atingem mais de perto. Se assim fosse o dinamismo das massas declinaria. Por amor à “eficiência”, entrariam em ação os “especialistas” e começariam a tomar suas decisões. No princípio, tal modo de proceder poderá estar motivado pelas melhores intenções, mas depois a revolução começará a se degenerar. A revolução socialista tem a possibilidade de ser vitoriosa somente se, desde o primeiro dia, for bem sucedida em propor à humanidade uma nova forma de agir e um novo modelo de vida em todos os campos da atividade humana.

III. A degeneração das organizações da classe operária

110. **31.** Em todos os países de capitalismo moderno, a luta de classes assume aspectos contraditórios. No âmbito da produção, tal luta é de uma intensidade jamais experimentada antes, e se orienta tanto no campo das simples reivindicações de ordem econômica, quanto cada vez mais para os problemas relativos às condições de vida e de trabalho na fábrica. As greves “selvagens” nos EUA e as “não oficiais” na Grã Bretanha são confirmações reiteradas dessa tendência.

111. Por outro lado, fora da fábrica a luta de classes não é tão aguda como antes: ou se manifesta somente de modo prematuro, deformada pelas organizações da classe operária que mobilizam burocraticamente determinadas categorias de trabalhadores; ou a “luta” se resolve no puro e simples apoio eleitoral aos chamados partidos operários. No âmbito político, o tempo atual se caracteriza pela falta quase total de participação proletária. Tal fenômeno (que

se define como “apatia” ou “despolitização”) foi mais amplo do que qualquer nível de atividade política anterior da classe operária, mesmo que de modo temporário.

112. **32.** Na sociedade atual, o proletariado parece não ter seus próprios objetivos. Não se mobiliza, salvo no sentido eleitoral para apoiar os partidos que afirmam representá-lo. Raramente os militantes de tais partidos são trabalhadores. Visto de fora, o proletariado aparece totalmente sob controle dos aparatos de “seus” partidos e de “seus” sindicatos. Mas este controle é cada vez mais exterior e serve como pano de fundo para a ausência total de participação da classe operária. O apoio dos trabalhadores a tais organizações é puramente passivo. As razões de fundo de tal estado de coisas se encontram em dois processos ligados estreitamente entre si: A evolução do capitalismo moderno e a burocratização das organizações da classe operária.

113. **33.** A degeneração das organizações da classe operária não se deve aos “maus dirigentes” que a “traem”. O problema tem raízes muito mais profundas. É, antes de tudo, consequência das pressões e da influência da sociedade capitalista no movimento proletário. Nascidas em sua origem para subverter a sociedade burguesa⁵, as organizações políticas e sindicais da classe operária adotaram cada vez mais os objetivos, os métodos, a filosofia e os modelos organizativos da mesma sociedade contra a qual lutavam. Isto levou a que desenvolvessem no seu interior uma crescente separação entre dirigentes e dirigidos, entre quem dá as ordens e quem as recebe. Este processo culminou no surgimento de uma burocracia da classe operária que não se pode nem renovar nem controlar. Esta burocracia persegue seus próprios objetivos.

114. **34.** As organizações tradicionais continuam afirmando que dirigem a classe operária. Na realidade, vêem na classe operária uma massa de manobra, manejável segundo as idéias pré-concebidas dos que dominam a máquina dos diferentes partidos. Por *emancipação da classe operária* esta gente entende um grau cada vez maior de participação da classe operária na “prosperidade” geral. Os reformistas sustentam que a isto se pode chegar melhorando a organização do capitalismo tradicional. Os stalinistas e os trotskistas defendem na prática que, o que se necessita, é uma mudança na propriedade formal dos meios de produção além de uma planificação de cima para baixo. Sua filosofia comum se resume em aspirar a um aumento da produção e do consumo como o que ocorreu pelo domínio de uma elite de

⁵ Esta é uma diferença importante entre as teorias derivadas do grupo *Socialismo ou Barbárie* e a análise dos comunistas de conselhos. A tese de que a motivação original das organizações operárias era subverter a ordem burguesa, nos leva a ver o problema da degeneração burocrática e reformista como um simples problema de *coerência meios-fins*. A tese conselheira de que os sindicatos e os partidos políticos operários surgiram, na realidade, como expressões do desequilíbrio social da sociedade capitalista imatura do século XIX. Sua finalidade prática era suprimir essa desigualdade extrema e não o capitalismo como tal, apesar das ilusões que os proletários mais radicais da época tivessem sobre suas finalidades. A tese conselheira leva assim a compreender que a contradição efetiva não está entre “meios e fins”, mas sim entre, por um lado, a consciência e as aspirações efetivas de um movimento operário limitado, e, por outro, a necessidade histórica da superação do capitalismo e de sua natureza de classe antagônica e irreconciliável. A aparente incoerência das organizações operárias tradicionais é, na realidade, expressão de sua coerência prática imanente – ainda que tal coerência esteja envolta numa falsa consciência. O que o comunismo de conselhos sustenta é que a coerência revolucionária “meios-fins” somente pode se desenvolver sobre a base de uma aspiração revolucionária radical e do desenvolvimento da compreensão correspondente à superação efetiva do capitalismo, que somente pode ser produto do amadurecimento histórico da luta de classes. A outra tese chega somente a uma explicação estática do problema da “degeneração” (conceito que implica, em si mesmo, um equívoco): esta seria causada pelo estado de alienação produzido e reproduzido pela sociedade capitalista, com suas consequências sobre as formas de consciência (tese 35 do texto); não seria assim um problema do desenvolvimento histórico do capitalismo e da própria luta de classes, e com ela, da subjetividade proletária e sua práxis, desaparecendo do horizonte a determinação histórico-material do processo ou inclusive dissociando dela a construção da práxis proletária e adotando, conseqüentemente, o ponto de vista *ideológico-diretivo* sobre os problemas de desenvolvimento do movimento proletário. A concepção que separa o desenvolvimento da práxis das condições históricas concretas, e por sua vez, o desenvolvimento da consciência do movimento histórico concreto, tende assim a adotar invariavelmente um ponto de vista leninista sobre o problema do desenvolvimento do proletariado como sujeito revolucionário efetivo. *Nota do tradutor e digitalizador para o CICA (R. Ferreira).*

gestores, elevada à condição de uma nova hierarquia baseada na “habilidade”, na “experiência”, na “devoção à causa”, etc. Tal objetivo não é substancialmente diferente dos que se propõe o capitalismo contemporâneo.

115. **35.** A degeneração não se deve a defeitos intrínsecos das organizações da classe operária (como sustentam alguns anarquistas). E tampouco se deve ao fato de que os reformistas e os stalinistas tenham “idéias equivocadas” e apliquem uma “direção incorreta” (como pensam muitos trotskistas e leninistas). E muito menos o desvio se deve à influência negativa de indivíduos particulares (Gaitskell, Stálin, etc.). A verdadeira razão de tudo isto é o fato de que a classe operária, inclusive quando luta por derrubar o sistema capitalista, segue em parte prisioneira dele, e de modo muito mais sutil do que se pode crer habitualmente. Segue prisioneira dele no sentido de que continua concebendo a própria libertação como uma tarefa a ser confiada aos dirigentes de determinadas organizações às quais a classe operária poderia delegar seu próprio papel histórico.

116. **36.** As organizações da classe operária (partidos e sindicatos), burocratizadas como estão, há tempos deixaram de expressar os interesses históricos dos trabalhadores. A burocracia reformista tenta assegurar para si um bom cargo na estrutura governamental do capitalismo como ele é sem propor de maneira alguma sua superação. A burocracia stalinista quer instituir um regime do tipo russo, do qual sairia o grupo social dominante, ao mesmo tempo em que tenta fazer da classe operária ocidental um peão da política exterior do bloco russo.

117. **37.** Apesar de seus periódicos conflitos com a classe dominante, tanto os partidos e os sindicatos reformistas quanto os stalinistas, aspiram em último caso integrar o proletariado na sociedade de classes. São os veículos por meio dos quais as idéias, atitudes e mentalidade capitalistas se infiltram no proletariado. Estas organizações tentam canalizar e controlar todas as formas de expressão de revolução operária contra a ordem estabelecida. Tentam limitar os excessos do sistema, ou melhor, manter a exploração dentro de limites “*toleráveis*”. Dão aos trabalhadores a sensação de estarem representados e de “*participarem*” no governo da sociedade. Sobretudo, continuam negociando concessões salariais em troca de uma crescente submissão da classe operária ao processo produtivo.

118. **38.** As organizações políticas e sindicais da classe operária se deparam com um dilema insolúvel. Por um lado, são parte integrante da ordem estabelecida; por outro, aspiram à manutenção do controle de uma classe que - em virtude das condições de vida e trabalho em que se encontra - está induzida a destruir tal ordem estabelecida. Um conjunto de circunstâncias (tipo de estrutura da classe operária, oportunidade de participar das formas de organização da classe, tradições nacionais, formas organizativas que assume, etc.), pode fazer com que os revolucionários se unam individualmente às organizações citadas. Mas não tem qualquer utilidade a assunção pelos revolucionários de cargos de algum relevo em semelhantes partidos e sindicatos. Do mesmo modo, nas organizações revolucionárias não deve haver o mínimo interesse em se proporem objetivos como o de “*reformá-las*” ou “*apropriar-se delas*”. As ilusões da classe operária referentes à possibilidade de “*democratizar*” ou de mudar estes mecanismos não devem ser nutridas; mais do que isso, deve-se denunciar sua inconsistência. As organizações de que a classe operária necessita só podem estar baseadas em estruturas e ideologias completamente diferentes, e fazer uso de métodos de luta completamente diferentes.

119. **39.** A apatia e a despolitização são frutos da degeneração burocrática. As organizações da classe operária não se distinguem em nada das instituições políticas burguesas. Seus dirigentes lamentam a falta de participação por parte da classe operária, mas sempre que os trabalhadores tentam participar em massa de algum ato ou decisão, logo gritam que a luta “*não está autorizada e que vai contra os autênticos interesses*” do sindicato ou do Partido. As estruturas burocráticas impedem a participação ativa dos trabalhadores. Prostituem a idéia do socialismo reduzindo-a a uma simples variação exterior da ordem estabelecida, para chegar à conclusão de que a participação ativa das massas não é necessária.

120. **40.** A apatia e a despolitização são também resultados das mudanças sofridas pela sociedade capitalista. A expansão econômica, o pleno emprego, o gradual aumento do nível dos salários durante um longo período (que até agora não chegou ao seu fim), deram à classe operária a ilusão do progresso. Um nível de vida cada vez mais alto parece possível e chega a ser uma das principais preocupações do trabalhador. E o capitalismo, de maneira deliberada e muito hábil, instrumentaliza e estimula tal atitude voltando-a a seu favor.

IV. O caminho a seguir

121. **41.** A classe operária possui uma experiência crescente da sociedade capitalista moderna. Atualmente, os trabalhadores estão mais do que nunca em situação de obter uma idéia mais profunda da situação na qual efetivamente se encontram, e de compreender os autênticos problemas que devem levar em consideração se quiserem alcançar sua própria libertação enquanto produtores.

122. O crescimento constante dos consumos, típico do capitalismo contemporâneo, não está privado de seus problemas específicos. A aquisição de cada vez mais bens é possível a preço de um trabalho cada vez mais pesado (que ao mesmo tempo torna impossível o desfrute dos bens adquiridos). As “necessidades” parecem não terminar jamais. A absurda corrida, como galgos* em busca de um nível de vida em contínuo aumento, gera resistências intrínsecas. *Os trabalhadores acabarão se dando conta mais claramente de que o verdadeiro problema é a transformação do processo produtivo; em outros termos, a construção do poder operário.*

123. **42.** Simultaneamente ao aumento de conhecimento, a classe operária percebe de modo cada vez mais claro o fato de que suas organizações estão burocratizadas. Isto fará com que compreendam cada vez melhor que a única solução válida para seus problemas é a ação autônoma, por meio da qual tomarão em suas mãos seu próprio destino.

124. **43.** É evidente, mais do que nunca, que a classe operária está passando precisamente por uma experiência deste tipo. São cada vez mais numerosas, tanto nos EUA como na Grã Bretanha, as greves convocadas para modificar as condições de trabalho nas fábricas. Este problema está se tornando o mais importante entre os quais está envolta a classe operária. Ainda que de forma implícita e em pequena escala, cada vez que os operários “contestam” os direitos da direção, na prática o problema em questão é o de quem deve dirigir a empresa e a produção. O número cada vez maior de greves “selvagens” nos Estados Unidos, e “não oficiais” na Grã Bretanha, demonstra claramente que grande parte da classe operária começa a compreender a verdadeira natureza da burocracia sindical. Os mesmos problemas, em toda sua dimensão efetiva, foram a base da Revolução Húngara de 1956. Durante esta grande rebelião, os trabalhadores tentaram destruir a burocracia enquanto tal e conseguir o controle da produção por meio de conselhos operários, órgãos de seu poder.

125. **44.** Para superar o presente estado de coisas, a classe operária deve se dotar de sua própria organização revolucionária. É cada vez mais óbvio que os trabalhadores comprometidos hoje na luta de classes têm a necessidade de organizações desse tipo. O que se demonstrou claramente na experiência da greve geral que recentemente eclodiu na Bélgica.

V. A organização revolucionária

126. **45.** O nascimento de uma nova organização revolucionária será inútil (e além disso impossível) se suas idéias, seu programa, sua estrutura e seus métodos operativos não se basearem na experiência histórica da classe operária, em particular na dos últimos quarenta anos. Isto significa que se deverá apreender todos os ensinamentos possíveis do período que ficou caracterizado pela burocratização e que se deverá romper com qualquer costume ou

* Galgos são uma espécie de cães com os quais se promovem corridas, tal como em um jôquei, porém a peculiaridade desta competição é o fato desses animais correrem atrás de um coelho mecânico que está sempre à sua frente e jamais será alcançado. Nota do Tradutor.

resquíio do passado. Somente assim poder-se-á dar uma resposta efetiva aos problemas reais, e frequentemente novos, que se imponham à classe operária nos próximos anos.

127. **46.** *Deve-se mudar radicalmente tanto o conceito de crise da sociedade moderna quanto a crítica do capitalismo.* A crítica ao modo de produção e ao modo de trabalho, próprios do capitalismo, deve ser um dos primeiros objetivos da organização revolucionária. Devemos deixar de pensar que o capitalismo organiza as fábricas de maneira racional, estuda racionalmente o maquinário e organiza o trabalho de modo “eficiente” ainda que talvez um pouco brutal e com fins equivocados. Devemos afirmar o que cada trabalhador de cada país vê muito claramente: *que o trabalho se tornou absurdo, que implica na constante opressão e castração de quem trabalha e que a organização burocrática do trabalho está na origem da confusão e dos desperdícios sem fim.*

128. Naturalmente, a pobreza material, na medida em que exista, deve ser denunciada assim como os critérios com os quais o capitalismo escolhe o que oferece ao consumo. Não basta criticar a escassez de vagas para a escola: é preciso desmascarar o conteúdo da instrução capitalista. Devemos criticar o conceito de escola como algo separado da vida e da sociedade. Não é suficiente exigir mais locais para a moradia: é preciso denunciar o conceito de cidade-quartel e o modo de vida que nela se obtém.

129. Não basta dizer que os governos atuais representam os interesses de uma classe privilegiada. Devemos criticar também toda a forma e o conteúdo da política contemporânea, que é uma tarefa reservada aos “viciados em trabalho” que se interessam somente por um pequeno número de problemas bastante circunscritos. Uma organização revolucionária deve romper com o modelo tradicional de fazer política. E deve, além disso, demonstrar que a política revolucionária não se reduz ao problema dos salários, do governo e dos assuntos exteriores, mas sim que interfere em todo o concernente ao homem e sua vida social.

130. **47.** *Deve-se desmascarar a confusão referente ao programa do socialismo causada pelas organizações degeneradas (reformistas, stalinistas ou trotskistas).* A idéia de que o socialismo consiste somente na nacionalização dos meios de produção e na planificação (e de que seu objetivo essencial é o aumento da produção e do consumo) deve ser combatida implacavelmente. Deve-se deixar claro, sem trégua, como tais conceitos se identificam com as linhas fundamentais do capitalismo.

131. O socialismo significa o governo operário da produção e da sociedade, e o poder aos conselhos operários. Isto deve ser abertamente proclamado e explicado, estando atento a experiência histórica. Essencialmente, o socialismo implica restituir a cada homem de domínio sobre sua própria existência, a transformação do absurdo modelo de trabalho para se ganhar o pão em uma ação livre e criativa de indivíduos e grupos, além do surgimento de comunidades humanas integradas e a fusão da cultura com a vida cotidiana. Este conteúdo chamado de socialismo não deve ser escondido vergonhosamente por parecer uma reflexão abstrata sobre um futuro indeterminado. Ao invés disso, deve-se propor como a única resposta possível aos problemas que torturam e sufocam a sociedade atual. O problema do socialismo deve ser proposto como o que ele é: *um projeto de humanização do trabalho e da sociedade.* O socialismo não é um quintal de agradável tempo livre anexo à prisão industrial. Não é um rádio de transistores** presenteado aos detentos. É a destruição da prisão industrial.

132. **48.** As organizações tradicionais da classe operária partem do pressuposto que as questões salariais são o problema principal dos trabalhadores e que o capitalismo não está em condição de satisfazer suas reivindicações neste sentido. Esta é uma idéia já abandonada porque não mais corresponde com precisão à realidade. As organizações revolucionárias que atuam no âmbito dos sindicatos não devem buscar êxito tentando superar os outros grupos no âmbito das demandas por aumentos salariais. Frequentemente, a direção sindical já se compromete em tal sentido, e ao final, o sistema capitalista consegue atender o que sem muita

** A expressão “rádio de transistores” à época queria significar o que havia de mais avançado tecnologicamente em eletroeletrônicos. Para uma analogia atual, seria algo como um “mp3 player”, por exemplo; e quer representar um “agrado” para reconfortar diante de um abuso sofrido. Nota do Tradutor.

dificuldade. A capacidade do sistema para conceder tais aumentos salariais é - na prática - a base da permanente opção reformista dos sindicatos. O capitalismo contemporâneo só pode sobreviver se conceder freqüentes aumentos salariais: por isto, os sindicatos burocratizados e reformistas são indispensáveis. Isto não significa que os revolucionários devam sair do sindicato e não mais lutar por conquistas salariais. Significa, não obstante, que nem uma coisa nem outra têm a importância primordial que antes lhes era atribuída.

133. **49.** Na sociedade contemporânea a exploração assume cada vez mais a forma de uma relação hierárquica. A “necessidade” da organização hierárquica se afirma ao mesmo tempo pelos capitalistas e pelas organizações operárias. Efetivamente, tornou-se a base ideológica fundamental do sistema. O movimento revolucionário deve promover uma luta sistemática contra a ideologia da hierarquia em todas as suas manifestações, incluídas aqui a hierarquia dos salários e dos trabalhos nas fábricas e nas próprias organizações operárias.

134. **50.** Em qualquer luta, o modo pelo qual se busca o resultado é tão importante quanto o próprio resultado. Do ponto de vista da eficiência, as ações organizadas e dirigidas pelos próprios operários são superiores às decididas e guiadas burocraticamente. Somente as primeiras criam as condições que tornam possível um progresso, posto que somente elas ensinam os operários a gerir por si próprios seus interesses. A atividade do movimento revolucionário deveria estar fundada, antes de tudo, no critério de buscar intervir não para substituir e sim para desenvolver a iniciativa e a autonomia dos trabalhadores.

135. **51.** Mesmo quando, no âmbito da produção, as lutas alcançarem uma grande intensidade, será difícil para os operários passarem de um conhecimento da própria experiência imediata à compreensão dos problemas da sociedade em sua totalidade. Neste campo, a organização revolucionária deve desenvolver um papel de primeiro plano. Com isto não nos referimos à agitação estéril ou à especulação sobre os escândalos que pululam na vida dos partidos capitalistas ou dos partidos operários degenerados. Tal tarefa consiste, em demonstrar como o sistema sempre funciona em prejuízo dos trabalhadores, que não podem resolver seus próprios problemas de outra maneira senão suprimindo o capitalismo e a burocracia, e construindo uma sociedade completamente nova. Consiste, além disso, em tornar claro que existe uma profunda e arraigada analogia entre seu destino de produtores e o de homens na sociedade. Nem o primeiro nem o segundo podem ser mudados a não ser que se elimine a divisão da sociedade em duas classes: a que decide e a que se limita a seguir as ordens. Somente graças a um longo e paciente trabalho em tal sentido tornar-se-á possível propor novamente – e em termos corretos – a questão da mobilização dos operários frente a problemas de ordem geral.

136. **52.** Na sociedade moderna, a revolução dos jovens e a ruptura entre as gerações obtiveram um relevo que jamais havia tido outrora. Hoje, os jovens não se colocam contra os adultos com o propósito de tomar-lhes o posto, no âmbito de um sistema social estabelecido e aceito. Eles rechaçam tal sistema, não reconhecendo nele valores edificantes. A sociedade contemporânea está perdendo suas amarras nas novas gerações que produz. E tal ruptura é particularmente radical no âmbito político. A grande maioria dos operários politicamente ativos, e dos que apóiam as tradicionais organizações da “*esquerda*”, qualquer que seja sua boa fé e vontade, não podem se colocar numa perspectiva de autêntica *renovação*. Permanecem iludidos com a ideologia de um tempo que já passou. Repetem mecanicamente as lições e as frases aprendidas outrora, frases que hoje não mais possuem qualquer conteúdo revolucionário. Permanecem unidos a esquemas operacionais e organizativos que são equivocados.

137. **53.** Deve-se mudar a idéia referente à relação que existe entre o proletariado e a organização revolucionária. A organização não é e não pode ser a *direção* do proletariado. Deve constituir um *instrumento* para a luta proletária.

138. **54.** A organização revolucionária não estará em condição de combater a tendência à burocratização (que, no ambiente capitalista, reaparece sem trégua) se não funcionar segundo os princípios da democracia proletária e de um modo conscientemente anti-burocrático. Isto

implica numa recusa radical do “*centralismo democrático*” e de todas as demais estruturas organizativas que favorecem a burocratização. Uma organização autenticamente revolucionária implica: a) na autonomia mais ampla possível de todos os grupos locais; b) a democracia direta em todos os casos possíveis; c) delegados eleitos e revogáveis a qualquer momento pelos grupos locais que representam, em todos os casos nos quais a centralização das decisões se mostre necessária.

139. Para vencer a tendência à burocratização, é necessário muito mais do que garantias constitucionais. Somente se vencerá na medida em que se realize uma autêntica participação coletiva de todos os membros, tanto na atividade como na formulação da linha política.

140. **55.** A consciência revolucionária não pode ser unicamente fruto da propaganda. A organização revolucionária deve participar nas lutas dos operários e dos outros extratos da população, tanto os ajudando quanto aprendendo com eles. Inclusive declarando-se incondicionalmente a favor dos trabalhadores, nas lutas nas quais eles se comprometem. Considerando seus interesses imediatos, a organização deve buscar clarear e concretizar os nexos existentes entre tais lutas e os objetivos históricos do movimento proletário (demanda por igualdade salarial, rejeição da alienação do operário no âmbito da produção). A organização deve apoiar todos os métodos que possibilitem a ação coletiva e o controle por parte dos trabalhadores das lutas que eles próprios levam adiante (comitês de greve eletivos e revogáveis, reuniões de massa dos trabalhadores antes da tomada de decisões importantes, etc.). Deve se opor às formas organizativas de tipo burocrático e difundir a idéia da criação de instituições mais representativas (como os conselhos de fábrica). Finalmente, deve construir a máxima solidariedade possível com os trabalhadores em luta, dar informações precisas e difundi-las, além de extrair os ensinamentos possíveis relacionados com os objetivos de longo prazo.

141. **56.** A organização revolucionária deve também tentar aproximar as lutas proletárias das lutas dos outros extratos da população, que não tem voz nem voto nas questões que lhes interessam imediatamente. Quanto a isto, o movimento pacifista é uma entidade a ser levada particularmente em conta. Ela também, de fato, contradiz profundamente a ordem estabelecida. Também não pode se movimentar além das organizações tradicionais. Também suscita o entusiasmo dos jovens e pode gerar formas novas de luta e de organização muito significativas para a futura construção do socialismo.

142. Parte da propaganda e das atividades da organização revolucionária devem ser dirigidas aos novos extratos de trabalhadores assalariados (“*colarinhos brancos*”, empregados de escritório, estudantes e intelectuais). Deve-se demonstrar continuamente a semelhança entre os objetivos de tais extratos e os da classe operária, assim como a autêntica solução de seus problemas que é única para ambos: ou seja, a democratização completa da sociedade por meio da revolução socialista.

143. **57.** A propaganda revolucionária deve ir além. Seu objetivo deve ser também dar uma interpretação e significado gerais às experiências da classe operária, para elevar a luta do âmbito da fábrica ao da sociedade em sua totalidade. Isto implica numa crítica da sociedade capitalista em todos os seus aspectos, segundo a linha de conjunto que descrevemos nestas páginas. Isto implica, além disso, em levar à classe operária o verdadeiro programa do socialismo: a gestão coletiva de uma sociedade autenticamente humana.